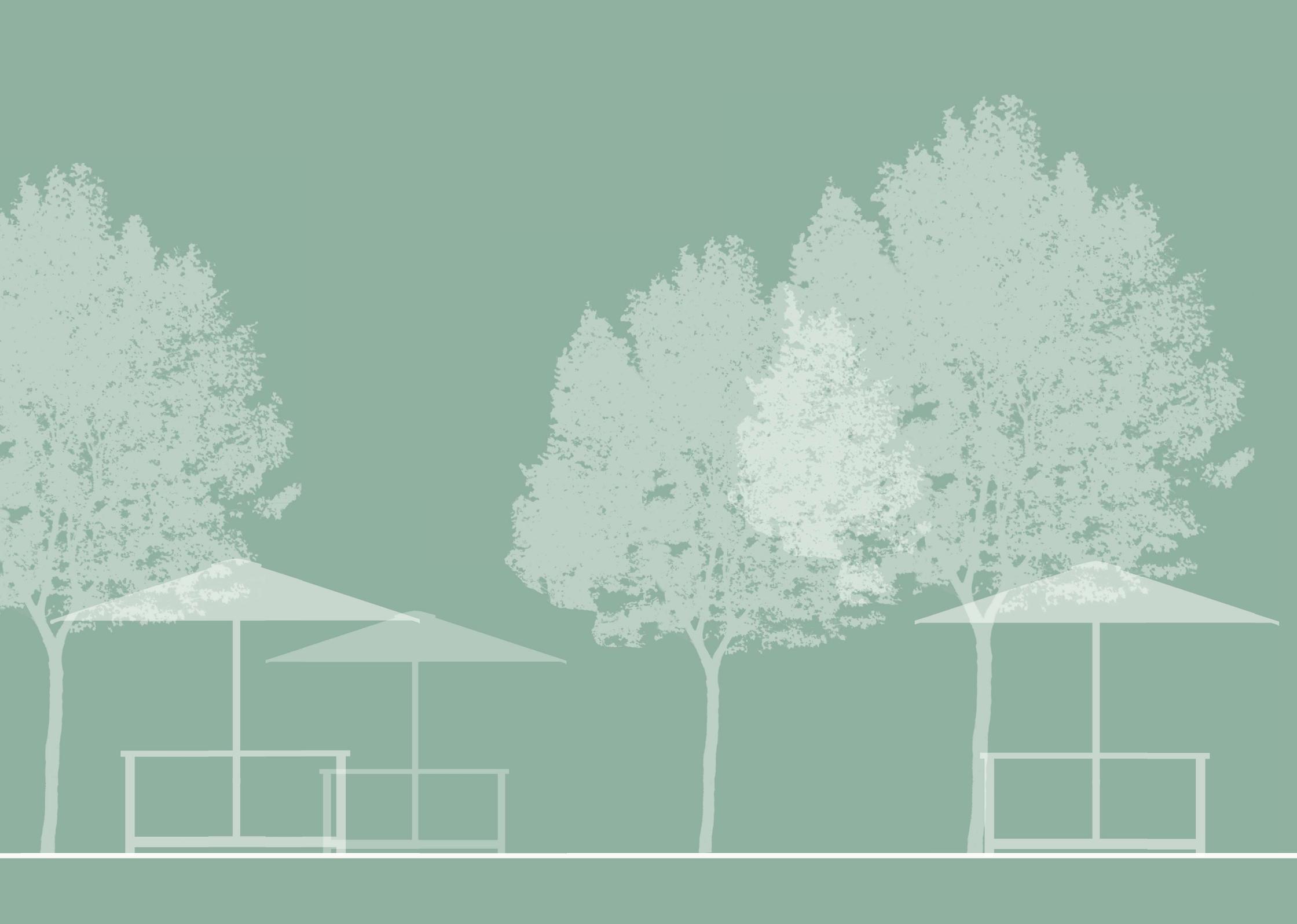




REESTRUTURANDO O MERCADO PÚBLICO E A FEIRA LIVRE DE SAPÉ

VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA
TCC - ARQUITETURA E URBANISMO 2022.2 UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA

REESTRUTURANDO O MERCADO PÚBLICO E A FEIRA LIVRE DE SAPÉ

ANTEPROJETO DE INTERVENÇÃO URBANA PARA O
MERCADO PÚBLICO E A FEIRA LIVRE DE SAPÉ - PB

Trabalho Final de Graduação apresentado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período letivo 2022.2, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Passos.

JOÃO PESSOA
JUNHO/ 2023

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA

Monografia apresentada em: 12/06/2023

Banca examinadora:

ORIENTADORA PROF^a DR.^a LUCIANA PASSOS

1 EXAMINADOR PROF. DR. CARLOS NOME

2^a EXAMINADORA PROF^a. M^a. THUANY MEDEIROS

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729r Souza, Vivian Figueiredo de.

Reestruturando o mercado público e a feira livre de Sapé: anteprojeto para o mercado público e a feira livre de Sapé - PB / Vivian Figueiredo de Souza. - João Pessoa, 2023.

119 f. : il.

Orientação: Luciana Andrade dos Passos.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Intervenção urbana. 2. Sustentabilidade. 3. Feiras livres. 4. Mercados públicos. 5. Organização espacial. I. Passos, Luciana Andrade dos. II. Título.

UFPB/CT/BSCT

CDU 72:711(043.2)

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me criou e cuidou de mim praticamente dentro da feira, sobre a qual apresento este estudo, me inspirando, me auxiliando, me incentivando e me compreendendo nos dias de ausência em que me dediquei a este trabalho.

Aos meus amigos que me auxiliaram nos momentos difíceis, em que quis desistir, por todo apoio e ajuda que recebi enquanto me dedicava a este trabalho.

Aos meus pais e irmã, Vitoria, que me auxiliaram com seu conhecimento, nos registros e medições e me compreenderam nos dias em que não pude estar presente.

Aos meus professores, Luciana Passos e Carlos Nome, que me guiaram por todo o caminho nessa difícil tarefa, me apontando a direção correta sempre que me perdia e não sabia como prosseguir.

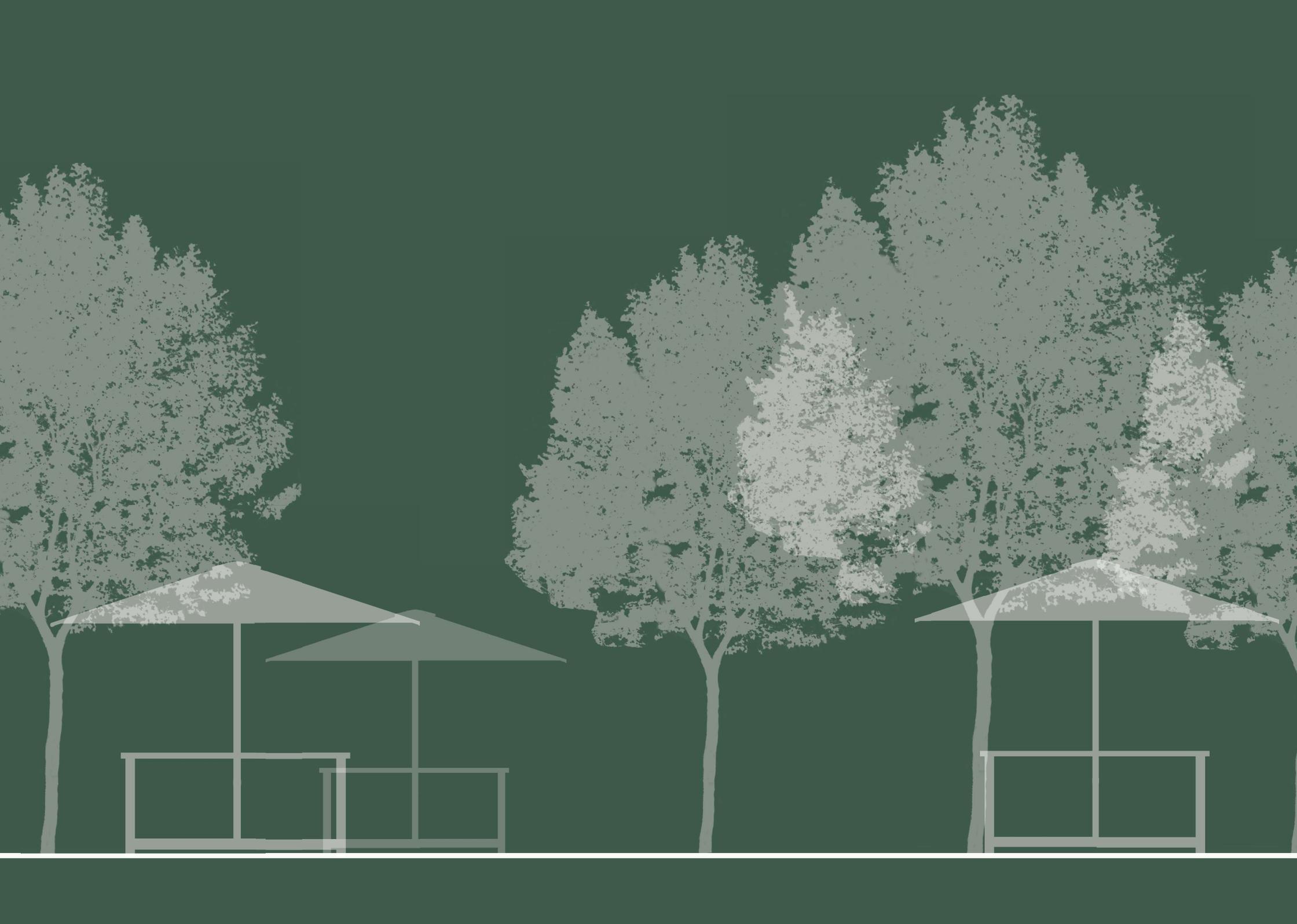
Ao meu noivo, Lucas, que me apoiou durante todo o processo e me ajudou a não desistir, mas a seguir em frente, sempre acreditando em meu potencial.

A todos, o meus muitíssimo obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso reflete sobre a importância das vivências e dinâmicas presentes nas feiras livres e mercados públicos, investigando suas características, dinâmicas e mobiliário. O foco é explorar propostas que organizem o grupo de comerciantes que atua na feira livre e no mercado público de Sapé-PB. Para alcançar esses objetivos, foi realizado um mapeamento abrangente da área de estudo, incluindo a contabilização de barracas, comerciantes, arranjos físicos, categorias de mercadorias, perfis dos transeuntes e problemas locais. Em seguida, foi desenvolvido um quadro resumo que abrange metas, fatos, conceitos, necessidades e problemas, utilizando a metodologia do *Problem Seeking*. Posteriormente, foi conduzido um estudo detalhado, considerando a setorização das mercadorias, as diferentes pessoas que atuam na feira livre, os principais arranjos físicos, o fluxo de pessoas e as atividades desenvolvidas. Esse estudo culminou no projeto de intervenção urbana, que foi apresentada por meio de plantas de fluxo, de uma proposta de nova pavimentação, de reforma e reorganização do mercado público, da proposta de um mobiliário montável, da inserção de jardins de chuva com vegetação aplicada à fitorremediação, além da utilização de uma cobertura que aproveita a iluminação natural. Essas propostas visam criar um ambiente mais organizado e funcional, proporcionando melhorias para os feirantes, comerciantes e frequentadores. Espera-se que este estudo contribua para a valorização e o aprimoramento das feiras livres e dos mercados públicos, ressaltando sua importância cultural, econômica e social. Mediante a implementação das propostas apresentadas, é possível promover uma melhor experiência para todos os envolvidos, revitalizando esses espaços e fortalecendo sua relevância na cidade de Sapé-PB.

Palavras-chave: Feiras livres. Mercados públicos. Organização espacial. Intervenção urbana. Sustentabilidade.





As feiras livres, mais que espaços de comércio, são locais que representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram a produção local e a circulação de mercadorias[...]

Um lugar de conversa e encontro, participação e vizinhança {...] proporcionam ao imaginário popular um universo de proximidades, de figuras, de encantamento, de repulsa e confusões, de fronteiras.

Elas oferecem um mergulho em um ambiente de sons estranhos, gestos, imagens, pessoas, animais e coisas.

Freitas, Fontes, Oliveira, 2008, p.03.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Estados utilizados como base no estudo de Freitas (2015)	17
Figura 02 - <i>Problem Seeking</i> , tabela	20
Figura 03 - Método de mapeamento utilizado na feira livre	22
Figura 04 - Consumidor e comerciante	29
Figura 05 - Mercado municipal de Florianópolis	31
Figura 06 - Mercado municipal de Porto Alegre	33
Figura 07 - Planta do mercado de Ananindeua	34
Figura 08 - Mercado de Ananindeua	34
Figura 09 - Jardim de chuva na rua Almirante Gonçalves	37
Figura 10 - Corte do jardim de chuva	37
Figura 11 - <i>Canavalia ensiformes</i> (Feijão-de-Porco)	38
.....	38
Figura 12 - <i>Cajanus cajan</i> (Guandu)	38
Figura 13 - Compostagem em São Paulo	39
Figura 14 - Localização	41
Figura 15 - Localização feira livre	43
Figura 16 - Atividades	47
Figura 17 - Usuários em circulação e espaço ocupado	49
.....	49
Figura 18 - Planta do mercado público	51
Figura 19 - Exemplo de tarimba utilizada no mercado público	53
Figura 20 - Proporção aproximada de barracas para cada barraca de grãos secos	53
Figura 21 - Planta baixa da feira livre	55
Figura 22 - Área ocupada pela feira livre	57
Figura 23 - Proporção aproximada de barracas para cada barraca de lanches	58
Figura 24 - Mapa de usos e fluxos na feira livre	59
Figura 25 - Legenda das mercadorias	60
Figura 26 - Setorização da feira livre	61
Figura 27 - Barracas utilizadas na feira livre	63
Figura 28 - Menor densidade e maior densidade entre setores	63
Figura 29 - Principais arranjos utilizados pelos feirantes	66
.....	66
Figura 30 - Necessidades gerais de cada tipo de mercado-	

ria.....	69	Figura 46 - Planta baixa do mercado público	88
Figura 31 - Mapa para vistas	70	Figura 47 - Corte AA, BB e CC	89
Figura 32 - Registros da feira livre e do mercado público	71	Figura 48 - Estrutura mercado público	90
Figura 33 - Mapa de usos.....	72	Figura 49 - Perspectiva da estrutura da cobertura da feira li- vre	90
Figura 34 - Mapa de pavimentação e hierarquia viária	73	Figura 50 - Caixas hortifrúteis como mobiliário	91
Figura 35 - Diretrizes da feira livre	78	Figura 51 - Bancas de madeira	91
Figura 36 - Diretrizes do mercado público	79	Figura 52 - Tarimbas	92
Figura 37 - Fluxograma	80	Figura 53 - Recorte do térreo, tarimbas	92
Figura 38 - Evolução volumétrica da cobertura na feira livre	82	Figura 54 - Vegetação representação em projeto parte 1	93
Figura 39 - Evolução volumétrica do mercado público	83	Figura 55 - Vegetação representação em projeto parte 2	93
Figura 40 - Evolução volumétrica final	83	Figura 56 - Pavimentação do mercado público e da feira li- vre	94
Figura 41 - Zoneamento	84	Figura 57 - Materialidade	95
Figura 42 - Legibilidade	85	Figura 58 - Cheios e vazios da cobertura do mercado público	95
Figura 43 - Corte esquemático ventilação e iluminação	85	Figura 59 - Planta com pontos de inserção de lixeiras	59
Figura 44 - Circulação interna.....	84	Figura 60 - Perspectiva entrada da feira livre	60
Figura 45 - Acessos e circulação.....	85		

Figura 61 - Perspectiva centro da a área laranja na feira livre	98
Figura 62 - Perspectiva da entrada do mercado público	99
Figura 63 - Perspectiva interna do mercado público	100
Figura 64 - Centro da área amarela	101
Figura 65 - Perspectiva da entrada pela avenida Rio Branco	102
Figura 66 - Área de apoio interna	103
Figura 67 - Praça de alimentação externa.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Produtos e mercadorias mapeados	21
Tabela 02 - Comparativo mercados	35
Tabela 03 - Quantificação geral por mercadoria dos comerciantes e barracas	52
Tabela 04 - Quantificação geral por mercadoria dos comerciantes e barracas da área 1 e 2	56
Tabela 05 - Quantitativo de barracas e área por setor	62
Tabela 06 - Três principais mercadorias comercializadas em cada setor	65
Tabela 07 - Programa de necessidades	81

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01 - Principais locais de compra para aquisição de produtos alimentícios	17
Gráfico 02 - Principais locais de compra para aquisição de frutas	17
Gráfico 03 - Pirâmide etária	42
Gráfico 04 - Gráfico rosa dos ventos de dia	43
Gráfico 05 - Principais arranjos utilizados pelas cinco principais mercadorias mais ofertadas	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Quadro <i>Problem Seeking</i> parte 01	74
Quadro 02 - Quadro <i>Problem Seeking</i> parte 02	75

1.

14	INTRODUÇÃO
18	1.1 JUSTIFICATIVA
18	1.2 OBJETO/ RECORTE
19	1.3 OBJETIVO GERAL
19	1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS
19	1.5 METODOLOGIA

2.

23	REFERENCIAL TEÓRICO
26	2.1 CULTURA
27	2.2 VIVÊNCIAS

3.

30	REFERENCIAL PROJETUAL
31	3.1 MERC. P. DE FLORIANÓPOLIS
32	3.2 MERC. P. DE PORTO ALEGRE
34	3.3 MERCADO DE ANANINDEUA
36	3.4 JARDIM DE CHUVA
37	3.5 FITORREMEDIAÇÃO
38	3.6 COMPOSTAGEM

4.

40	ESPAÇO, ENTENDENDO O LUGAR
----	-----------------------------------

SÚMARIO

5.

CARACTERIZANDO A FEIRA LIVRE E O MERCADO PÚBLICO

5.1 MOMENTOS	45
5.2 ATIVIDADES	46
5.3 PRODUTOS COMERCIALIZADOS	50
5.4 ENTENDENDO O ENTORNO	68
5.5 ANÁLISE FINAL	74

6.

PROJETO, APRESENTANDO O PARTIDO ARQUITETÔNICO

6.1 FLUXOGRAMA E PROGRAMA DE NECESSIDADES	80
6.2 CONCEPÇÃO VOLUMÉTRICA	82
6.3 ZONEAMENTO E CONDICIO- NANTES CLIMÁTICOS	84
6.4 ACESSOS E CIRCULAÇÃO	86
6.5 ESTRUTURA	90
6.6 MOBILIÁRIO E TARIMBAS	91
6.7 VEGETAÇÃO	93
6.8 MATERIALIDADE	94
6.9 ESPACIALIDADE	97

7.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

105

8.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFI- CAS

107

1. INTRODUÇÃO

ENTENDENDO O TRABALHO



As primeiras feiras livres remontam ao tempo da antiguidade, ganhando maior notoriedade e sendo oficializadas durante a revolução comercial no século XI, na Idade Média, segundo Almeida (2009 apud SOUZA, 2015). Conforme Huberman (1981), elas surgiram com o objetivo de abastecer regiões na Europa reunindo comerciantes e produtos em maiores quantidades, abrangendo áreas imensas de forma a suprir a demanda que os mercados públicos construídos na época não conseguiam, tendo em vista seu funcionamento mais local.

Conforme Oliveira Júnior (2006), entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, os mercados e as feiras livres foram responsáveis pela distribuição e comercialização de alimentos junto à população urbana. Todavia, como aponta Silveira et al. (2017), com o decorrer do tempo, elas passaram a perder espaço perante o surgimento e o crescimento de novas formas de comercialização, como os supermercados, embora sigam resilientes até os dias atuais.

Com o avanço tecnológico presente em redes de supermercado, atacados e pontos comerciais semelhan-

tes, a ligação entre consumidor e vendedor está gradualmente se extenuando. Atualmente algumas dessas redes vêm implantando sistemas de *Self-checkout*, uma forma de transação que, segundo Sydle (2022), consiste em o cliente atender às suas demandas com uma empresa, por si mesmo, sem necessitar entrar em contato com atendimento humano. De acordo com Catraca Livre (2022), em 2020, 29% das transações varejistas foram realizadas através do *Self-checkout*.

Perante o potencial econômico gerado pelas redes de varejo, comparativamente à receita gerada por feiras livres, muitos feirantes não se sentem cidadãos assim como não são tratados como tal. Sua situação de pobre parece torná-los invisíveis, da mesma forma que essa invisibilidade aparenta justificar a não intervenção estatal dentro do ambiente de trabalho deles. Ademais, essa invisibilidade que tanto incomoda, também aparenta ser usada como segurança para esses indivíduos, afinal se são vistos, também são punidos e com medo de que haja alguma punição, impede-se a busca por melhorias (FREITAS, FONTES E OLIVEIRA, 2008).

Entretanto, enquanto redes de supermercados e atacados parecem inclinar-se cada vez mais para o distanciamento entre os atores do seu espaço, feiras-livres trabalham alicerçadas nesse contato para fazer a diferença e conquistar a confiança dos consumidores.

Segundo Freitas, Fontes e Oliveira (2008), as feiras-livres, mais do que pontos comerciais, também expressam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, se exteriorizando na produção e na circulação de mercadorias daquela região. Suas vivências e dinâmicas únicas, ante os avanços tecnológicos e crescimento das redes de supermercados e atacados, permitiram que elas sobrevivessem até agora, resilientes, ainda que sem apoio por muitos que atualmente as consideram obsoletas e anacrônicas.

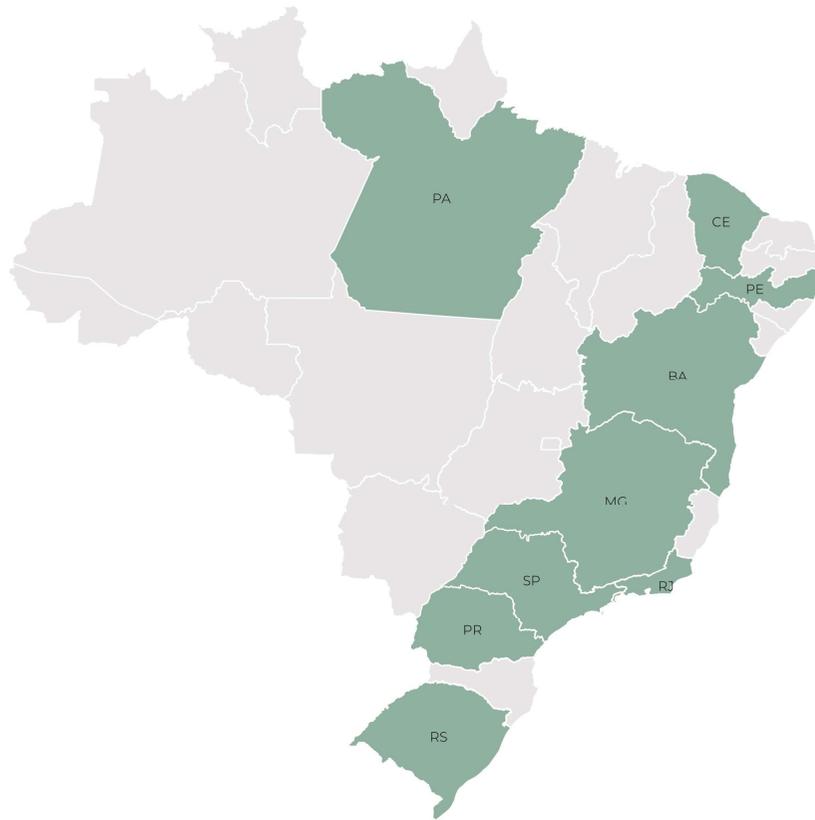
Dados como os apresentados por Freitas (2015), extraídos dos estados apontados na figura 01, mostram seu potencial comercial. Segundo o autor, no ano de 2008/2009, as feiras livres se encontravam em sétimo lugar nos principais locais de busca para aquisição de produtos alimentícios nas regiões metropolitanas, com

2,34% de participação, enquanto ocupavam o quinto lugar nas cidades do interior, com 5,64% de participação, como mostra o gráfico 01.

Além disso, quando analisado o subgrupo de frutas, sua participação cresceu consideravelmente, encontrando-se em quarto lugar nas regiões metropolitanas, com 10,36% de participação, e subindo para o segundo lugar nas cidades interioranas, com 23,72% de participação, pouco atrás dos supermercados, com 26,29%, conforme observa-se no gráfico 02.

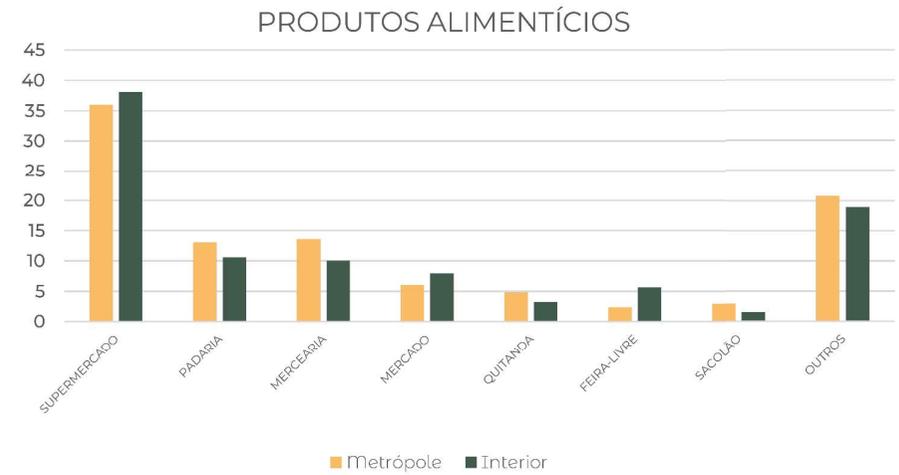
Nesse contexto, é na busca por um ambiente que preserve as características inatas da feira-livre e que proporcione um melhor local de trabalho para os comerciantes que lá residem, está a proposta desenvolvida neste trabalho. Assim como apresentado, com grande influência das feiras nas cidades do interior, o objeto de estudo deste trabalho se encontra na cidade de Sapé-PB, município localizado no interior da Paraíba, na mesorregião da Mata Paraibana. Segundo dados do IBGE, o município dispõe de cerca de 53 mil habitantes, caracterizando-se como uma cidade centro local classe 5. É uma cidade

Figura 01 - Estados utilizados como base no estudo de Freitas(2015)



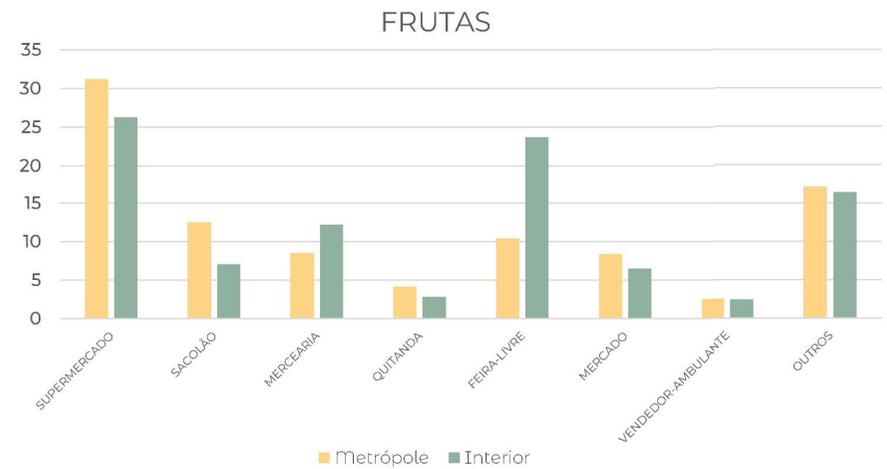
Fonte: Freitas(2015), alterado pela autora.

Gráfico 01 - Principais locais de compra para aquisição de produtos alimentícios



Fonte: Freitas(2015), alterado pela autora.

Gráfico 02 - Principais locais de compra para aquisição de frutas



Fonte: Freitas(2015), alterado pela autora.

com grau moderado de 73,87% de urbanização, apesar de apresentar uma área com cerca de 6 hectares, destinada à agricultura familiar próximo ao centro da cidade.

A feira livre estudada é uma das 3 que ocorrem na cidade. Ela se encontra no centro da cidade, margeando o mercado público e delimitada pelas vias Alfredo Coutinho, Orcine Fernandes e a Avenida Rio Branco. Funcionando de segunda a sexta-feira e se expande ainda aos sábados. Por funcionar em conjunto com o mercado público, com horários e dinâmicas semelhantes, a área de intervenção e estudo considerou os dois (feira e mercado público) como um único organismo, portanto, resultando em uma única intervenção.

Próximo a eles ainda existe o novo mercado público construído pela prefeitura recentemente, entretanto esse espaço não apresenta fluxo relevante de consumidores, como ocorre na feira livre e no mercado público alvos do estudo, de modo que muitas das lojas lá construídas se encontram fechadas ou são utilizadas como depósitos. Sendo assim, dada essa desconexão com a área de intervenção e o já complexo escopo a ser tratado

neste trabalho, o novo mercado público não foi inserido dentro do objeto de estudo.

1.1 JUSTIFICATIVA

A relevância do projeto se embasa no impasse vivido por muitas cidades brasileiras as quais, percebendo a relevância das feiras livres, ante à informalidade e à insegurança dos trabalhadores, se veem, eventualmente, incapazes de intervir nos espaços públicos, o que, com o decorrer do tempo, contribui para sua expansão irregular concomitante à ausência de saneamento e de ordem. Ante essa guerra silenciosa entre comerciantes e governantes, se mostra vantajoso a apresentação de uma proposta que consiga conciliar as duas partes, equilibrando os interesses de ambos, a fim de proteger suas características e histórias únicas.

1.2 OBJETO/RECORTE

Feira livre municipal sapeense, formada pela feira

livre e pelo mercado público do município que funcionam durante a semana.

1.3 OBJETIVO GERAL

Elaborar um anteprojeto de um espaço para comportar a feira livre municipal e reestruturar o mercado público na região central da cidade de Sapé-PB.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Refletir acerca da importância das vivências e dinâmicas desenvolvidas nas feiras livres.

Investigar as características da feira livre, suas dinâmicas e mobiliário, de modo a apresentar um ambiente de trabalho mais organizado e eficiente.

Explorar propostas que consigam organizar o atual grupo de feirantes que atua na feira livre e mercado público de Sapé.

1.5 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos aplicados a esse estudo foram baseados na metodologia explorada no *Problem Seeking*, o qual segrega o planejamento e o desenvolvimento do projeto em si, partindo do entendimento do problema como todo e posteriormente direcionando-se ao desenvolvimento do projeto com base em todos os dados e informações obtidos. Seguindo a metodologia, a programação foi dividida em cinco etapas::

- 1 - Metas;
- 2 - Fatos;
- 3 - Conceitos;
- 4 - Necessidades;
- 5 - Problema.

Ainda que seja preferível realizar uma etapa por vez, tendo em vista a complexidade programática da tipologia escolhida, exceto pela última etapa, todas as outras foram realizadas simultaneamente, gerando uma tabela que será apresentada ao fim da caracterização do problema.

Ademais, concomitante às cinco etapas, de forma a gerar um entendimento amplo acerca do problema,

quatro considerações atravessam esses passos. São elas:

- Função;
- Forma;
- Economia;
- Tempo.

Dessa forma, a figura 02 mostra de modo resumido como funcionaria a conexão entre as etapas e as considerações.

Figura 02 - *Problem Seeking*, tabela

	1	2	3	4	5
FUNÇÃO					
FORMA					
ECONOMIA					
TEMPO					

Fonte - *Problem Seeking* alterado pela autora.

Primeiramente, no intuito de obter dados mais precisos sobre o objeto de estudo, foram realizadas visitas in loco nos dias 25 de setembro de 2022, 05 de novembro de 2022, 12 de novembro de 2022, 03 de dezembro de 2022, 04 de fevereiro de 2023 e 25 de março de 2023.

A primeira visita durou aproximadamente 1 hora, focando no levantamento da área de estudo de modo a ter medidas precisas na proposta projetual. A segunda visita durou aproximadamente 7 horas, foi realizada pela manhã e focou no mapeamento de feirantes que atuam na feira livre e no mercado público, bem como no estudo de fluxo dentro desses ambientes, além do seu levantamento espacial. As últimas três visitas, por sua vez, focaram no registro fotográfico da feira livre e do mercado público e duraram aproximadamente 4 horas cada.

Dada a ausência de trenas eletrônicas e a grande dimensão do objeto de estudo, o levantamento dimensional da área foi feito utilizando-se uma trena convencional de 15 metros e uma corda de 25 metros com marcações a cada 5 metros. O mapeamento dos comerciantes foi feito com o objetivo de quantificar, de forma mais preci-

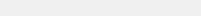
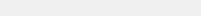
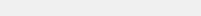
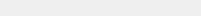
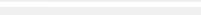
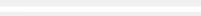
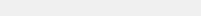
sa, quantos feirantes aproximadamente atuam naquele ambiente, como se organizam, que produtos comercializam, em que locais o fazem, que área ocupam e de que maneira a circulação se estrutura.

Tendo em vista a grande quantidade de comerciantes atuando na região, o mapeamento foi realizado através da análise visual, atentando-se à forma de como as barracas se organizavam no espaço, ao uso de cobertura única para mais de um banco e à forma como os comerciantes se movimentavam entre eles.

Foram utilizadas diferentes cores para indicar os tipos de mercadorias comercializadas na feira livre, com a formação das bancas representadas por quadrados, agrupados por marcações que representariam o uso de duas ou mais barracas por um mesmo feirante. Quanto ao mercado público, foram utilizadas as iniciais dos tipos de mercadorias. Desse modo, foram encontrados 14 tipos de produtos, considerando a feira livre e o mercado público em conjunto, apresentados na tabela 01.

Mercearias e depósitos disponibilizam produtos semelhantes, entretanto dada a diferença de infraestrutura

Tabela 01 - Produtos e mercadorias mapeados

	Feira livre	Mercado público
CARNES		C
FRUTAS E VERDURAS		---
TEMPEROS		T
LANCHES		Lan
LATICÍNIOS		Lat
LIMPEZA		---
MERCEARIA		---
UTILIDADES		U
TÊXTEIS		---
PET SHOP		---
GRÃOS	---	G
DEPÓSITOS	---	D
VAZIOS		V
BARES	---	B

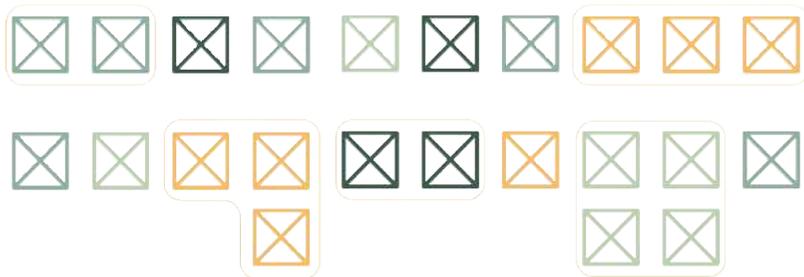
Fonte: Elaborado pela autora.

entre a feira livre e o mercado público, suas dimensões são consideravelmente diferentes e, por essa razão, foram classificados de formas diferentes.

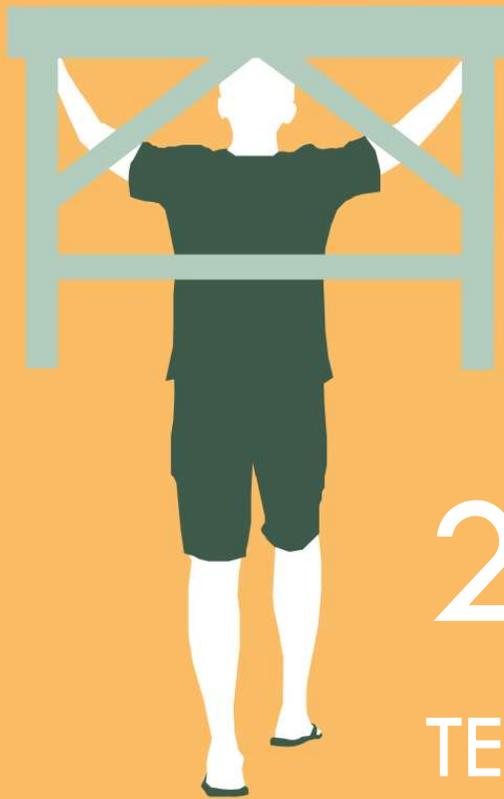
As cores utilizadas se limitaram a 11 canetas hidrográficas. O uso do quadrado marcado pelo X possibilitou a marcação da forma como as barracas se arranjavam e se agrupavam, entendendo como funciona a circulação entre elas e como isso influencia no fluxo desproporcional de pessoas em determinados pontos da feira livre. A figura 03 mostra como foi feita essa marcação no papel e seu funcionamento.

Com o intuito de registrar parte dessas vivências, foram criadas composições com fotos da feira livre e do mercado público de Sapé-PB, apresentadas no durante o trabalho, a fim de mostrar visualmente ao leitor como a feira livre e o mercado público se encontram atualmente.

Figura 03 - Método de mapeamento utilizado na feira livre



Fonte: Desenvolvido pela autora.



2. REFERENCIAL

TEÓRICO

Tendo em vista o objeto de estudo e a importância que feiras livres apresentam para o comércio local e levando em consideração a sua implementação em muitas cidades brasileiras, se mostra significativo reaver alguns pontos relevantes acerca do seu surgimento e como ela se expressa dentro da sociedade atualmente.

Segundo Almeida (2009 apud SOUZA, 2015), as primeiras feiras livres remontam do tempo da antiguidade, ganhando maior notoriedade e sendo oficializadas durante a revolução comercial no século XI, na Idade Média. Conforme Gonçalves e Abdala (2013, apud SOUZA, 2015), o ápice foi alcançado no mesmo século quando os mercados europeus locais tentaram se organizar, na tentativa de assistir as necessidades da população no tocante a produtos indispensáveis à subsistência.

De acordo com Huberman (1981), as propriedades feudais funcionavam de forma autossuficiente, consumindo o que se produzia no feudo, a exemplo de comida, vestimentas e mobiliário. Todavia:

Com o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas agrícolas dos feudos, a produ-

ção aumentava e um excedente era gerado e comercializado nas feiras. Realizadas taticamente em entrepostos comerciais, as feiras eram pontos de encontro. Elas contribuíram no surgimento de organizações bancárias, foram responsáveis pelo desenvolvimento de cidades e de sistemas de comunicação[...] (REIS, VIEIRA, 2011, p.01)

Dessa forma, ainda que já existissem mercados em algumas regiões, aos poucos eles se mostraram insuficientes perante a demanda de insumos e utensílios, que se faziam necessários no momento. Ademais, esses mercados, ante o florescimento comercial, ocasionado pelas melhorias nas técnicas agrícolas, pareciam não conseguir abarcar toda a produtividade manifestada pelos feudos:

[...]As feiras periódicas na Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Itália constituíam um passo em prol do comércio estável e permanente. Regiões que, no passado, dependiam do mercado semanal para satisfação de suas necessidades mais simples descobriram que esse mercado era inadequado às oportunidades do comércio em desenvolvimento (HUBERMAN, 1981, p.24)

Enquanto os mercados locais assistiam a população com produtos da região semanalmente, feiras como

a de Poix, na França, comercializavam produtos por atacado de diversos pontos do mundo conhecido. Elas eram extensas e duravam praticamente o ano todo, de modo que assim que uma terminava, outra se iniciava conforme Huberman(1981).

As feiras tinham, assim, importância não só por causa do comércio, mas porque aí se efetuavam transações financeiras. No centro da feira, na corte para troca de dinheiro, pesavam-se, avaliavam-se e trocavam-se as muitas variedades de moedas; negociavam-se empréstimos, pagavam-se dívidas antigas[.] Negociar em dinheiro levou a consequências tão grandes que passou a constituir uma profissão separada. Esse fator é importante porque demonstra como o desenvolvimento do comércio trouxe consigo a reforma da antiga economia natural, na qual a vida econômica se processava praticamente sem a utilização do dinheiro.(HUBERMAN,1981, p.27)

Portanto, se mostram notáveis as consequências da influência das feiras livres no desenvolvimento do comércio. Elas se constituíram como pontos de encontro comerciais essenciais capazes de reunir produtos e comerciantes de diversos lugares do mundo, gerando lucros não apenas para os próprios comerciantes, mas para

os governantes e à população da região.

Depois do século XII, a economia de ausência de mercados se modificou para uma economia de muitos mercados e com o crescimento do comércio, a economia natural do feudo autossuficiente do início da Idade Média se transformou em economia de dinheiro, de um mundo de comércio em expansão.(HUBERMAN,1981, p.27)

Mesmo com o aumento na inserção de mercados e a sedentarização do comércio local citada por Antonetti (1977, apud SANTOS, NONATO, 2021), as duas formas de intercâmbio comerciais que floresceram durante a Idade Média se perpetuam até hoje, mantendo os seus propósitos, ainda que funcionem de formas distintas.

Nesse cenário, segundo Matos (2012), no Brasil, os primeiros registros sobre feiras livres datam desde a época colonial, com o estabelecimento de uma feira remota em 1548, implantada pelos colonizadores portugueses de modo a suprir o abastecimento de alimentos às primeiras cidades e vilas.

Conforme Oliveira Junior (2006) entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, os mercados

e as feiras livres, foram responsáveis pela distribuição e comercialização de alimentos junto à população urbana.

2.1 CULTURA

Diante das diferenças socioculturais já conhecidas entre as cinco regiões do Brasil, dada a expressiva simbiose entre as atividades comerciais e sociais citadas por Vargas (2001, apud ALVES, RIBEIRO, 2011), as feiras livres, segundo Freitas, Fontes e Oliveira (2008), mais do que pontos comerciais, expressam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, se exteriorizando na produção e na circulação de mercadorias daquela região.

Essa expressão pode ser observada nos diferentes tipos de produtos vendidos em cada região, o que, a depender da demanda, também caracterizam um setor especializado naquele produto. Consoante ao observado por Araújo e Ribeiro (2018), nas feiras livres nordestinas, há divisões, como feiras de raízes, ervas, fumo e mangaio, enquanto as feiras do estado do Pará apresentam espaços específicos para carnes, peixes, açaí e farinha.

Para Mascarenhas e Dolzani (2008), a feira livre no Brasil se apresenta como um mercado varejista ao ar livre, que ocorre semanalmente e é organizado como serviço de utilidade pública pela municipalidade, além de ser voltada para a distribuição local de produtos alimentícios ou básicos. Com a condensação de diversos pontos comerciais em uma única região, dentro das feiras, o estudo e comparativo de preços se torna mais fácil e atrativo para os consumidores posto que em centros comerciais o estudo em quantidades semelhantes se tornaria inviável.

Com base nesse ponto de vista, as feiras livres se revelam um importante espaço de representação sociocultural acerca do local em que estão inseridas. Mais do que pluralidade de produtos e ofertas, elas captam o público pela economia de custos e pela aproximação entre consumidor e vendedor. Por meio de negociações, vendedor e consumidor podem chegar a um consenso que seja benéfico a ambos, o que não acontece em supermercados e atacados pela sistematização de preços já pré-estabelecidos encarecidos pelo custo da manutenção do

espaço, aluguel, transporte de mercadorias e impostos, além das folhas de pagamento.

Ante as trocas de saberes socioculturais formados no simples intento de compra, o volume de experiências que se pode vivenciar dentro de feiras livres e mercados públicos municipais se mostra portentoso. Conhecidas pela diversidade de produtos, feiras livres e mercados públicos captam o público pela possibilidade de aquisição de produtos frescos, como frutas, verduras e carnes, em uma mesma região e a baixo custo.

Posto isso, é notável que, apesar do aparente anacronismo, feiras livres podem atrair um público considerável, o qual mais do que economia, busca o contato com o outro além das inúmeras experiências que se pode vivenciar dentro daquele ambiente.

Escolher compras em um ambiente aberto, sob o sol ou sob a chuva, disputar o espaço a todo o instante com outros passantes que estão na mesma procura, dividir não só o espaço da compra, como também as atenções dos vendedores, evidencia uma outra maneira de viver a partir destas práticas da rua. (VENDANA, 2004, p.49)

Entende-se, então, que a simples prática de “fazer a feira” (VENDANA, 2004) carrega em si um conjunto símbolos e átimos reacendidos a cada dia que vivenciam esse espaço efêmero. Mesmo a quem falta certo conhecimento, através de observações e conversações com os demais atores do espaço, é possível absorver saberes únicos.

2.2 VIVÊNCIAS

A ambiência construída por feiras livres e mercados públicos pode se apresentar de forma distinta para cada indivíduo ao absorver particularidades da região em que atua. Entretanto, algumas idiosincrasias ainda se mantêm intrínsecas à maioria: o aroma de comida fresca ao amanhecer, o grito dos comerciantes no esforço de atrair fregueses, as barracas sendo montadas antes do despertar do sol, a explosão de cores que emergem de mercadorias e lonas, além das contínuas negociações entre vendedores e consumidores a cada instante.

À vista disso, o ambiente formado por essas intera-

ções em muito se diferencia dos outros tipos de comerciais já conhecidos como varejos e atacados. A flexibilidade e efemeridade tornam a vivência única, de modo que cada vendedor apresenta diferentes abordagens e estratégias, se favorecendo do contato, da opção de escolha ou do frescor do seu produto para despertar o interesse de seus clientes.

As diferentes vivências, momentos ou interações podem formar o que Vendana (2004) qualifica como micro eventos. A noção de micro eventos (MOLES; ROHMER, 1982. Apud VENDANA, 2004) explora os acontecimentos que representam a apropriação do espaço pelos atores sociais que o compõe, além de pequenas cenas e atos que constroem a caracterização daquele lugar.

Esses micro eventos reúnem fundamentalmente pessoas entorno de um objeto em comum. Nas feiras livres, os alimentos expressam esse papel, assim como as ações que se desdobram na sua comercialização (VENDANA, 2004). É o conjunto desses micro eventos que compõe a feira livre: cada barraca uma nova interação, uma nova vivência, novos cheiros, novos sabores e novas

formas.

Ademais, assim como cada feirante possui sua própria forma de vender seus produtos, cada cliente também detém uma forma única de comprá-los. A exemplo dessas particularidades, é possível transportar mercadorias carregando sacolas, utilizando carrinhos de mão, contratando carroceiros ou apoiando em bicicletas; moradores próximos podem comprar apenas o essencial, entretanto, para moradores de cidades ou sítios mais longínquos, comprar em grande quantidade se torna mais proveitoso.

O tempo também pode influenciar na forma como se percebe o ambiente. Afinal, por se tratar de um local aberto, suscetível às mudanças do clima, dias chuvosos podem implantar a imagem de desordem e sujeira na mente das pessoas. Assim, locais apertados se tornam mais estreitos e, conforme a lama vai recobrando pernas e sacolas, a vontade de ir embora aumenta.

Essa imagem de sujeira não se limita aos dias chuvosos. Os sentimentos de desordem, bagunça e imundície se enraizaram na mente das pessoas por bastante

tempo, como observado nas discussões de Freitas, Fontes e Oliveira (2008):

A feira é o espaço onde casa e rua se misturam, onde não há grandes distâncias entre os corpos. Talvez por isso simbolize esta desordem no imaginário dos seus distintos atores. Essa indeterminação a torna um espaço peculiar, com códigos e regras próprios. Para os fiscais municipais, o fato de a feira ser na rua é um aspecto negativo, pois este é um local onde os limites de território são quase inexistentes. Na rua não há paredes, nem demarcação visível de onde se inicia e termina o território do outro; os limites são subjetivos. (FREITAS;FONTES;OLIVEIRA,2008, p.14)

Desse modo, é notável que feiras livres podem atrair um público considerável, o qual, mais do que economia, busca o contato com o outro, entender e conversar com quem lhe provê, além das inúmeras experiências que se pode vivenciar dentro desse ambiente.

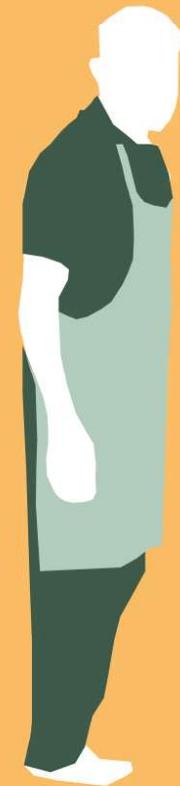
Figura 04 - Consumidor e Comerciante



Fonte: Elaborado pela autora.

3.REFERENCIAL

PROJETUAL



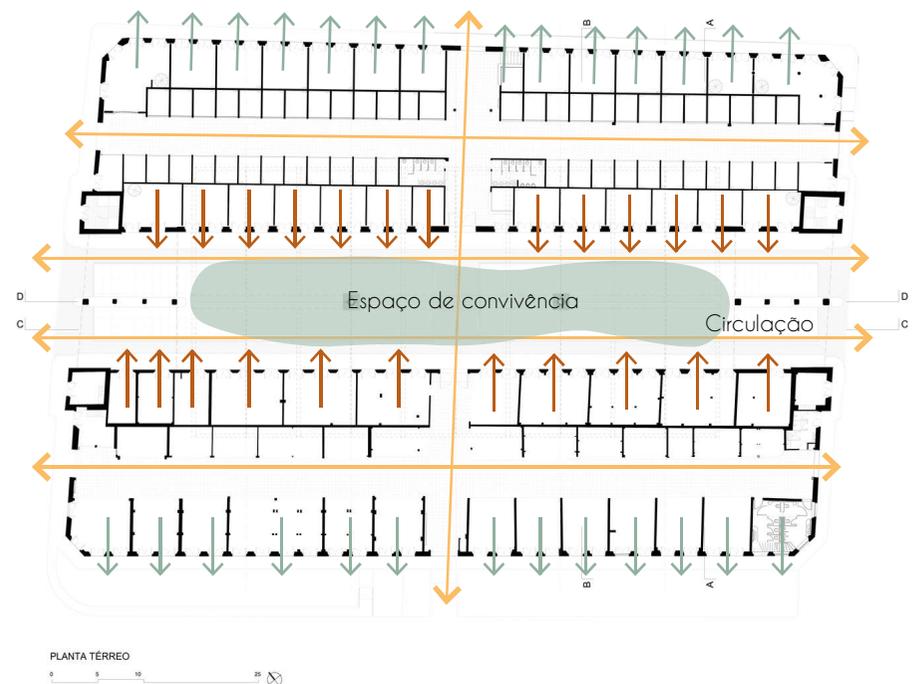
Entender e analisar o funcionamento da feira livre e do mercado público em Sapé-PB permite conhecer suas características e avaliar tanto seus pontos fortes quanto os fracos. No entanto, comparar os resultados dessa análise sem uma referência adequada só permitirá solucionar os problemas mais evidentes, desconsiderando outras possibilidades e oportunidades para melhorias mais significativas.

Desse modo, analisar e compreender como funcionam outras edificações exemplares da mesma tipologia permitiria uma caracterização mais aprofundada dos reais problemas a serem solucionados.

3.1 MERC. P. DE FLORIANÓPOLIS

O mercado público de Florianópolis teve sua inauguração em 1851, passando por diversas reformas, em 1899, 1912, 1931, 1938, e por um incêndio em 2005. As fachadas externas e internas apresentam estilo da arquitetura neocolonial na qual a coberta recentemente inserida no pátio aparece apenas para propiciar um ambiente mais

Figura 05 - Mercado municipal de Florianópolis



Fonte: Fotografia RUSSO, 2017, plantas ARCHDAILY, 2017

agradável e menos poluído visualmente sem destoar do conjunto.

Entretanto o interior, após as reformas e expansões, oferece um carácter mais moderno com boxes padronizados no intento de manter a unidade do espaço e facilitar a sua manutenção. O piso do pátio central se utiliza de paralelepípedos mantendo a sensação de comida de rua.

Ademais, o uso do telhado invertido branco traz leveza sem disputar atenção com a arquitetura do mercado municipal, permitindo a entrada de luz e ventilação natural, além de diminuir possíveis custos à prefeitura com energia. Dessa maneira, a dinâmica do espaço não se altera, permitindo seu uso com maior qualidade tanto para os comerciantes quanto para os consumidores.

Além disso, a setorização de usos também auxilia no planejamento e, conseqüente, na otimização da infraestrutura no mercado, tendo em vista que diferentes tipos de mercadorias demandam diferentes tipos de necessidades. A concentração dos bares, lanchonetes e restaurantes no entorno do pátio também atrai o público para a região, haja vista que é possível encontrar dife-

rentes opções de comidas em uma mesma região, como acontece dentro dos *shoppings centers*.

Por outro lado, o uso do piso polido e rejunte escuros, nos corredores, diminui a visibilidade do desgaste proporcionado pelo tempo e fluxo frequente de pessoas. Ademais, o uso de revestimentos brancos dentro do mercado auxilia no rebatimento da iluminação, trazendo ambientes mais claros e visivelmente mais organizados.

3.2 MERC. P. DE PORTO ALEGRE

Segundo Cavedon (2004), o mercado público de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) foi construído em 1869. A arquitetura do mercado não apresenta grandes alterações nas fachadas, apresentando maior modernidade na sua parte interna. Em contraste à arquitetura neoclássica das fachadas, o uso do ferro se faz mais presente internamente. As quitandas, localizadas ao centro do mercado, se apresentam mais desconectadas da cobertura deixando a fiação e a iluminação mais expostas aos visitantes, o que combinado ao telhado metálico pode gerar poluição

visual.

Além disso, a existência da cobertura sobre as quitandas e uma cobertura sobre todo o mercado a diferencia do mercado público mencionado anteriormente. Enquanto em Florianópolis o mercado apresenta maior unicidade e concordância entre o antigo e o moderno, em Porto Alegre os dois tempos parecem disputar a atenção entre si.

Ademais o uso de coberturas e arremates metálicos parece carregar certa semelhança com a Arquitetura do ferro muito explorada no Europa. Entretanto, o uso de materiais e estilos diferentes no interior e no exterior gera muita informação visual, o que pode cansar o usuário que tentar imergir no espaço.

Apesar disso, os corredores são largos permitindo um grande fluxo de pessoas em horários de pico. Existe ainda uma setorização de usos dividida por pavimentações: enquanto o primeiro piso foca na parte mais comercial, como mercearias, o pavimento superior concentra os restaurantes e a praça de alimentação.

Figura 06 - Mercado municipal de Porto Alegre



Fonte: GUILHERME SANTOS, 2019.

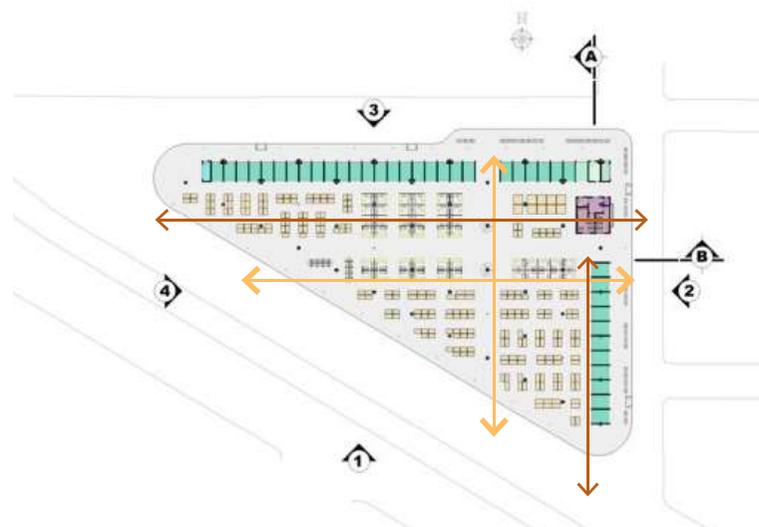
3.3 MERCADO DE ANANINDEUA

Localizada em Ananindeua (PA), o mercado de Ananindeua foi construído em 2005 com um pavilhão que abrange 3.127,15 m² de área coberta. Por utilizar uma tensoestrutura para sua cobertura, a manutenção da coberta se faz necessária periodicamente, exigindo maior cuidado tendo em vista a sua translucidez.

A inversão da coberta oferece maior controle, direcionando o fluxo de água pluvial para o centro dos cones individuais. As antigas barracas de madeira foram substituídas por alvenaria ou madeira e aço, o que melhora a infraestrutura para os comerciantes embora limite a flexibilização do espaço. A circulação se divide em dois eixos principais e circulações secundárias, além das existentes entre os bancos o que auxilia a otimizar o fluxo de pessoas dentro do mercado.

Segundo o escritório de arquitetura Meia Dois Nove, foram planejados diferentes tipos de mobiliário para diferentes tipos de mercadorias, gerando a padronização das quitandas bem como a manutenção da uniformidade do

Figura 07 - Planta do mercado de Ananindeua



Fonte: ARCHDAILY, 2014.

Figura 08 - Mercado de Ananindeua



Fonte: Fotografia CARDOSO, 2014.

Tabela 02 - Comparativo mercados

MERC. P. DE FLORIANÓPOLIS	MERC. P. DE PORTO ALEGRE	MERCADO DE ANANINDEUA
Setorização de usos e padronização dos revestimentos, pinturas, piso e equipamentos.	Falta de concordância entre a arquitetura interior e a exterior.	Uso de coberta independente dos pontos de comércio, trazendo maior permeabilidade visual.
Uso de um pé-direito alto com corredores largos e bem iluminados.	Setorização de usos.	Mobiliário pensado para cada tipo de mercadoria; a padronização de materiais traz uniformidade ao conjunto.
Praça de alimentação inserida em um pátio amplo, ventilado e iluminado naturalmente.	Uso de piso escuro nos corredores o que deixa menos evidente o desgaste ou acúmulo de sujeira.	Praça de alimentação ausente, mostrando seu foco na comercialização ou falta de espaço.
Uso de piso que facilita a limpeza, considerando a mudança dos materiais com o decorrer do uso.	Falta de padronização nas fachadas dos boxes internos.	Aproveitamento da iluminação natural através do uso da lona.
Uso de coberta no pátio, tornando-o mais atrativo e menos dependente da iluminação artificial.	Presença de mobiliário de apoio na parte externa, atraindo transeuntes e gerando pontos de descanso.	Posicionamento estratégico dos tipos de mercadoria, otimizado e atraindo o público para dentro do mercado.
Espaço próprio para socialização com mobiliário flexível.	Pé direito amplo permitindo a circulação de ventilação natural além da entrada de iluminação natural.	Efemeridade da feira livre explorada no conceito projetual do mercado.
Concentração de bares e lanchonetes próximos à praça de alimentação, otimizando a circulação.	Falta de padronização dos pisos utilizados dentro das quitandas.	Posicionamento de bancos de alvenaria em pontos estratégicos para descanso dos usuários.
Valorização da arquitetura original sem uso de adornos e letreiros chamativos na sua fachada.	Iluminação vinda majoritariamente das quitandas, trazendo mais atenção para elas.	Setorização do tipo de mercadoria, direcionando o consumidor diretamente para o produto que ele quer.
Espaços que respeitam as necessidades dos comerciantes, considerando seus usos e equipamentos.	O uso do segundo pavimento como praça de alimentação traz uma vista privilegiada do mercado.	Presença de bicicletários nas duas travessas laterais ao mercado.

ASPECTOS NEGATIVOS

ASPECTOS POSITIVOS

ASPECTOS POSITIVOS APLICADOS

Fonte: Desenvolvido pela autora.

espaço.

Lidar com o lixo produzido por feiras livres é uma das adversidades enfrentadas por muitos municípios. Segundo Freitas, Fontes e Oliveira (2008), a feira aparece nos discursos tanto dos feirantes quanto dos consumidores de forma negativa, como “uma porcaria”, onde há sujeira em todo lugar, um ambiente comum aos porcos. Compreendendo a ausência de uma infraestrutura que consiga comportar as necessidades desse tipo de espaço, fica evidente o que gera e contribui para esse tipo de transtorno.

Desse modo, encontrar formas de minimizar e tratar o lixo produzido nas feiras livres, contribuiria de forma significativa para a melhoria no viver desses espaços.

3.4 JARDIM DE CHUVA

Com a ampla área abarcada pela feira livre, sem tratamento adequado ou sistema hídrico que consiga comportar a água pluvial que a permeia, dias chuvosos se tornam um caos, formando charcos por toda região.

Dessa forma, um destino alternativo seriam os jardins de chuva que, aliados a outros processos, podem ajudar a captar e amenizar a poluição dos corpos hídricos.

O tratamento do solo com composto e demais insumos (matéria orgânica, areia e pedras) aumenta sua porosidade e permite que ele funcione como uma esponja a sugar a água, enquanto as plantas e os microrganismos associados à rizosfera e os nativos do solo removem os poluentes trazidos pelo escoamento. (CORMIER; PELLEGRINO, 2008; BONZI, 2015, apud PINHEIRO, 2017, p.101).

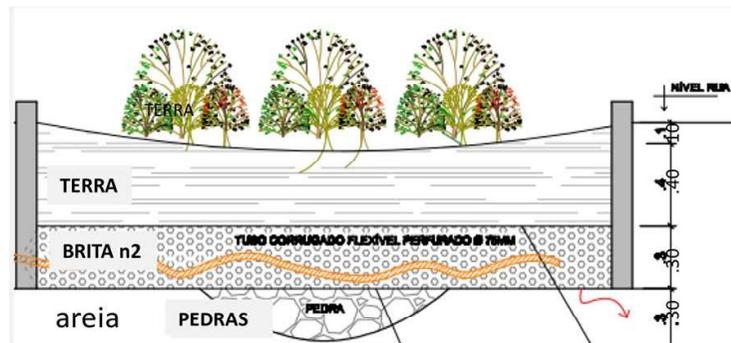
Um exemplo de projeto para jardins de chuva se apresenta na rua Almirante Gonçalves, em Copacabana, no Rio de Janeiro. De acordo com o Grupo Quality (2022), o projeto se resumiu em fazer 3 camadas filtrantes de água, usando terra, brita e pedras, intercaladas por camadas de filtro de sombrite 50%. Segundo o grupo, nos canteiros foram plantadas espécies nativas, como pode ser observado na figura 09, e o corte esquemático, na figura 10.

Figura 09 - Jardim de chuva na rua Almirante Gonçalves



Fonte: o Globo, 2021.

Figura 10 - Corte do jardim de chuva



Fonte: Grupo Quality, 2022.

3.5 FITORREMEDIAÇÃO

A falta de tratamento correto das águas pluviais que escoam pela feira livre pode contribuir para o que Pinheiro (2017) denominou como poluição dos corpos hídricos, em que, dentre as diversas fontes de poluição, a difusa se destaca. Segundo o autor, a poluição difusa é formada por resíduos de origem bastante diversificada, como o lixo acumulado nas ruas e calçadas, as decomposições orgânicas, poluentes do ar entre outros.

Existem alguns processos capazes de melhorar a qualidade das águas urbanas, como mecanismos de fitorremediação. Nessa tecnologia, são utilizados os processos naturais das plantas e dos microrganismos associados a elas para amenização de ambientes poluídos (PILON-SMITS, 2005 apud PINHEIRO, 2017).

Nesse contexto, os contaminantes orgânicos, que seriam o foco da fitorremediação, são os pesticidas que advêm da limpeza dos hortifrútis e dos rizomas comercializados, enquanto os contaminantes inorgânicos foco são os metais e metaloides provenientes de pesticidas e estrume. Desses contaminantes, segundo Pinheiro (2017), o processo que pode ser utilizado na fitorremediação do

primeiro tipo é a rizodegradação, já para o segundo, é a fitoextração. Com base na literatura reunida por Procópio et. al (2009), algumas espécies que podem ser utilizadas na rizodegradação são: *Canavalia ensiformes*, *Cajanus cajan*, *Pennisetum Americanum*, *Mucuna pruriens*, *Eleusine coracana* e *Panicum maximum cv. Tanzânia*. Além disso, para a fitoextração dos metais e metaloides, segundo Prasad e Freitas (2003), uma espécie que pode ser utilizada é a *Pelargonium sp.*, da família *Brassicaceae* do gênero *Alyssun*.

Figura 11 - *Canavalia ensiformes* (Feijão-de-Porco)



Fonte: Pirai Sementes

Figura 12 - *Cajanus cajan* (Guandu)



Fonte: ANTONIO

3.6 COMPOSTAGEM

Considerando o lixo orgânico produzido dentro de feiras livres, apresentar um processo que ofereça o melhor aproveitamento desses resíduos, como a compostagem, proporcionaria uma melhor dinâmica entre a feira livre e a cidade, explorando o uso benéfico do que antes era apenas um transtorno.

A compostagem é um método aeróbio de reciclagem e tratamento dos resíduos orgânicos que busca reproduzir algumas condições

ideais observadas no processo natural de degradação da matéria orgânica, bem como garantir a segurança do processo. Uma boa compostagem depende do controle de alguns fatores-chave, como umidade, a temperatura, a aeração (nível de oxigênio) e balanço de nutrientes (carbono e nitrogênio)(PROENÇA; RODRIGUES; LANA, 2021, p. 02)

Compreendendo o espaço limitado do objeto de estudo, o processo de compostagem não precisaria ocorrer no local estudado. Locais, como a horta comunitária, se beneficiariam da compostagem em áreas mais adjacentes, colocando a cargo da feira livre e do mercado público a separação dos materiais que seriam utilizados para a compostagem.

Ainda que seja possível compostar a carcaça de bovinos e avinos, quando comparado com o processo em que se utiliza restos de plantas, horticolas e ervas, exige maiores cuidados e tempo. Dessa forma, excluindo os materiais citados por Brito (2006), como vidros, plásticos, tintas, óleos, metais, pedras e outros materiais inorgânicos, além de gorduras, ossos em excesso, os demais materiais podem ser utilizados para compostagem.

De acordo com a Secretaria Especial de Comunicação (2021), um projeto está sendo realizado com 180 feiras livres em São Paulo, em que o composto produzido pela compostagem é tratado em 5 pátios com capacidade de até 3.000 toneladas cada um por ano, sendo utilizado como insumo em jardins e praças públicas. Ademais, ele também é distribuído gratuitamente entre agricultores familiares e projetos sociais.

Figura 13 - Compostagem em São Paulo



Fonte: SpRegula, 2021.

4. ESPAÇO, ENTENDENDO O LUGAR



No Nordeste, um dos eventos de maior importância é a feira livre, a qual movimentava a economia de diversas cidades. A economia de muitos municípios nordestinos partiu da comercialização e da negociação instantâneas, o que posteriormente vieram a caracterizar as feiras livres (FIRMINO,2019). Em Campina Grande, por exemplo, a feira livre se encontra fortemente ligada à fundação da cidade e a sua cultura. Localizada no centro do município, ela ocupa uma área de 75 000m2 distribuídos por nove ruas (PEREGRINO, BATISTA, 2019).

As feiras de gado que aconteciam tornaram muitas cidades famosas, a exemplo de Guarabira na qual a feira acontece desde 1877, há 145 anos. Anteriormente ela acontecia na cidade de Cuitegi até que os feirantes foram obrigados a mudarem para Guarabira (ALVES,2011).

Em Sapé, as feiras livres surgiram quando a cidade ainda era um distrito, 100 anos atrás. A principal feira livre da cidade, que acontece próxima ao mercado público municipal, progrediu juntamente ao município. Funcionando principalmente aos sábados, é a feira mais importante da cidade (FERREIRA, 2016).

Figura 14 - Localização



Fonte - Desenvolvido pela autora

Nesse cenário, o objeto alvo do presente estudo se localiza no estado da Paraíba, dentro da Mesorregião Mata Paraibana, microrregião de Sapé, a qual possui o mesmo nome que o município, Sapé, salientando a sua posição como um Centro de gestão de Território como mostra a figura 14.

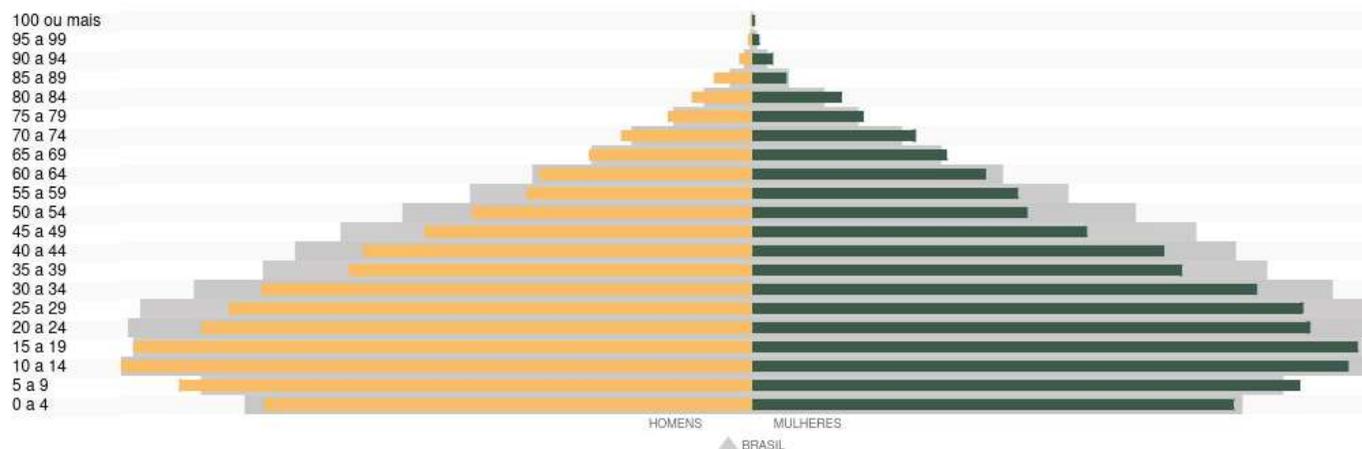
Em algumas cidades que compõem a sua microrregião, também funcionam feiras livres como nos municípios de Cruz do Espírito Santo e Mari. Sapé -PB é uma cidade interiorana localizada a aproximadamente 42km da capital paraibana, João Pessoa. Sua população estimada,

segundo dados do IBGE para 2021, é de 53 mil habitantes, com nível de escolarização entre 6 e 14 anos de 0,95 e Índice de Desenvolvimento urbano de 0,56 em 2019.

Conforme dados extraídos do IBGE em 2017, o município de Sapé-PB é considerado uma cidade tipologicamente urbana apresentando moderado grau de urbanização de 73,87%. Utilizando dados da cidade de João Pessoa-PB como base, é possível determinar que o município de Sapé-PB possui ventos predominantes advindos do sudeste e leste, como mostra o gráfico 04.

A feira livre estudada funciona de segunda-feira a

Gráfico 03 - Pirâmide etária

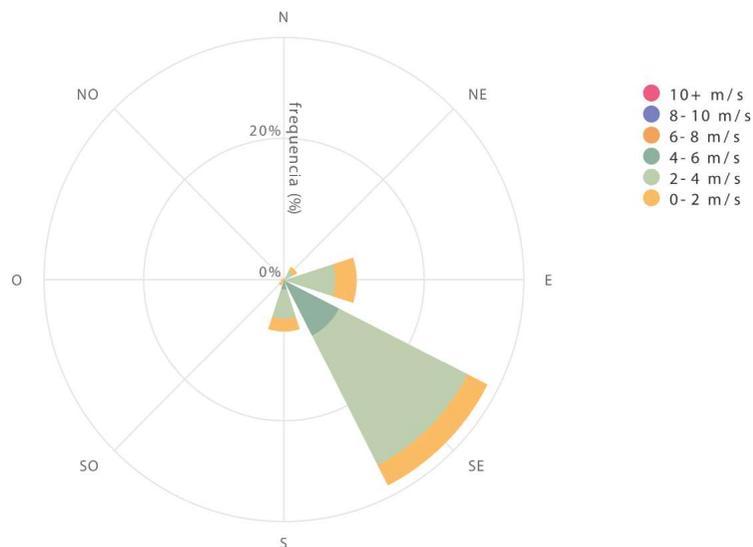


Fonte - IBGE, 2010 alterado pela autora.

sexta-feira no centro da cidade, apresentando expansão aos sábados e operando em conjunto com o mercado público durante esses dias. O mercado público se encontra margeado pela feira livre.

Por se situar próxima a PB-004 e a PB-073 o objeto de estudo se encontra em uma posição privilegiada, facilitando o acesso a consumidores de outras localidades como mostra a figura 15. Ademais, por se situar próximo a horta comunitária da cidade, famílias que trabalham

Gráfico 04 - Gráfico rosa dos ventos de dia



Fonte - Projeteee alterado pela autora.

com agricultura familiar possuem a oportunidade de comercializar os seus produtos sem depender de carros, caminhonetes e caminhões para transportar a sua mercadoria.

A feira livre e o mercado público também se situam no centro comercial da cidade o que facilita e atrai o público alvo. Por ser uma cidade centro local, não existem muitos pontos significativos que exerçam influência direta sobre o objeto de estudo além da horta comunitária.

Figura 15 - Localização feira livre



Fonte - Desenvolvido pela autora.

5. CARACTERIZANDO,

A FEIRA LIVRE E O MERCADO PÚBLICO



5.1 MOMENTOS

Ao entrar em contato com o objeto de estudo, analisando a sua estrutura e o seu funcionamento, entenderam-se os seus limites e as suas conexões, notou-se a existência de três diferentes momentos subdivididos entre comerciantes, ocorrendo concomitantemente.

Esses momentos acontecem em diferentes escalas de tamanho e proporção, entrelaçados por uma trama que permeia toda a área e proporciona diferentes vivências a todos os usuários, podendo ser definidos como:

- **O movimento;**
- **A efemeridade;**
- **A permanência.**

O primeiro momento constitui-se majoritariamente por carros de mãos, segmentados em duas atividades. A primeira se destina à comercialização de produtos, em geral hortifrútiis, usualmente estacionados em um ponto ou transitando entre as barracas quando há queda de compradores na região. Enquanto a outra atividade foca no carregamento de mercadorias dos consumidores.

Esse momento detém maior mobilidade, adaptando-se às eventuais necessidades, contornando-as ou fazendo uso delas.

Além disso, o segundo momento é formado por barracas fixadas momentaneamente pela via. Elas se apresentam em grande quantidade, o que revela diversos arranjos dispostos desordeiramente. Esse momento, marcado pela efemeridade, expressa o pulsar da feira livre ao expandir e recuar repetidamente, aumentar e diminuir como um organismo vivo em constante transformação.

O último momento consiste na permanência retratada principalmente pelas 114 tarimbas do mercado público, que, de modo distinto dos momentos anteriores, funcionam de forma fixa e contínua, sem as variações apresentadas pela feira livre e os carros de mão. Apesar de aproximadamente metade das barracas da feira livre permanecerem em área propícia à comercialização durante a semana, parte dos comerciantes não mantém sua assiduidade nesses dias, gerando inconstância na oferta dos produtos.

O mercado público por outro lado, ainda que apresente mais bancas vazias durante a semana, estas podem ser utilizadas para o corte da carne bovina, proporcionando diferentes usos do espaço a depender do dia e horário de funcionamento. De modo geral os comerciantes se utilizam de pequenas quitandas de alvenaria denominadas usualmente de tarimbas distribuídas pela área do mercado público.

Desse modo, os três momentos revelam uma esfera de dependência mútua. A permanência sozinha, apesar de sua constância, não consegue atrair público suficiente para funcionar de forma autônoma. É a variedade proporcionada pela efemeridade que consegue cativar o público, um evento que, no ápice, atinge proporções tão grandes, que se torna incapaz de funcionar para além de um dia, antes de gerar transtornos às regiões vizinhas. Apesar disso, tanto a permanência quanto a efemeridade precisam do movimento para favorecer e facilitar o fluxo de consumidores, diminuindo sua fadiga e ampliando seu tempo de permanência.

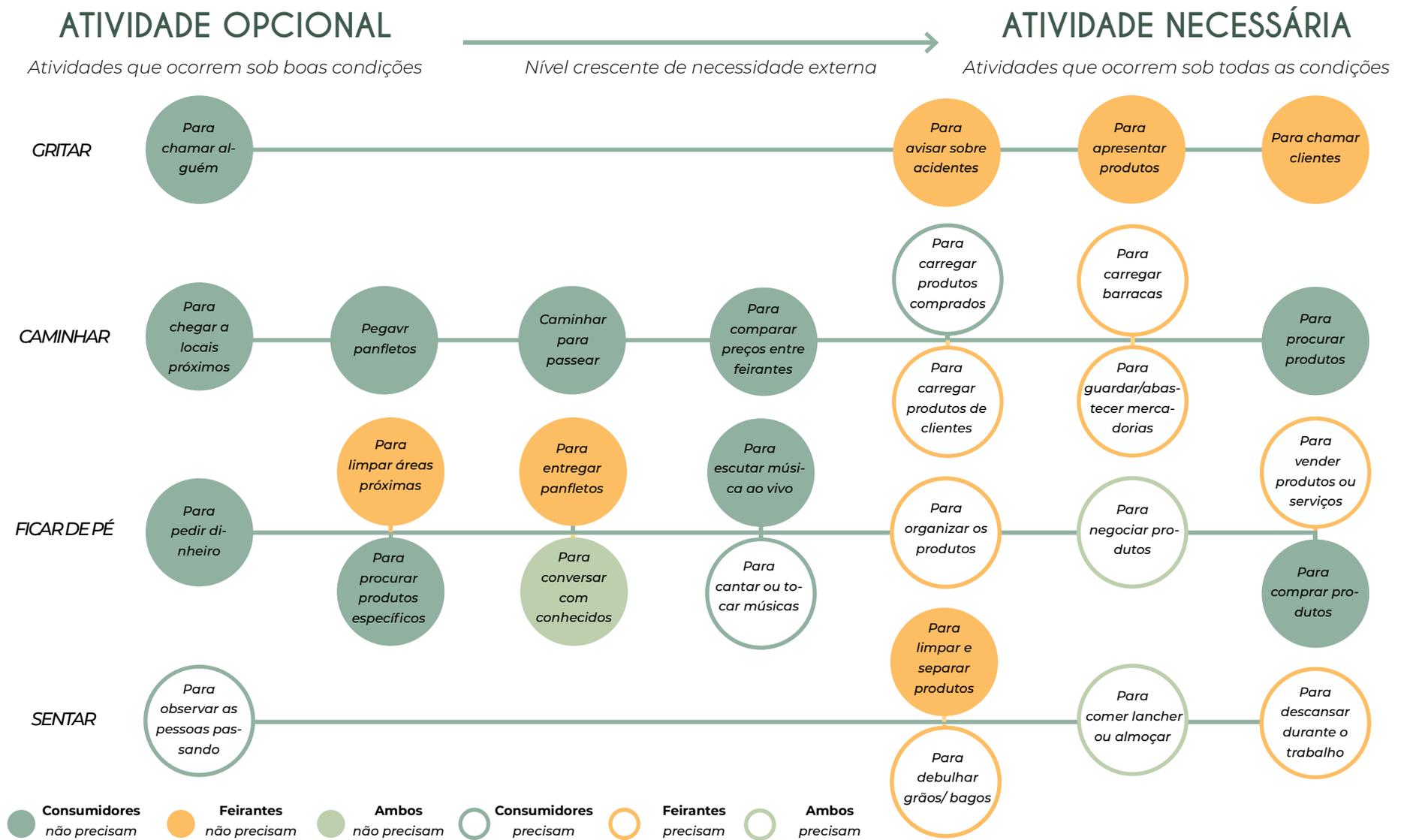
5.2 ATIVIDADES

Na figura 16, são apresentadas as atividades desenvolvidas por todos os momentos do objeto de estudo, partindo das atividades feitas opcionalmente para as atividades necessárias para o funcionamento dos momentos. Em verde escuro estão as atividades realizadas pelos consumidores, em laranja as realizadas pelos comerciantes, e em verde mais claro as que são realizadas por ambos.

Ademais, círculos preenchidos representam as atividades que não necessitam de mobiliário para serem realizadas enquanto as com os círculos vazios precisam, mas podem ou não dispor de mobiliário atualmente, dadas as condições em que se encontram a feira livre e o mercado público.

Haja vista que cada atividade é capaz gerar diferentes experiências para os usuários e nem todas elas são praticadas por todos os indivíduos, cada visitante pode ter uma vivência diferente da feira livre dentro do seu cotidiano. Algumas atividades dependem de algum tipo de

Figura 16 - Atividades



Fonte: Desenvolvido pela autora com base no diagrama de Jan Gehl.

mobiliário para acontecer, como carregar produtos de clientes ou vender mercadorias e serviços, sendo quase sempre realizadas pelos comerciantes.

Além disso, durante as visitas observaram-se as variações de objetos que acompanhavam tanto trabalhadores quanto consumidores em meio à circulação na feira livre e no mercado público. Com base nessa observação, foram encontrados 5 tipos de transeuntes dentro da feira livre além dos comerciantes:

- **TIPO 1: Pessoas com sacolas;**
- **TIPO 2: Pessoas com carrinhos de feira;**
- **TIPO 3: Pessoas com bicicletas;**
- **TIPO 4: Carroceiros;**
- **TIPO 5: Cabeceiros.**

Todos eles consideraram a medida aproximada de 45 cm de largura bideltaide (distância entre as faces mais laterais do músculo deltoide) conforme Schoenardie et al (2010). O tipo 1 representa a maior parte dos consumidores e considerou uma diminuição de 25% na dimensão das sacolas em razão do seu posicionamento com relação ao corpo e ao estiramento causado pelo peso dos

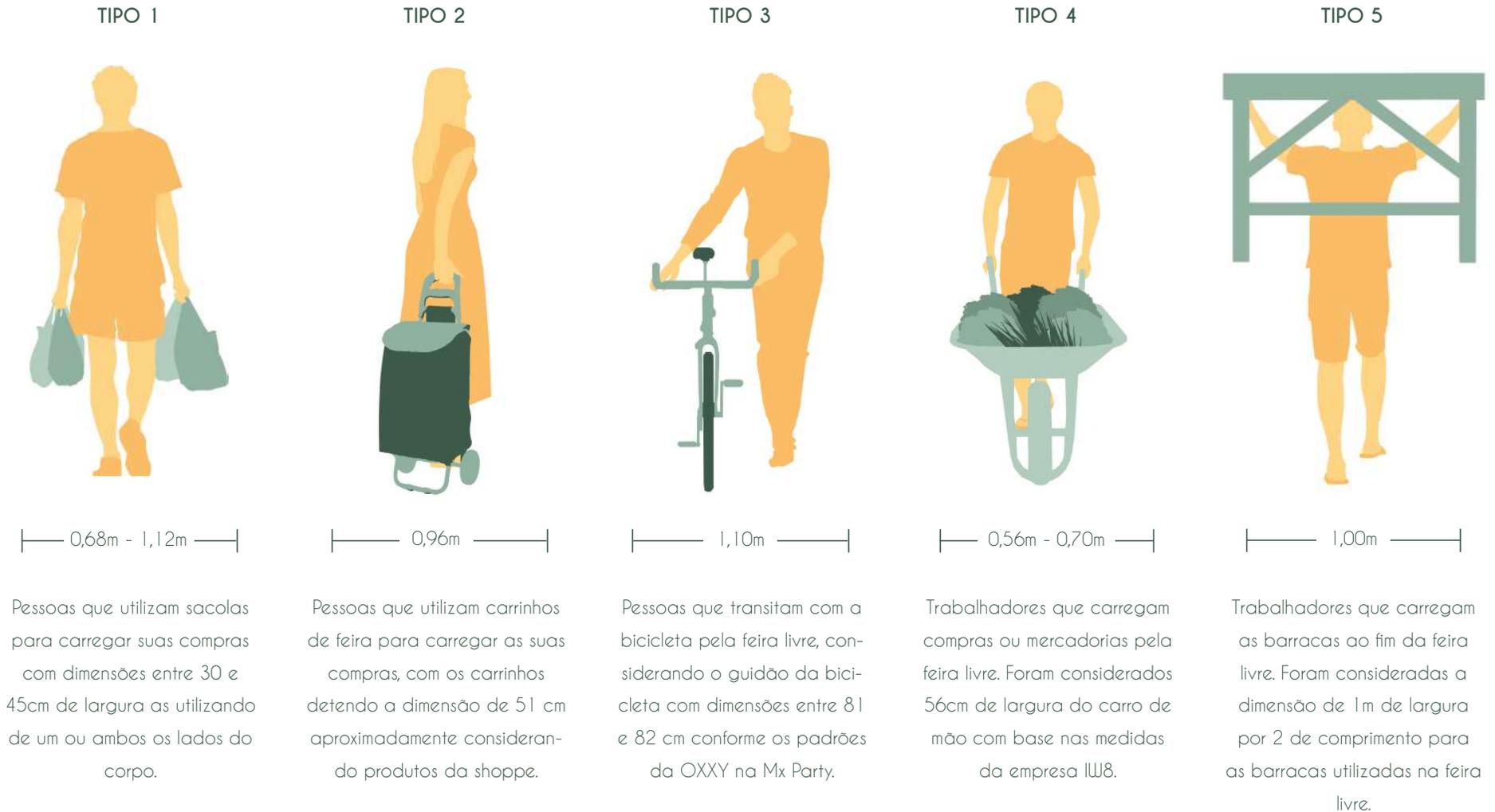
produtos em razão da gravidade.

O tipo 2 corresponde a usuários majoritariamente femininos, que transitam com carrinhos de feira feitos de ferro ou de tecido. Em razão do desnivelamento da pavimentação e conseqüente acúmulo de águas pluviais pela feira livre, a circulação com esse tipo de ferramenta pode se tornar muito difícil e por vezes barulhento.

O tipo 3 se apresenta mais eventualmente, podendo ser resultado da ausência de pontos específicos para o estacionamento deste tipo de modal. O tipo 4 corresponde tanto aos carroceiros (trabalhadores que transportam mercadorias de clientes) quanto a comerciantes e podem variar de tamanho em razão do tipo de transporte que utilizam.

Já o tipo 5 é popularmente conhecido como “cabeceiros”. São trabalhadores contratados por outros comerciantes, que durante as sextas e sábados transportam as barracas até os locais utilizados como depósito. Ao lado é possível ver os tipos de usuários e a estimativa dos respectivos espaços que ocupam.

Figura 17 - Usuários em circulação e espaço ocupado



Fonte: Desenvolvido pela autora.

A caracterização segue a lógica da proporção, de modo que se inicie pelo menor objeto e culmine em um estudo mais abrangente sobre o seu entorno. Atualmente ambos se mostram muito dependentes um do outro, competindo pelos mesmos clientes, enquanto tentam superar dificuldades parecidas: a falta de infraestrutura e a organização do espaço utilizado.

5.3 PRODUTOS COMERCIALIZADOS

Com base nos dados levantados in loco, atualmente no mercado público existem 114 boxes apresentados na figura 18. Desse total, 27% estão desocupados ou abandonados, apresentando problemas de revestimento, pintura e sanitarismo. Atualmente os produtos comercializados dentro do mercado são:

- **Carnes:** Carnes vermelhas, como as de vaca, vitela, porco, cabras e cabritos, carnes brancas, como as de frango e peixe;
- **Utilidades:** Pratos, panelas, talheres, potes, cordas, correntes, vassouras, rodos, pás, varas de

pesca, tábuas de corte, mangueiras entre outros;

- **Temperos:** Páprica, cominho, pimenta do reino, pimenta calabresa, salsinha, alho, colorau, orégano, salsa, louro, manjeriço, tomilho, entre outros;
- **Comedorias:** Lanchonetes, bares e restaurantes;
- **Laticínios:** Manteiga, leite e queijos;
- **Mercearia:** Biscoitos, itens de limpeza, sandálias, vassouras, produtos enlatados entre outros;
- **Grãos secos e moídos:** Milho seco, milho triturado, lentilha, grão de bico, farinha de mandioca, feijão, entre outros.

É importante destacar ainda que outros comerciantes também se utilizam do espaço como depósito. As bancadas de alvenaria apresentadas no meio dos corredores representam tarimbas de alvenaria e madeira menores onde comercializam carnes, laticínios e grãos secos. Como pode ser observado, seu foco se direciona majoritariamente para a venda de carnes, com 39% de



Figura 18 - Planta baixa do mercado Público

Fonte: Prefeitura Municipal de Sapé alterado pela autora.

MERCADORIAS

- Comedorias
- Grãos secos ou moídos
- Carnes
- Mercearias
- Utilidades
- Laticínios



ESCALA: 1:400

Tabela 03 - Quantificação geral por mercadoria dos comerciantes e barracas

PROD.	CARNES	VAZIO	COMEDORIAS	GRÃOS S.	OUTROS
QUAN.	44	31	16	10	13
PERC.	39%	27%	14%	9%	11%

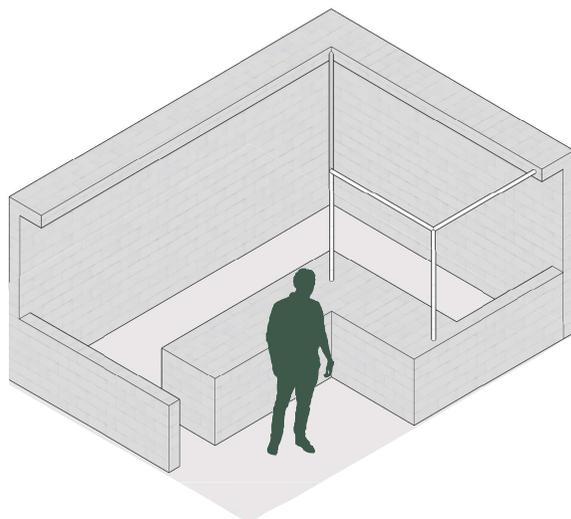


Fonte: Elaborado pela autora com fotos retiradas pela autora.

participação, seguido pelas tarimbas vazias, que ocupam 27% do mercado, e comedorias, com 14% de participação, como mostra a tabela 03. Ainda que apresentem comedorias, elas se encontram na área externa do mercado, espalhando e fragmentando os consumidores.

Além disso, mesmo que mostre 14% de participação, o mercado carece de espaço apropriado para receber esse público. É importante analisar a quantidade de tarimbas vazias que ocupam a segunda posição dentro da participação do mercado público. As causas podem

Figura 19 - Exemplo de tarimba utilizada no mercado público

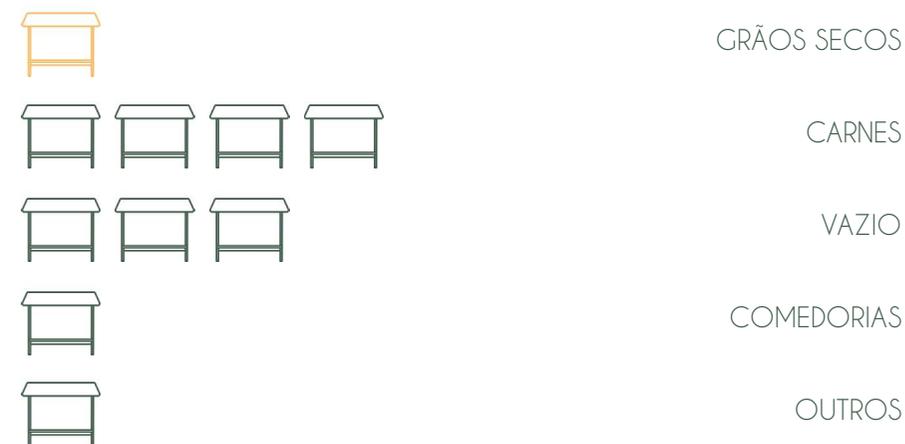


Fonte: Elaborado pela autora.

ser variadas, como o sanitário precário, a infraestrutura que não sofre intervenções significativas, ou ausência de organização e estruturação das tarimbas.

Analisando a proporção de tarimbas, para cada tarimba de grãos secos, como mostra a figura 20, é perceptível a predominância do comércio de carnes, sendo esse o maior atrativo para os consumidores em geral. Vale salientar que a área atual do mercado público compreende aproximadamente 2291 m².

Figura 20 - Proporção aproximada de barracas para cada barraca de grãos secos



Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 21, é apresentada a área ocupada pela feira livre durante seus dias de funcionamento. A área 1 caracteriza o período que vai de segunda a sexta-feira, abrangendo aproximadamente 4.000m², enquanto a área 2 demarca a sua expansão durante os sábados, equivalendo a aproximadamente 4.200m², totalizando cerca de 8.200m² (aumento de 205% comparado a área ocupada durante a semana). Na feira livre foram encontrados produtos categorizados como:

- **Hortifrútis:** Frutas, verduras, legumes e raízes;
- **Carnes:** carnes vermelhas, como as de vaca, vitela, porco, cabras e cabritos, carnes brancas, como as de frango e peixe;
- **Produtos têxteis:** Roupas para crianças e adultos, roupas de cama, mesa e banho, redes, cortinas, panos de prato, peças íntimas entre outros;
- **Utilidades:** Pratos, panelas, talheres, potes, cordas, correntes, vassouras, rodos, pás, varas de pesca, tábuas de corte, mangueiras entre outros;
- **Temperos:** páprica, cominho, pimenta do reino,

pimenta calabresa, salsinha, alho, colorau, orégano, salsa, louro, manjericão, tomilho, entre outros;

- **Lanches:** Tapioca, beiju, cuscuz, sanduíches naturais, cachorro quente, bolos entre outros;
- **Laticínios:** Manteiga, leite e queijos;
- **Limpeza:** Detergente, água sanitária, desinfetante, sabão líquido entre outros;
- **Mercearia:** Biscoitos, itens de limpeza, sandálias, vassouras entre outros;
- **Pet shop:** Ração, coleiras, corretes, shampoos, condicionadores, gaiolas, bebedouros, pintinhos entre outros.

É importante salientar que raízes foram incluídas dentro da categoria de hortifrútis, posto que mesmo excluídas pela FAO (2021) da categoria, até o momento são agrupadas e comercializadas junto a eles na feira livre em questão.

Ao todo foram contabilizadas 781 barracas distribuídas entre 524 feirantes. Desse total, 44% comercializam itens hortifrútis, 17% produtos têxteis, 13% carnes, 6% uti-

Figura 21- Planta baixa do feira livre.

Fonte: Elaborado pela autora.



Tabela 04 - Quantificação geral por mercadoria dos comerciantes e barracas das áreas 1 e 2

PRODUT.	HORTIFRÚTIS	CARNES	TÊXTEIS	UTILIDADES	LANCHES	OUTROS
COMERC.	229	87	69	34	25	80
PERCENT.	44%	17%	13%	6%	5%	15%
BARRACA	335	110	141	56	50	89
PERCENT.	43%	14%	18%	7%	6%	11%



Fonte: Elaborado pela autora com fotos retiradas pela autora.

Figura 22 - Área ocupada pela feira livre

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados levantados in loco e imagens de satélite.



MERCADORIAS

- Temperos
- Lanches
- Carnes
- Laticínios
- Hortifrútiis
- Utilidades
- Pet shop
- Têxteis
- Merceria
- Vazio

ARRANJOS

- Faz parte de um conjunto de dois bancos
- Faz parte de um conjunto de três bancos
- Faz parte de um conjunto de quatro bancos ou mais



lidades, 5% lanches e 15% outros tipos de produtos como itens de limpeza, petshop e temperos como mostra a tabela 04.

As tipologias se distribuem de forma arbitrária pelo espaço, apresentando concentrações de um determinado produto em certos pontos da feira livre, enquanto em outros pontos ela se mostra escassa como apresentado na figura 22. Em consequência, o desequilíbrio na distribuição do espaço pode gerar prejuízos a produtos menos procurados, concentrados em regiões específicas.

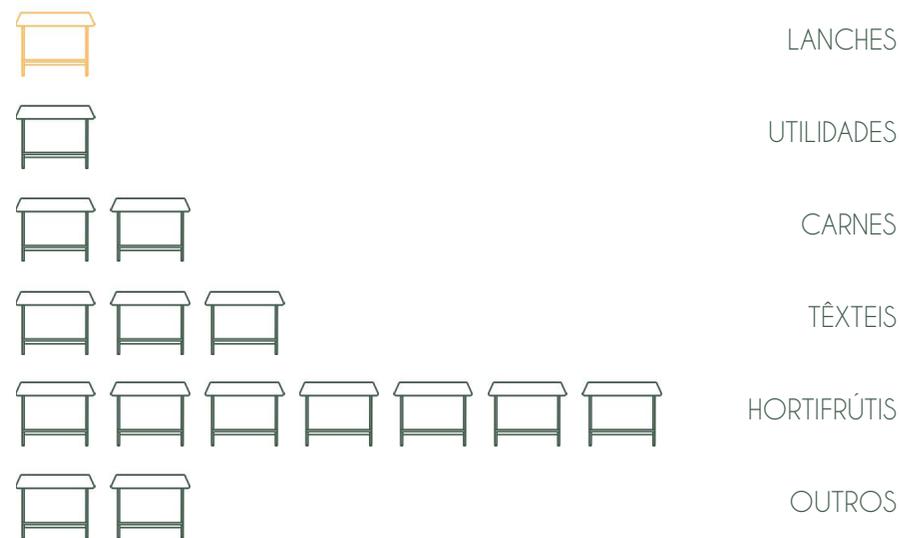
Além disso, a desigualdade na distribuição das barracas pode ser resultado da disparidade na quantidade de itens comercializados. Produtos como hortifrútis, que são vendidos em diversos pontos, mesmo que concentrados em determinadas regiões, não sofrem tanto impacto caso uma pequena porcentagem seja distribuída em outras áreas, devido à grande quantidade de pontos de venda disponíveis.

Entretanto, no caso de produtos menos comercializados como lanches, não existe uma região específica a que o consumidor possa ir no intento de obtê-lo, depen-

dendo do conhecimento prévio dos fregueses, da fácil localização ou da concentração de mercadorias semelhantes, atraindo o cliente pela maior oferta e variedade do produto.

Considerando os itens do tipo lanche, para cada barraca existem aproximadamente 1 barraca de utilidades, 2 barracas de carne, 3 barracas de produtos têxteis, 7 barracas de hortifrútis e 2 barracas para outros tipos de itens como mostra a figura 23. Enquanto a figura 24

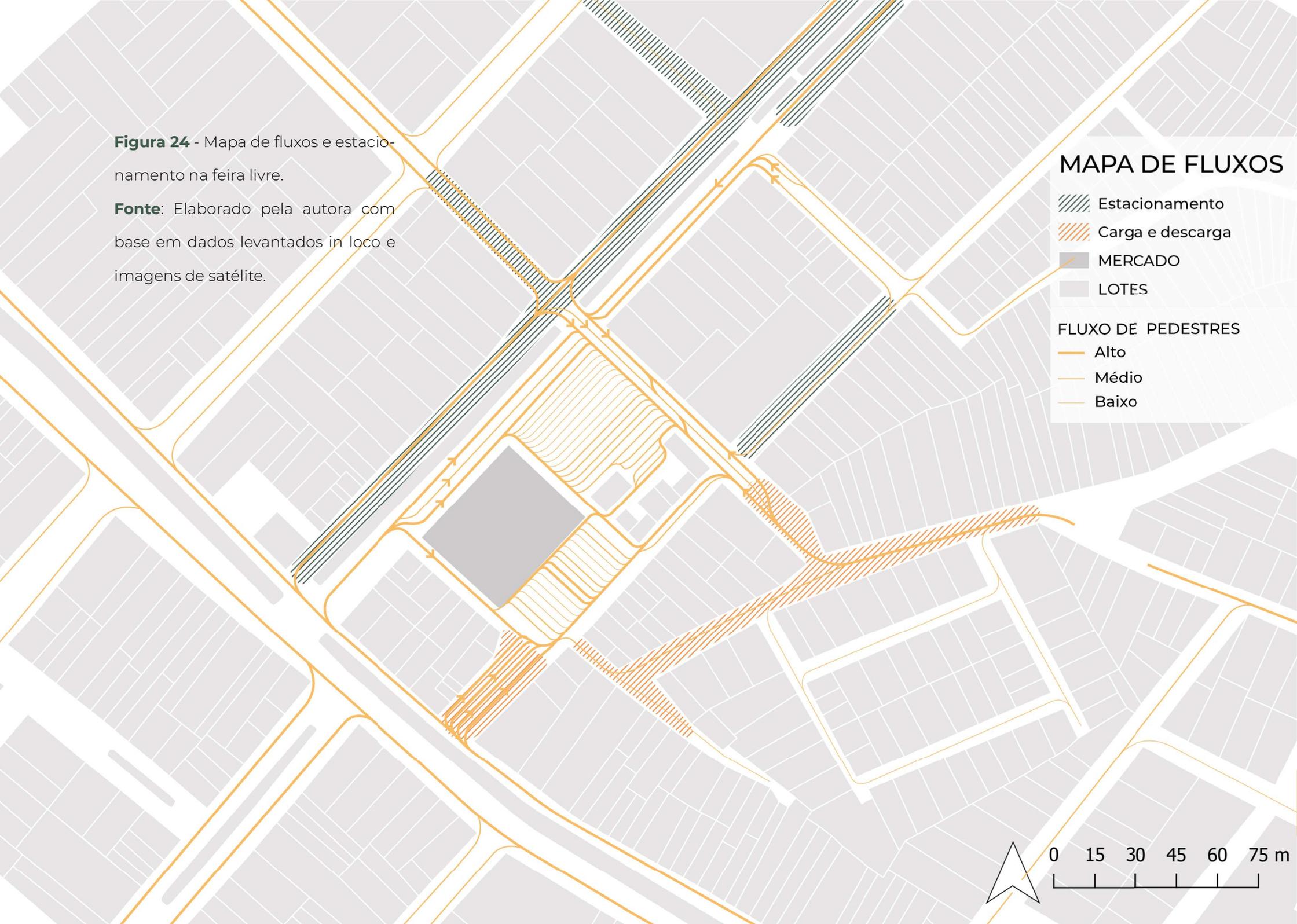
Figura 23 - Proporção aproximada de barracas para cada barraca de lanches



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 24 - Mapa de fluxos e estacionamento na feira livre.

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados levantados in loco e imagens de satélite.



apresenta o fluxo dentro da feira livre, apresentando os pontos com maior circulação de pedestres e locais utilizados para estacionamento.

De modo a melhorar o entendimento acerca da simbologia utilizada no presente trabalho, foi criada uma legenda na figura 25 a qual apresenta as mercadorias mais relevantes e os ícones utilizados para representá-las.

Ao analisar a área ocupada pela feira livre, foi percebida uma propensão de agrupamento entre comerciantes que forneciam produtos semelhantes, construindo áreas com concentrações maiores de itens específicos, como carnes, produtos têxteis e hortifrútis sobre outras regiões da feira livre.

A partir desse julgamento, a feira livre foi dividida em 5 setores segmentados com base na maior concentração de alguns produtos e a propensão a um maior adensamento de barracas em determinadas regiões como mostra a figura 26. Nela é apresentada a divisão dos setores além dos principais produtos comercializados em cada setor.

Partindo do adensamento, foi construída a tabela

Figura 25 - Legenda das mercadorias



Fonte: Elaborado pela autora, imagens retiradas do site FLATICON e alterados pela autora.

Figura 26 - Setorização da feira livre

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados levantados in loco e pelo google street view.



05 que apresenta os dados quantitativos acerca da condensação de bancas por setor com base na medida Are.

Tomando como exemplo o uso de uma barraca com 1 metro de largura por 2 metros de comprimento, calcular o adensamento dos setores com base em metros, hectares ou quilômetros quadrados fugiria consideravelmente da escala urbana em que as bancas se inserem. Desse modo, foi utilizada a medida Are que representa a medida de 100m² ou um espaço de 10 metros de largura por 10 metros de comprimento.

Como pode ser observado na tabela 05, alguns setores apresentaram maior densidade de barracas por Are do que outras, como os setores A e E. Essa diferença pode ser explicada pelo tipo de mercadoria que as caracterizam. Como apresentado anteriormente, os hortifrúteis constituem os itens mais comercializados na feira livre em estudo e, por serem setores focados nesse tipo de produtos, as barracas se concentram na mesma proporção.

Entretanto, é importante ressaltar que dentro do setor B, ainda que essa densidade se apresente menor

em comparação aos demais setores, os comerciantes de produtos têxteis se utilizam tanto da superfície das bancas quanto da estrutura de suas cobertas para organizar os seus produtos. Dessa forma, a organização utilizada por eles pode gerar a sensação da existir o dobro de bancas do que realmente se encontra na área.

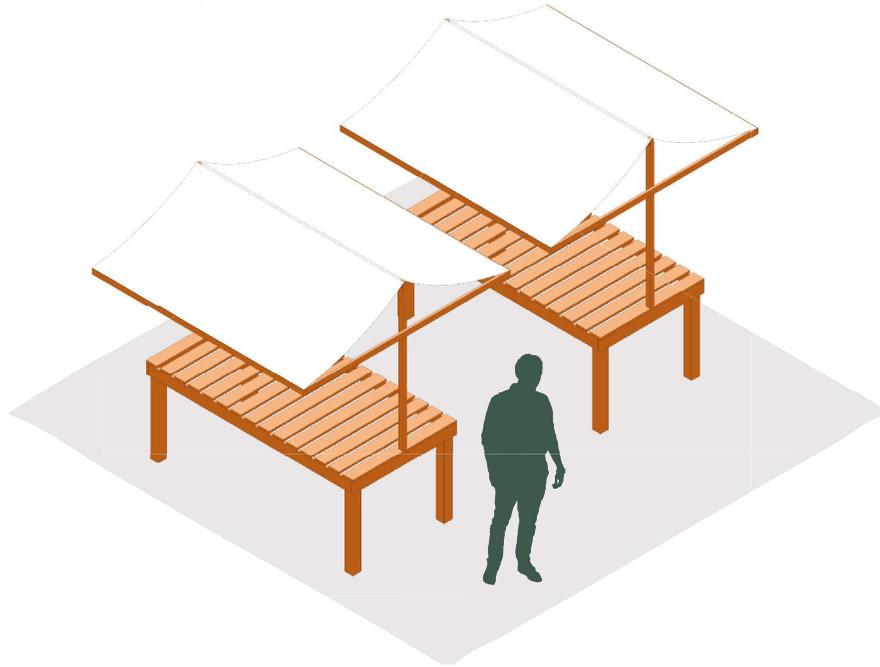
Destaca-se ainda que, durante o levantamento, observou-se que nesse setor as barracas instaladas na avenida Rio Branco expressaram maior espaçamento entre si do que as localizadas mais ao centro da feira. Com base nos dados do levantamento, as barracas do setor localizadas na Avenida Rio Branco apresentaram densidade de

Tabela 05 - Quantitativo de barracas e área por setor

	BARRACAS	ÁREA EM ARE	BARRACA/ARE
SETOR A	254	20,27m ²	12,53Bar/ARE
SETOR B	192	25,07m ²	7,66Bar/ARE
SETOR C	130	13,58m ²	9,57Bar/ARE
SETOR D	132	17,07m ²	7,73Bar/ARE
SETOR E	73	6,37m ²	11,46Bar/ARE

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 27 - Barracas utilizadas na feira livre

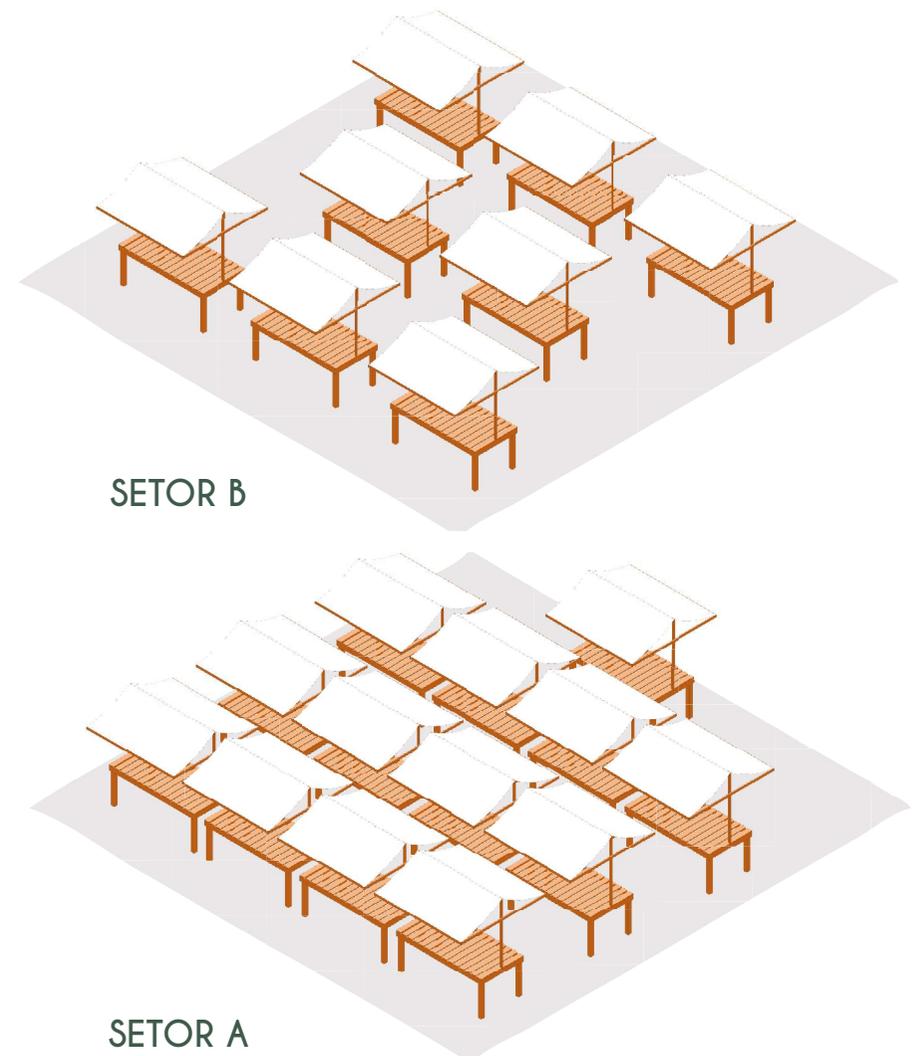


Fonte: Elaborado pela autora.

4,97 Bar/ARE enquanto as próximas ao centro detinham densidade de 10,41 Bar/ARE.

A figura 27 apresenta um modelo de barraca muito utilizado, segundo as observações feitas *in loco*. Pela análise feita, o apoio pode variar do centro para as quatro extremidades do banco e, se utilizada com mais de uma unidade, os apoios podem apresentar mais arranjos. Já

Figura 28 - Menor densidade e maior densidade entre setores



SETOR B

SETOR A

Fonte: Elaborado pela autora

a figura 28 mostra o comparativo entre a menor densidade e a maior densidade aproximada entre os setores com base na tabela 05 levantada anteriormente dentro de uma área de 10 por 10 metros quadrados.

Assim, entende-se que ainda que sigam um modelo de barraca com proporção próxima de 2:1, cada feirante molda a sua banca da forma que melhor atender às suas necessidades. Desse modo, mesmo que alguns setores apresentem maiores concentrações de barracas do que outros, diferentes tipos de mercadorias podem exigir diferentes arranjos, provocando a sensação de maior densidade apesar de, quando comparados com setores que causaram o mesmo sentimento, não possuírem tantas unidades.

Com base nos dados apresentados na tabela 06, é possível compreender mais profundamente a proporção de concentração de alguns produtos em determinados setores. Ela apresenta os 3 principais produtos comercializados em cada área com base na quantidade de barracas. À vista disso, os setores se estabelecem como:

- **Setor A:** Ponto de Hortifrútis;

- **Setor B:** Ponto de Têxteis;
- **Setor C:** Ponto de Carnes;
- **Setor D:** Ponto Misto;
- **Setor E:** Ponto de Hortifrútis.

Itens hortifrútis como legumes, verduras e frutas por se encontrarem em pontos extremos da feira livre colaboram para a maior circulação de pessoas. Todavia, o mesmo não acontece com os demais produtos que, como apresentado posteriormente, tendem a se concentrar em determinadas regiões.

Essa concentração gera desequilíbrios na circulação dos consumidores que, em sua maioria, buscam primeiramente a compra de produtos essenciais. Com a ausência de pontos de apoio pela feira e o mercado, os clientes tendem a se cansar mais rapidamente, o que, como consequência, encurta o tempo gasto nas compras e prejudica a venda de produtos fora do escopo de itens de primeira necessidade.

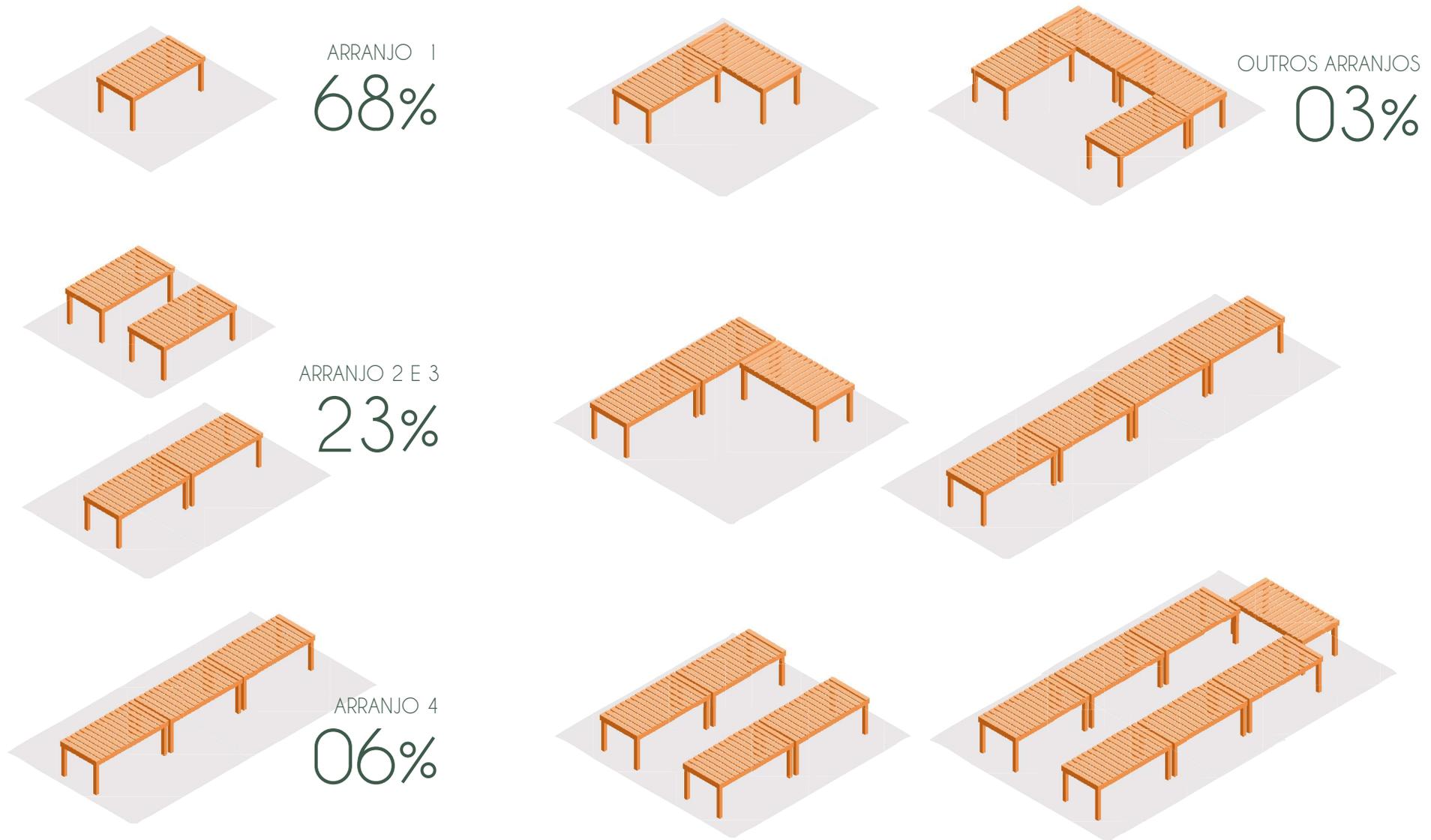
No total, foram contabilizadas 781 barracas ocupando a feira livre nos dias de sábado, variando em relação a sua densidade de setor para setor.

Tabela 06 - Três principais mercadorias comercializadas em cada setor.

	HORTIFRÚTIS 78%		TEMPEROS 06%		CARNES 05%	SETOR A SETOR B SETOR C SETOR D SETOR E
	TÊXTEIS 72%		HORTIFRÚTIS 11%		UTILIDADES 05%	
	CARNES 50%		HORTIFRÚTIS 20%		SEM INDENT. 17%	
	HORTIFRÚTIS 31%		UTILIDADES 26%		CARNES 18%	
	HORTIFRÚTIS 67%		LANCHES 11%		TEMPEROS 04%	

Fonte: Dados extraídos pela autora a partir de levantamento obtidos in loco, imagens retiradas do site FLATICON e alterados pela autora.

Figura 29 - Principais arranjos utilizados pelos feirantes



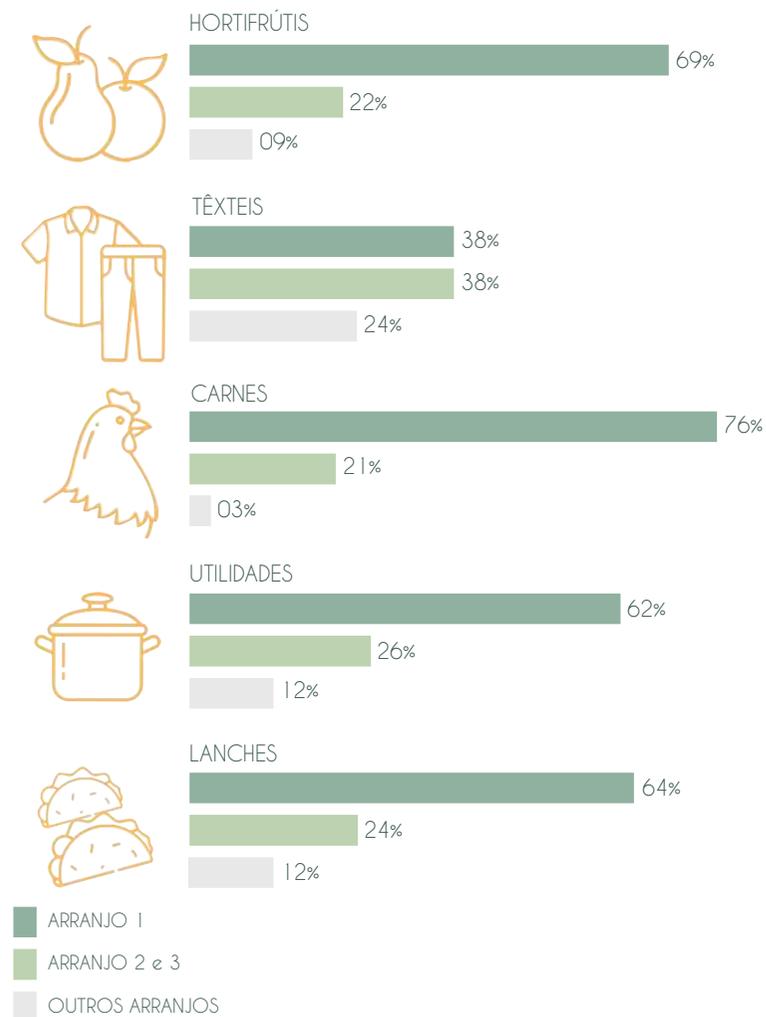
Fonte: Dados obtidos pela autora, imagens elaboradas pela autora.

A partir de dados obtidos durante os levantamentos, foi possível compreender tanto a questão quantitativa quanto a organizacional da feira livre. Dessa maneira, considerando o todo, foi levantada a média de 1,5 bancos por comerciante, dentre os quais 68% deram preferência ao uso do arranjo um como mostra a figura 29; enquanto 22% foram mais propensos ao uso dos arranjos 2 e 3. Os 10% restantes apresentaram disposições mais singulares.

Apesar disso, conforme apresenta gráfico 05, esses arranjos também apresentaram influência nas suas disposições com base no tipo de itens comercializados. Com exceção dos itens tipificados, como enxovais, que demonstraram relativa uniformidade nas disposições dos arranjos utilizados pelos comerciantes, os demais tipos demonstraram alta preferência pelo uso do arranjo um, principalmente no comércio de carnes.

Essa disposição pode ser ocasionada pelo tipo de produtos que, além de demandar maior cautela no armazenamento dos produtos, caso haja excedente ao fim do dia, gerará despesas ao comerciante.

Gráfico 05 - Principais arranjos utilizados pelas cinco principais mercadorias mais ofertadas



Fonte: Dados obtidos pela autora, imagens retiradas do site FLATICON e alterados pela autora.

Após realizar um estudo abrangente dos setores, das mercadorias predominantes e de como elas se dispõem e se relacionam no espaço, com o conhecimento prévio adquirido mediante anos de experiência vivenciando feiras livres, foi elaborada uma síntese das necessidades específicas de cada produto, conforme representado na figura 30. Essas necessidades estão centradas nos seguintes aspectos:

- Sombreamento adequado para proteger as mercadorias dos efeitos nocivos da exposição direta ao sol;
- Espaço suficiente para expor as mercadorias de forma organizada e atraente, de modo a facilitar a visualização e a escolha pelos consumidores;
- Instalações hidrossanitárias adequadas para garantir a higiene e o bom estado dos produtos, incluindo rede de água e sistema de esgoto.

Além disso, foi identificada a necessidade de uma área de apoio aos consumidores, destinada às comedorias. Por estarem em menor quantidade, muitas lanchonetes espalhadas pela feira livre não dispõem de espaço

adequado para assistir seus consumidores, o que os leva a comer de pé, caminhando ou, no caso dos feirantes, no espaço de suas próprias barracas. Somente algumas lanchonetes e bares, instalados na parte externa do mercado, dispõem de espaço para atender a essa necessidade, ainda que de forma limitada.

No caso das mercadorias categorizadas, como carnes, foi identificada a necessidade adicional de um espaço dedicado ao armazenamento de equipamentos, uma vez que alguns comerciantes utilizam freezers e cortadores de carne para o preparo dos alimentos. Essas informações foram utilizadas como um dos principais direcionadores no projeto dos espaços destinados aos comerciantes.

5.4 ENTENDENDO O ENTORNO

Partindo para o entorno, como a feira e o mercado se relacionam com os consumidores, no contexto mais amplo, eles não se mostram muito atrativos. A feira, à primeira vista, se apresenta como um mar de lonas fragmentadas, como mostra o ponto 1. Não existe um espaço

Figura 30 - Necessidades gerais de cada tipo de mercadoria

	HORTIFRÚTIS Espaço para expor a mercadoria Sombreamento		TEMPEROS Espaço para expor a mercadoria Sombreamento
	TÊXTEIS Espaço para expor a mercadoria Sombreamento		OVOS E LATICÍNIOS Espaço para expor a mercadoria Sombreamento Área para armazenamento
	CARNES Espaço para expor e preparar a mercadoria Espaço para armazenamento de equipamentos Rede hidrossanitária para higienização		LIMPEZA Espaço para expor a mercadoria Sombreamento
	UTILIDADES Espaço para expor a mercadoria Sombreamento		MERCEARIA E GRÃOS SECOS Espaço para expor a mercadoria Sombreamento
	COMEDORIAS Espaço para expor e preparar a mercadoria Área de apoio aos consumidores Rede hidrossanitária para higienização		PET SHOP Espaço para expor a mercadoria Sombreamento Área para armazenamento

Fonte: Dados extraídos pela autora a partir de levantamento obtidos in loco, imagens retiradas do site FLATICON e alterados pela autora.

mínimo delimitado para circulação de pessoas gerando conflitos de fluxo nos pontos mais estreitos.

Além disso, a diferença na altura das coberturas gera inconvenientes para pessoas de estatura acima da média. Isso ocorre porque as cobertas de muitos bancos estão interligadas ou se sobrepõem como mostra o P2, formando uma estrutura única que obriga essas pessoas a abaixarem a cabeça nos pontos mais baixos. Essa sobreposição pode ser observada nas vistas P1 e P5, enquanto na vista P3 se mostra o registro de como a feira se

mantém após o fim do seu funcionamento.

Ademais, na vista P3 e na vista P4 é possível observar a situação do mercado público no seu exterior: a pintura desgastada e mofada, as lojas externas sem padronização, destoando da arquitetura original, além do acúmulo de água pluvial ocasionado pelo desnivelamento da pavimentação lá existente.

Conforme evidenciado na vista P3, as barracas que permanecem montadas durante a semana cobrem os bancos para proteção contra chuva. No entanto, durante a noite, essa cobertura impede a iluminação dos postes, resultando em uma região mal iluminada e, consequentemente, com pouca movimentação.

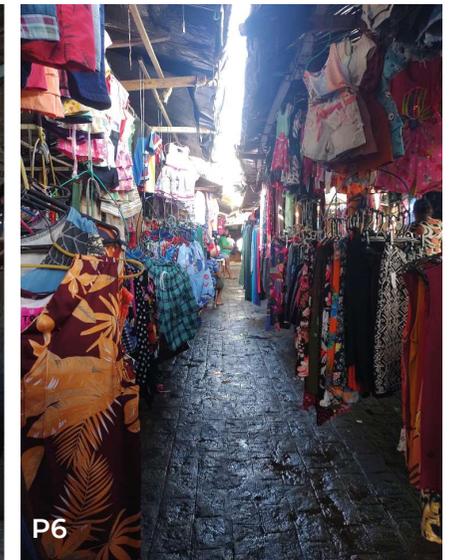
A figura 33 exibe o mapa de usos no entorno da feira livre, no qual o comércio opera principalmente durante o dia. Isso, juntamente à iluminação insuficiente no espaço ocupado pela feira, torna o local inseguro para pedestres durante a noite. Além disso, na figura 34, é possível notar que a pavimentação atual se constitui de paralelepípedos o que pouco contribui para a drenagem das águas pluviais.

Figura 31 - Mapa para vistas



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 32 - Registros da feira livre e do mercado público



Fonte: Fotos retiradas pela autora.

MAPA DE USOS

- MERCADO
- USOS
 - Vazio
 - Residencial
 - Misto
 - Serviço
 - Comercial
 - Outros lotes



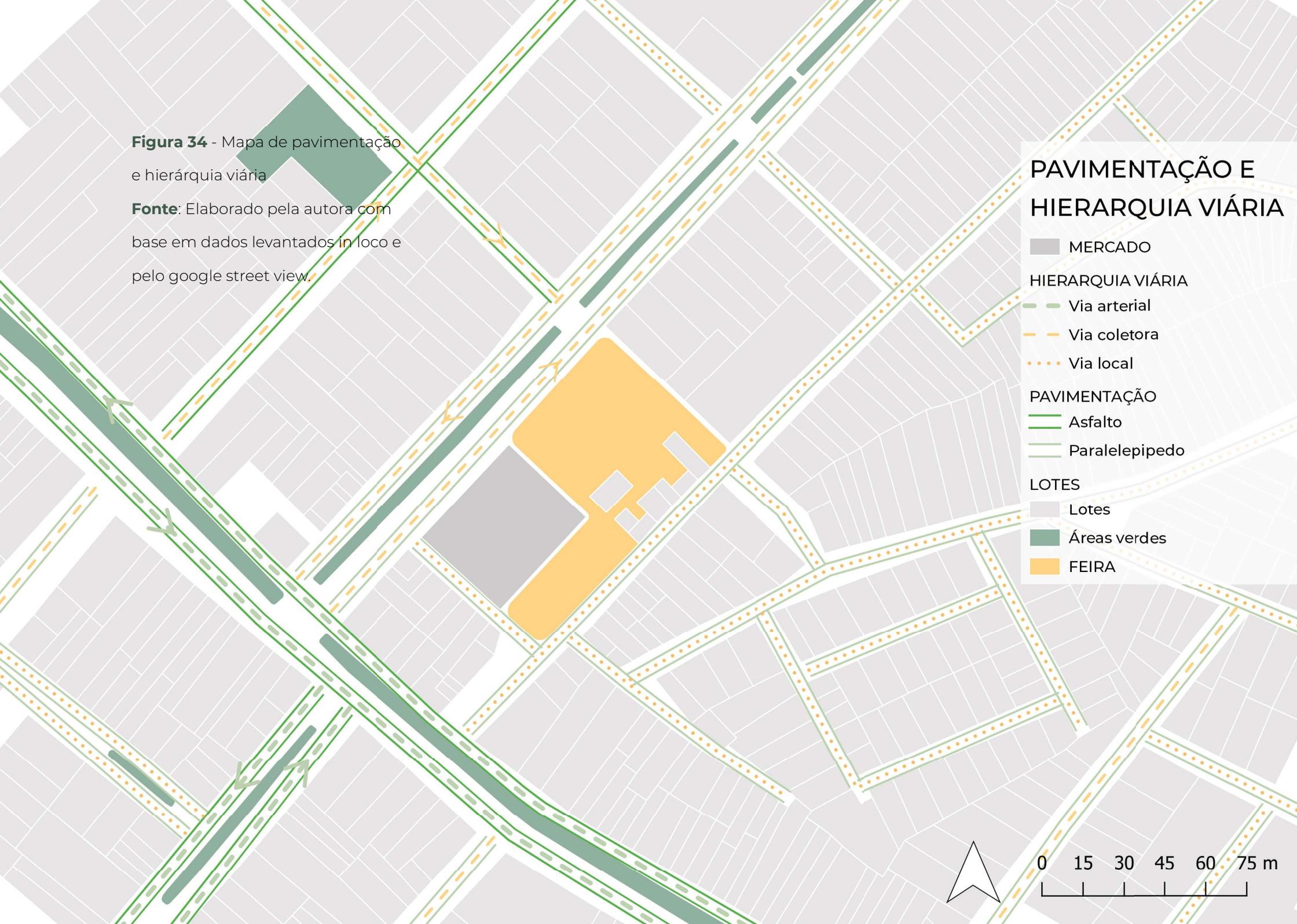
Figura 33 - Mapa de usos

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados levantados in loco e pelo google street view.



Figura 34 - Mapa de pavimentação e hierarquia viária

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados levantados in loco e pelo google street view.



5.5 ANÁLISE FINAL

Após um estudo abrangente e uma avaliação minuciosa da feira livre e do mercado público do município de Sapé-PB, foi desenvolvida uma tabela detalhada que serviu como base para a proposta de projeto para o objeto de estudo. Ela abrange todas as perspectivas do objeto de estudo, tornando mais fácil direcioná-lo e compreender sua essência. Com isso, o processo de planejamento e execução do projeto é embasado em uma análise completa e proporciona uma compreensão mais clara e abrangente do objeto em questão.

Quadro 1 - Quadro do *Problem Seeking* parte 1

	METAS	FATOS
FUNÇÃO	Separar funções e melhorar a dinâmica entre a feira livre e o mercado público, dividindo seus papéis para que se complementem, com a feira focada na venda das mercadorias e o mercado nas comédorias.	A feira livre e o mercado dividem a mesma função de fornecer mercadorias para a população, o que prejudica a sua dinâmica. Ademais, ainda que atendam a essa função, a sua infraestrutura se encontra debilitada, o que pode prejudicar a qualidade dos produtos.
FORMA	Explorar a ventilação e a iluminação natural, através de cobertas independentes e desniveladas. Explorar o centro do mercado público como um espaço para novas vivências, com a arquitetura original e a proposta conversando entre si.	A infraestrutura e o saneamento precários, sem padronização prejudicam a forma da feira livre e do mercado público. Este último, sofreu alterações ao longo do tempo que desconsideraram a sua unicidade.
ECONOMIA	Trazer a possibilidade de uso noturno para feira e o mercado público, ampliando o seu horário de funcionamento e revivendo o comércio local noturno.	O espaço ocioso no período noturno limita o melhor aproveitamento do local que, situado no centro da cidade, possui grande potencial econômico pouco aproveitado, haja vista os poucos pontos de lazer existentes em cidades interioranas.
TEMPO	Alternar novos usos do espaço ocupado pela feira livre, atraindo um novo público e otimizando o uso desse espaço.	O tempo utilizado pela feira livre e o mercado público é considerável. Apesar disso, após a finalização das compras, o espaço se torna um ambiente ermo e escuro, propício a furtos e outras criminalidades.

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2 - Quadro do Problem Seeking parte 2

CONCEITOS	NECESSIDADES	PROBLEMAS
<p>Arquitetura que utilize iluminação e ventilação naturais, por meio de materiais translúcidos e o desnivelamento da cobertura. Uso de jardins de chuva para absorção de águas pluviais e mobiliário móvel que permita a flexibilidade do espaço.</p>	<p>Falta de destinação de resíduos orgânicos e não orgânicos, gerando montantes de sobras vegetais que vão se aglomerando entre os bancos, enquanto ossos vão se acumulando dentro do mercado público.</p>	<p>Ausência de legibilidade e pontos de apoio para os consumidores, sistema de drenagem urbana insuficiente, iluminação pública insuficiente, pavimentação desnivelada gerando pontos para acúmulo de água pluvial.</p>
<p>Forma baseada na permeabilidade visual mediante o uso de cobertas altas e independentes, com pavimentação que integra a feira e o exterior. Explorar no mercado o uso do pátio como praça de alimentação ampla e integrada.</p>	<p>Ausência de organização do espaço: as barracas se instalam da forma que podem, o que compromete a circulação dos consumidores; enquanto a falta de manutenção no mercado público prejudica a higienização do espaço.</p>	<p>Falta de manutenção e de infraestrutura na feira livre e no mercado público, além de a arquitetura original e a atual se apresentarem como destoantes. Falta de concordância entre o mobiliário da feira e a arquitetura mercado que por vezes é bloqueado visualmente pelas barracas.</p>
<p>Uso de materiais acessíveis ou de fácil manutenção de modo a diminuir custos. Promover um espaço aberto a outros usos no período noturno, através de mobiliário que possa ser removido.</p>	<p>Tornar o tempo de funcionamento e a distribuição de espaços entre os comerciantes otimizados, trazendo maior retorno financeiro para os próprios comerciantes e à própria prefeitura.</p>	<p>A falta de reformas e cuidados com os espaços utilizados pelos comerciantes afasta possíveis compradores gerando problemas para os comerciantes e à parte administrativa do mercado.</p>
<p>Flexibilização do espaço ao modificar o uso do espaço da feira no período noturno com o uso de mobiliário flexível, enquanto o mercado foca nas comedorias, o que permitiria o seu funcionamento o dia inteiro.</p>	<p>Necessidade de aprimorar a utilização do espaço, aproveitando a possibilidade de usá-lo para eventos, reuniões e festas, a fim de tornar seu tempo de funcionamento mais produtivo.</p>	<p>Muito tempo é gasto montando e desmontando o mobiliário atual na feira livre, horas que poderiam ser investidas na organização das mercadorias e na limpeza do ambiente.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

6. PROJETO,

Apresentando o partido arquitetônico



O objeto de estudo se situa na macrozona de Desenvolvimento Turístico e Rural da cidade de Sapé, dentro da Zona de Uso Misto com o mercado, ocupando a quadra 175, e a feira, a quadra 180. Essa zona, segundo a prefeitura municipal de Sapé – PB (2019), é composta por áreas mistas de média densidade com usos habitacionais, comerciais, de serviços e comunitários.

Embora exista a marcação da quadra no arquivo disponibilizado pela prefeitura, a feira, em muito, ultrapassa essa dimensão nos dias de feira fixa, ocupando inclusive grande espaço da região posterior ao mercado público. O conceito empregado no projeto focou na efemeridade da feira livre de Sapé, trazendo uma arquitetura que proporcionasse um ambiente que, assim como o comércio, é flexível. Considerando o espaço limitado para intervenção, algumas restrições foram estabelecidas para facilitar a incorporação dos comerciantes no local.

Das 781 unidades identificadas na feira livre, 45 estavam desocupadas, diminuindo as barracas para 736 unidades. Além disso, na proposta projetual, todas as barracas de lanches foram realocadas para o mercado públi-

co, o que reduziu as unidades para 686.

Destaca-se ainda, como apontado na figura 28, que dos 524 comerciantes, 91% utilizam 1 ou 2 bancos para exibir suas mercadorias. Portanto, foi estabelecido um limite de 2 unidades de barracas por comerciante, reduzindo as 686 unidades para 610. No entanto, com o objetivo de proporcionar uma melhor infraestrutura para a feira livre e abrir espaço para as lanchonetes no mercado público, todas as tarimbadas de carnes foram inseridas na feira livre, o que levou ao resultado final de 654 unidades necessárias na feira livre.

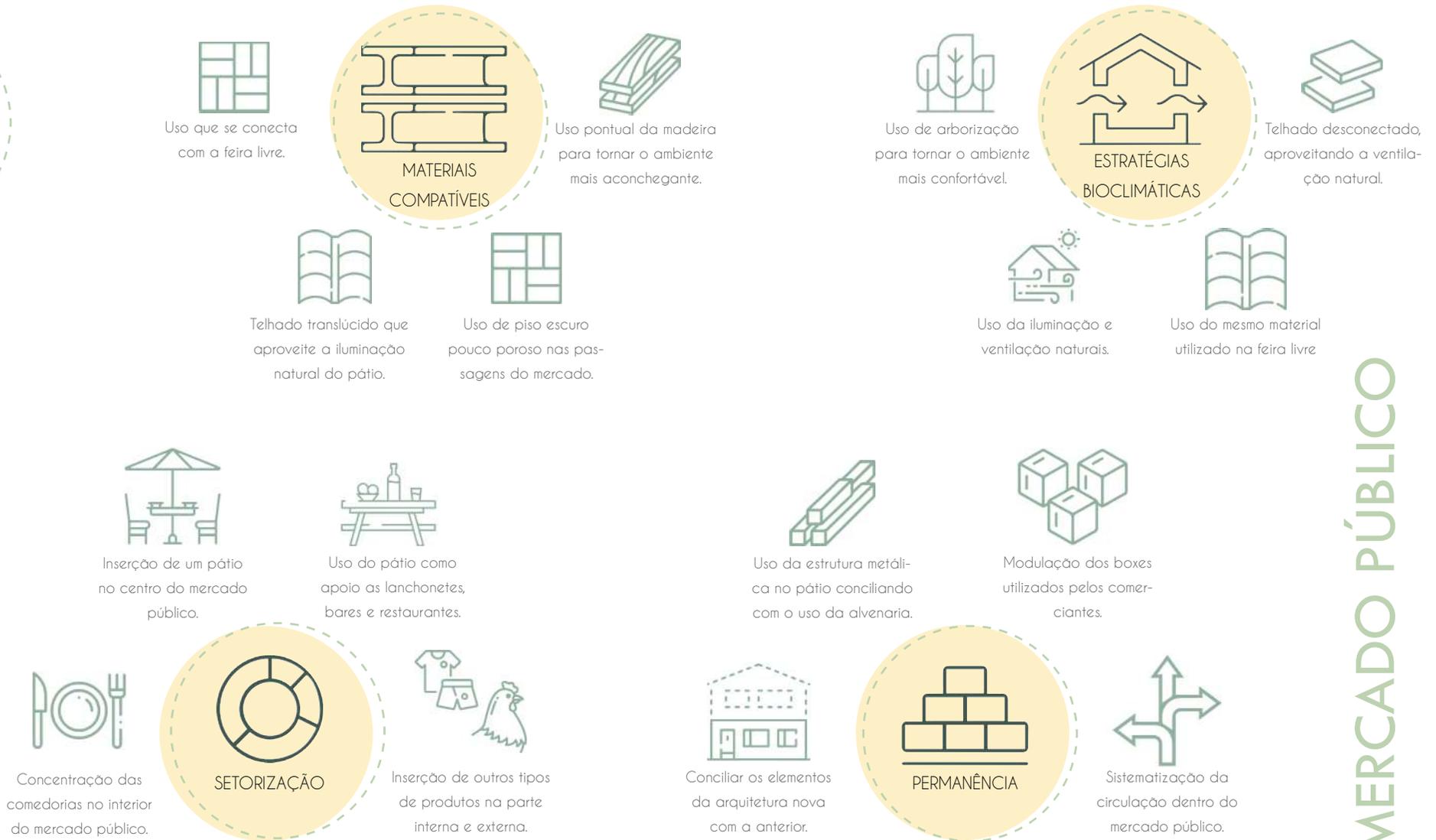
Já no mercado público, das 114 tarimbadas existentes, 31 encontram-se desocupadas, enquanto 44 seriam realocadas para a feira livre, resultando na redução da quantidade necessária para 39. Entretanto, com a adição de 25 lanchonetes, a quantidade necessária finaliza 64 unidades, considerando também a adição de 7 unidades adicionais para comércios implantados dentro da feira livre. Dessa forma, a quantidade final de unidades necessárias se estabeleceu em 725, em que 654 viriam da feira livre, e 64 do mercado público.

Figura 35 - Diretrizes da feira livre



Fonte: Elaborado pela autora com imagens retiradas do site FLATICON alterados pela autora.

Figura 36 - Diretrizes do mercado público

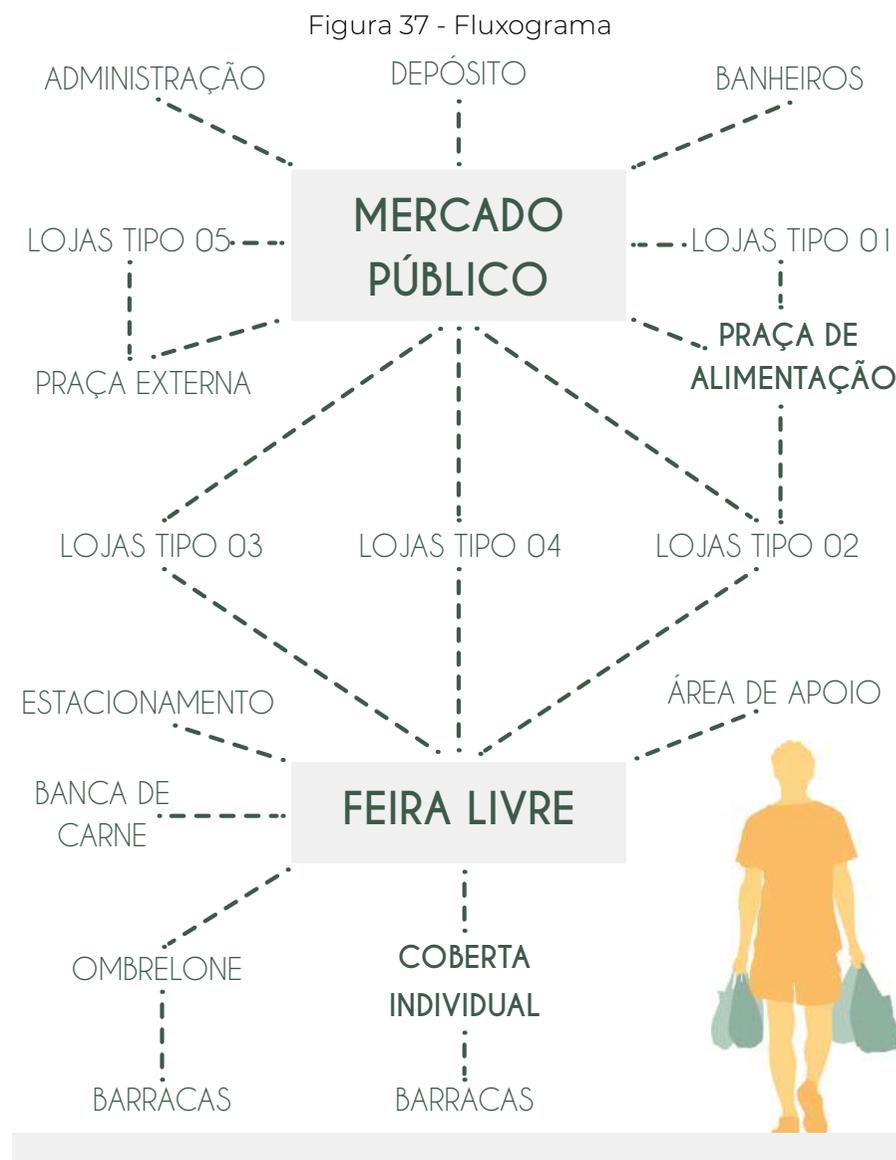


Fonte: Elaborado pela autora com imagens retiradas do site FLATICON alterados pela autora.

6.1 FLUXOGRAMA E PROGRAMA DE NECESSIDADES

Compreendendo a conexão entre a feira livre e o mercado público, foi criado um fluxograma, exibido na figura 37, enquanto a tabela 07 apresenta o programa de necessidades. Para facilitar os cálculos e o entendimento acerca do espaço da feira livre, as bancas foram contabilizadas em conjunto de 8 unidades representando uma cobertura individual como será apresentado posteriormente. Ademais, uma das cobertas abarca apenas 4 unidades e não 8 em razão do espaço limitado, gerando o total exato de 396, e não 400 unidades, que funcionariam de forma semanal.

Além disso, dos 55 conjuntos, 5 funcionam apenas durante o sábado. Essas cobertas individuais foram implantadas na fachada frontal do mercado público para impedir o bloqueio visual causado pelos ombrelones. Por essa razão, a área total ocupada pelas barracas cobertas compreende 2232,32 m² e não 2252,80 m².



Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 07 - Programa de necessidades

	AMBIENTES	ACESSO	ILUMINAÇÃO	DESCRIÇÃO	QUANT.	ÁREA	ÁREA TOTAL
MERCADO PÚBLICO	Recepção 01	Público	Artificial	Recepção dos clientes	34	3,63m ²	123,42m ²
	Lojas tipo 01	Público	Artificial	Voltada principalmente a comedorias	34	09,33m ²	317,22m ²
	Lojas tipo 02	Público	Artificial	Loja de menor porte	34	5,06m ²	172,04m ²
	Recepção 02	Público	Artificial	Recepção dos clientes	08	3,84m ²	30,72m ²
	Lojas tipo 03	Público	Artificial	Voltada principalmente a comedorias	08	10,88m ²	87,04m ²
	Lojas tipo 04	Público	Artificial	Voltada principalmente a comedorias	04	14,82m ²	59,28m ²
	Lojas tipo 05	Restrito	Artificial	Voltada principalmente a comedorias	03	10,38m ²	31,14m ²
	Administração	Restrito	Artificial	Gerenciamento e administração	01	7,09m ²	7,09m ²
	Depósito	Restrito	Artificial	Armazenamento de materiais/equipamentos	01	7,09m ²	7,09m ²
	Banheiro feminino	Público	Artificial	Destinado a necessidades e higiene	01	8,65m ²	8,65m ²
	Banheiro masculino	Público	Artificial	Destinado a necessidades e higiene	01	8,65m ²	8,65m ²
	Banheiro feminino PCD	Público	Artificial	Destinado a necessidades e higiene	01	4,27m ²	4,27m ²
	Banheiro masculino PCD	Público	Artificial	Destinado a necessidades e higiene	01	4,27m ²	4,27m ²
	Praça de alimentação	Público	Natural	Apoio as comedorias	01	995,23m ²	995,23m ²
	Circulação	Público	Natural	Conexão entre mercado e feira livre	---	119,25m ²	119,25m ²
	Praça externa	Público	Natural	Apoio as comedorias externas	01	280,41m ²	280,41m ²
	Reservatório de água sup.	Restrito	Sem/ilum	Abastecimento para o mercado público	02	36,00m ²	72m ²
	Reservatório de água inf.	Restrito	Sem/ilum	Abastecimento para o mercado público	02	60,00m ²	120,00m ²
FEIRA LIVRE	Conjunto de bancas	Público	Natural	Conjunto de 8 unidades de barracas	55	40,96m ²	2232,32m ²
	Área de apoio	Público	Natural	Voltada principalmente a comedorias	02	201,16m ²	402,33m ²
	Estacionamento	Público	Natural	Focado em vagas para PCD	15	506,23m ²	506,23m ²
	Ombrelone	Público	Natural	Conjunto de 2 unidades de barracas	106	16,00m ²	1696,00m ²
	Circulação área fixa	Público	Natural	Conexão entre barracas	---	----	----

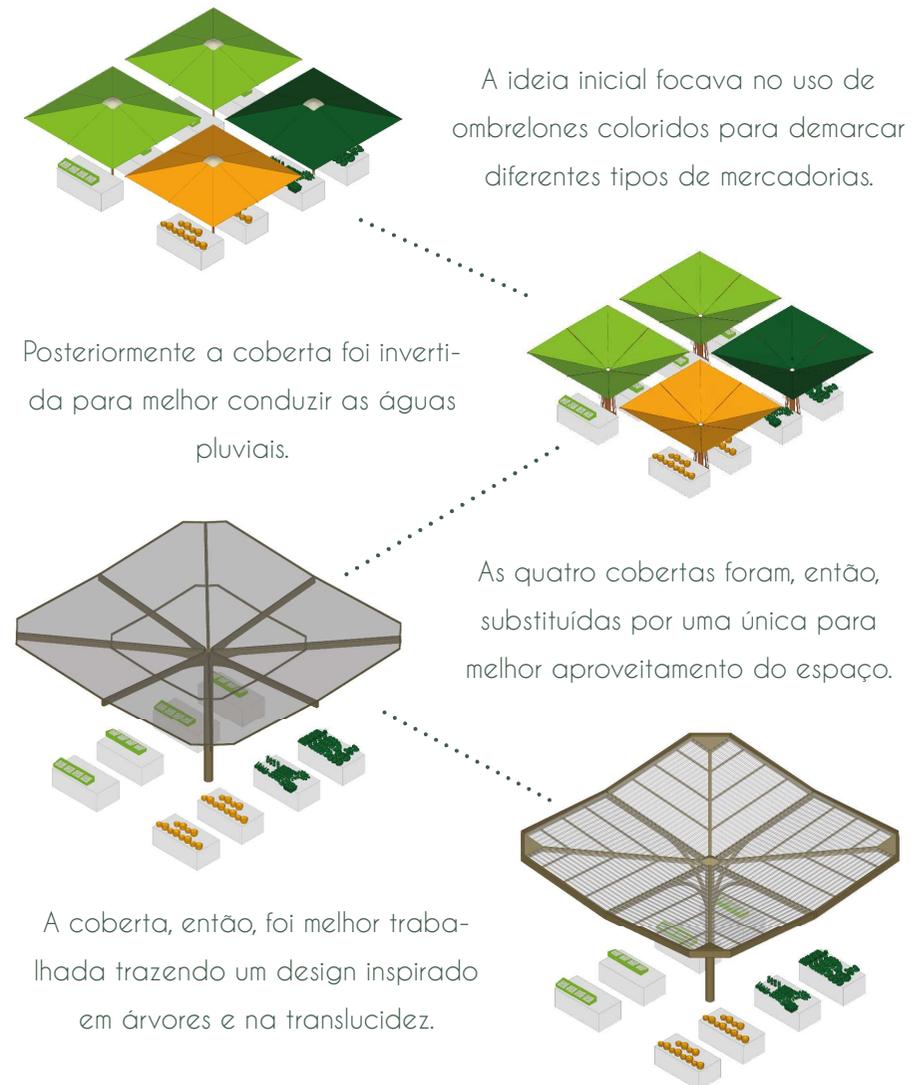
Fonte: Elaborado pela autora.

6.2 CONCEPÇÃO VOLUMÉTRICA

A concepção volumétrica adotada para a cobertura da feira livre foi inspirada em guarda-chuvas invertidos. Se fosse utilizada uma cobertura convencional, a água da chuva seria direcionada para as áreas de circulação, exigindo esforços adicionais para desviá-la sem prejudicar o fluxo. Ao inverter a posição do guarda-chuva, foi possível manter a área de proteção enquanto a água é conduzida para um único ponto fora dos corredores e passagens.

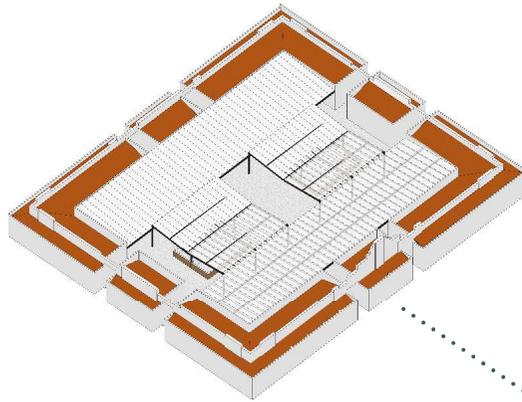
No caso do mercado público, a ideia para sua volumetria se baseou na proposta de criar um pátio central, proporcionando um ambiente de convívio distinto em relação à feira livre. A conexão entre a cobertura e a pavimentação resultou em uma volumetria final que utiliza contrastes de cheios e vazios, assemelhando-se à paginação que emprega tons claros e escuros para guiar os consumidores pela área. Na figura 40, é mostrada uma perspectiva aérea de como se totalizou a volumetria da feira livre e do mercado público em conjunto.

Figura 38 - Evolução volumétrica da cobertura na feira livre



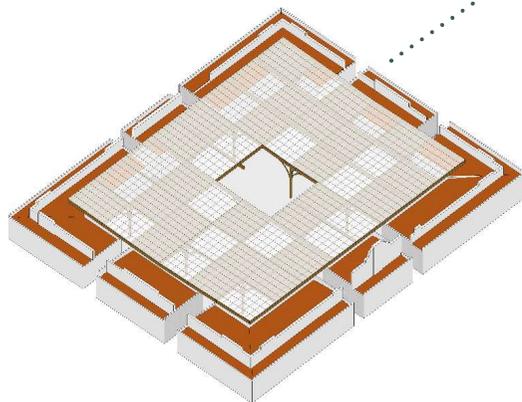
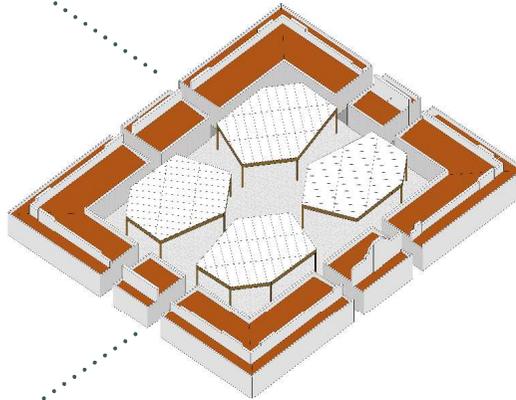
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 39 - Evolução volumétrica do mercado público



A ideia inicial focou em criar uma praça de alimentação central, margeada por comedorias e coberta por um telhado desnivelado.

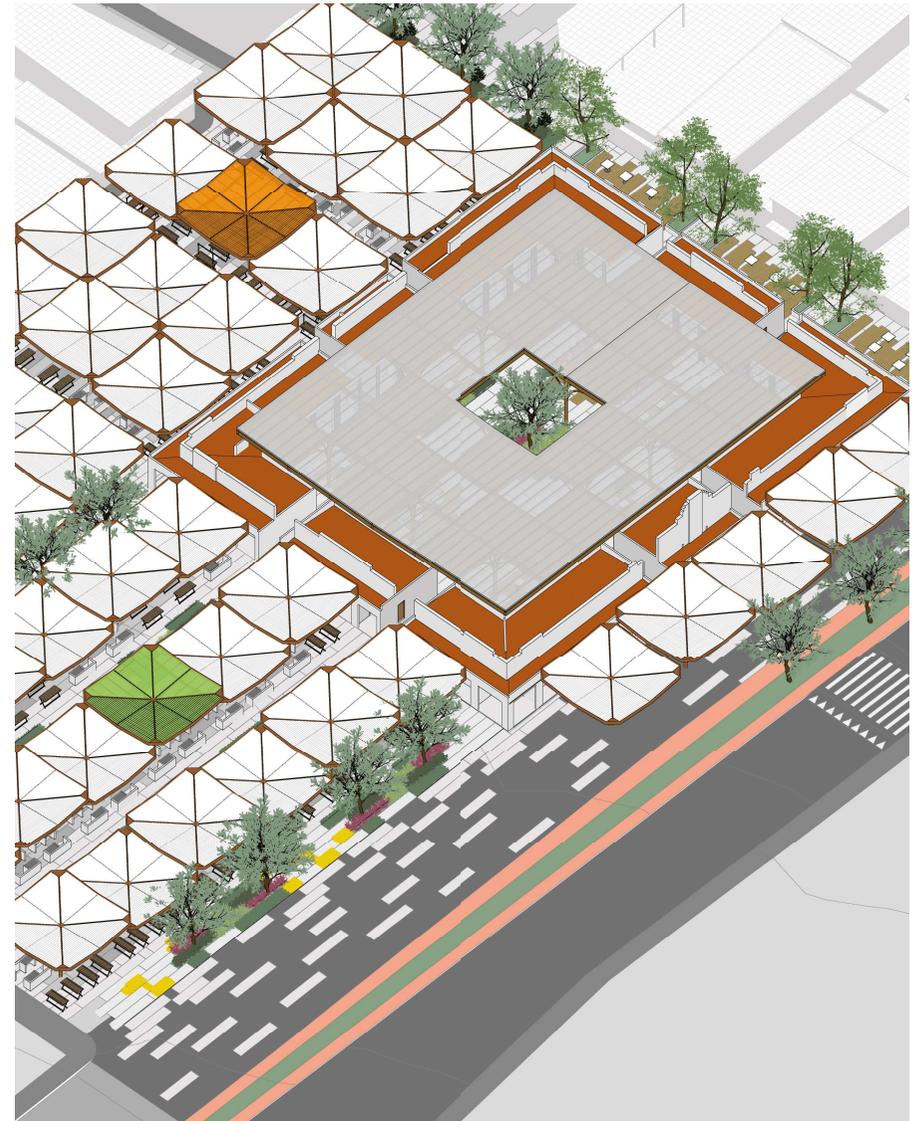
Tentando trazer traços mais ousados, a cobertura foi dividida em 4 partes, acompanhando caminhos mais angulares voltados ao centro.



Por último ela foi elevada, dividida em duas águas e trabalhada com cheios e vazios, de modo a acompanhar a paginação de piso proposta.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 40 - Evolução volumétrica final



Fonte: Elaborado pela autora.

6.3 ZONEAMENTO E CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

No intuito de melhorar a legibilidade do projeto, foram estabelecidas diferentes áreas na feira livre fixa e expansiva. Dividindo região fixa em 3 partes e a expansiva em 4, o consumidor consegue se localizar mais facilmente pelo local, além de facilitar para o comerciante informar onde se localiza sua barraca ou tarimba a seus clientes.

O zoneamento não limita nenhuma mercadoria a se instalar em áreas pré-determinadas, o que reduz a concentração de produtos específicos, como acontece atualmente, conforme pode ser verificado na tabela 06. A única exceção a essa distribuição se aplica às tarimbas de carne, devido à necessidade de pontos hidrossanitários, que se apresentam em abundância na área verde no intuito de atender a demanda atual.

Na figura 41, é apresentado o zoneamento da feira livre e, na figura 42, a forma utilizada para demarcar as diferentes áreas. Conforme apresentado anteriormente,

Figura 41 - Zoneamento

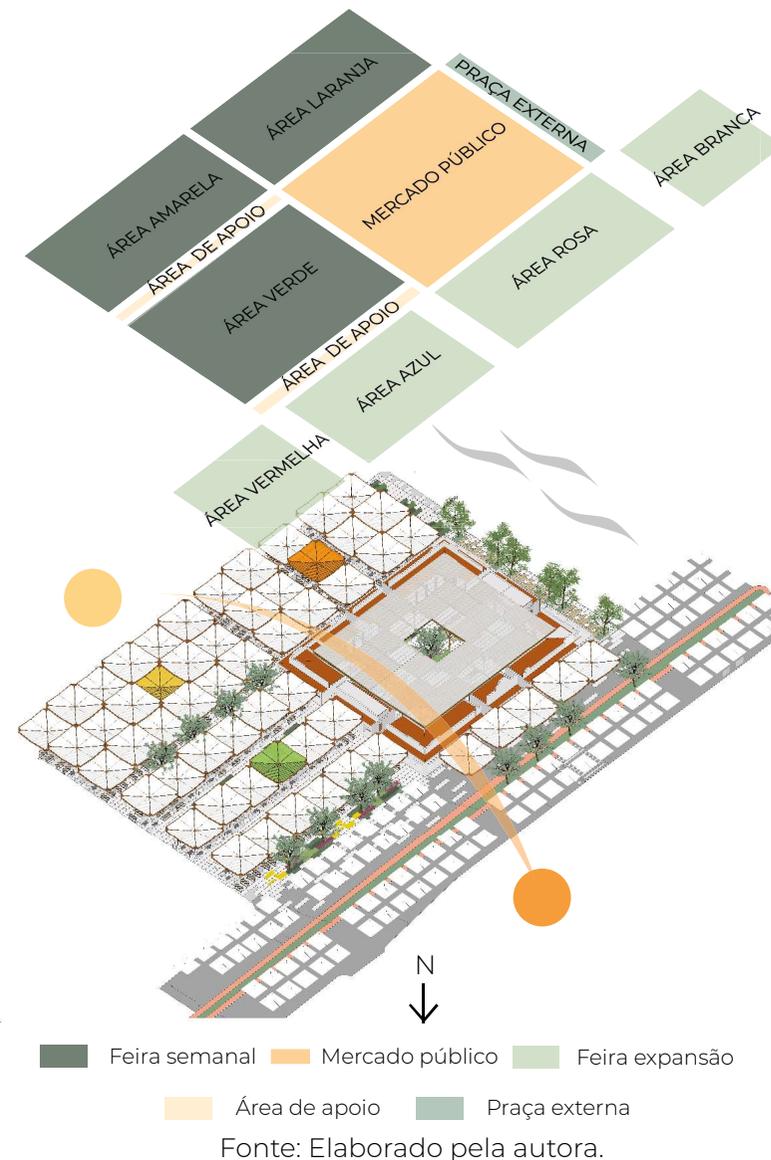
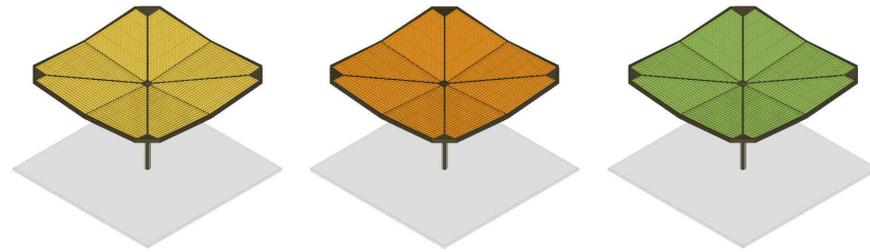


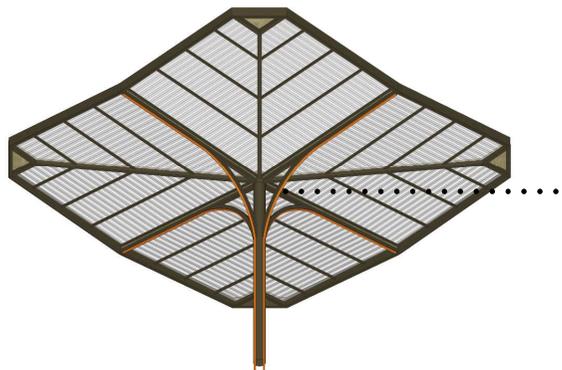
Figura 42 - Legibilidade



Marca o centro da área amarela.

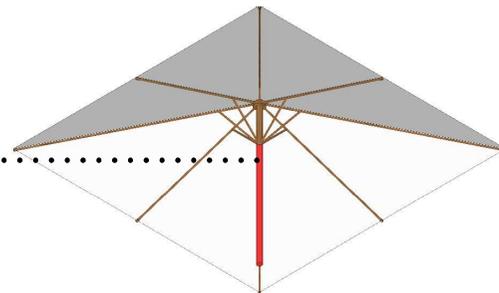
Marca o centro da área laranja.

Marca o centro da área verde.



Canaletas coloridas em cobertas translúcidas indicando a área da feira livre e ocultando a fiação da iluminação.

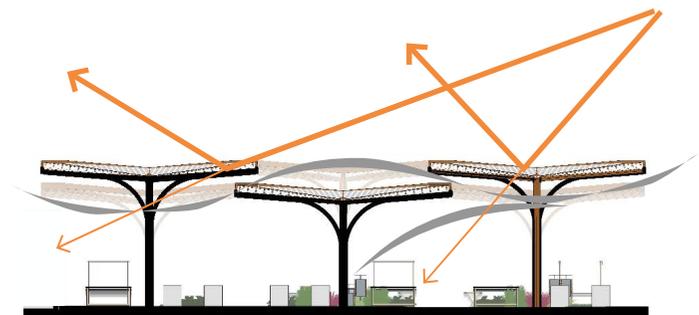
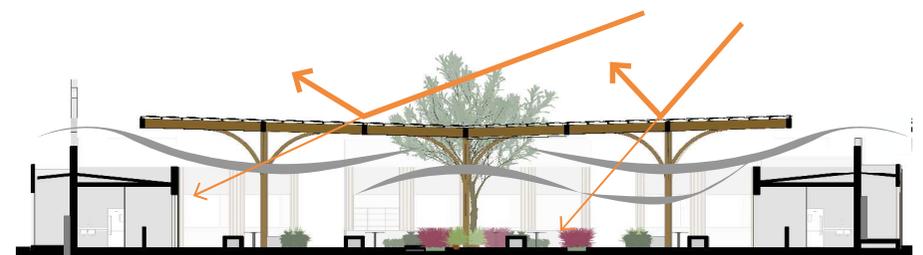
Ombrelone 4x4m branco com película adesiva colorida colocada na base para demarcar a área da feira livre.



Fonte: Elaborado pela autora.

a ventilação predominante advém do Sudeste, com projeções menores oriundas do Sul e Sudeste. A volumetria final do projeto utiliza essa ventilação por meio de cobertas desniveladas, enquanto aproveita a iluminação natural através da pergotelha, de modo a proporcionar um ambiente confortável, bem iluminado e protegido dos raios ultravioletas. Na figura 43, é apresentado um corte esquemático de como funcionaria a iluminação e a ventilação natural no projeto proposto.

Figura 43 - Corte esquemático ventilação e iluminação



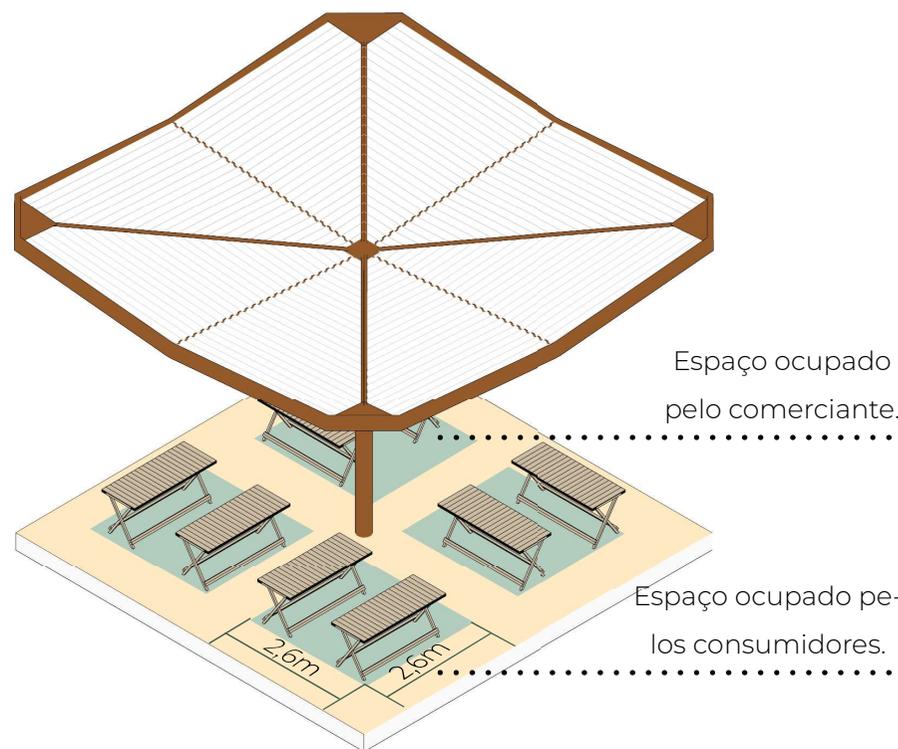
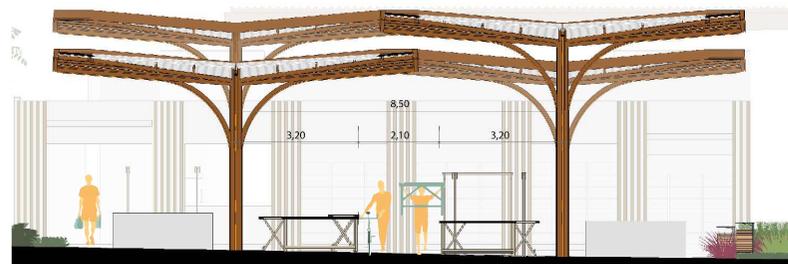
Fonte: Elaborado pela autora.

6.4 ACESSOS E CIRCULAÇÃO

No intuito de melhorar o fluxo de automóveis e, principalmente, caminhões que abastecem os comércios locais, foram feitas duas intervenções desapropriando os lotes demarcados na figura 45, conforme o art. 2º do DL 3.365/1941, classificado como desapropriação por utilidade pública. Na mesma figura, também está demarcado o fluxo de automóveis considerando a intervenção e o fluxo dentro da própria feira livre.

Além disso, na figura 44, é ilustrado um corte com os diferentes tipos de pessoas que transitam pela feira livre, bem como uma perspectiva que delimita o espaço destinado aos comerciantes e consumidores. Esse espaço formado por uma área de 2,6x 2,6m, permite certa flexibilidade no arranjo das barracas. A figura 45 também permite identificar a divisão da circulação em eixos principais com uma largura máxima de 2,1 metros.

Figura 44 - Circulação interna



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 45 - Acessos e circulação

Fonte: Elaborado pela autora

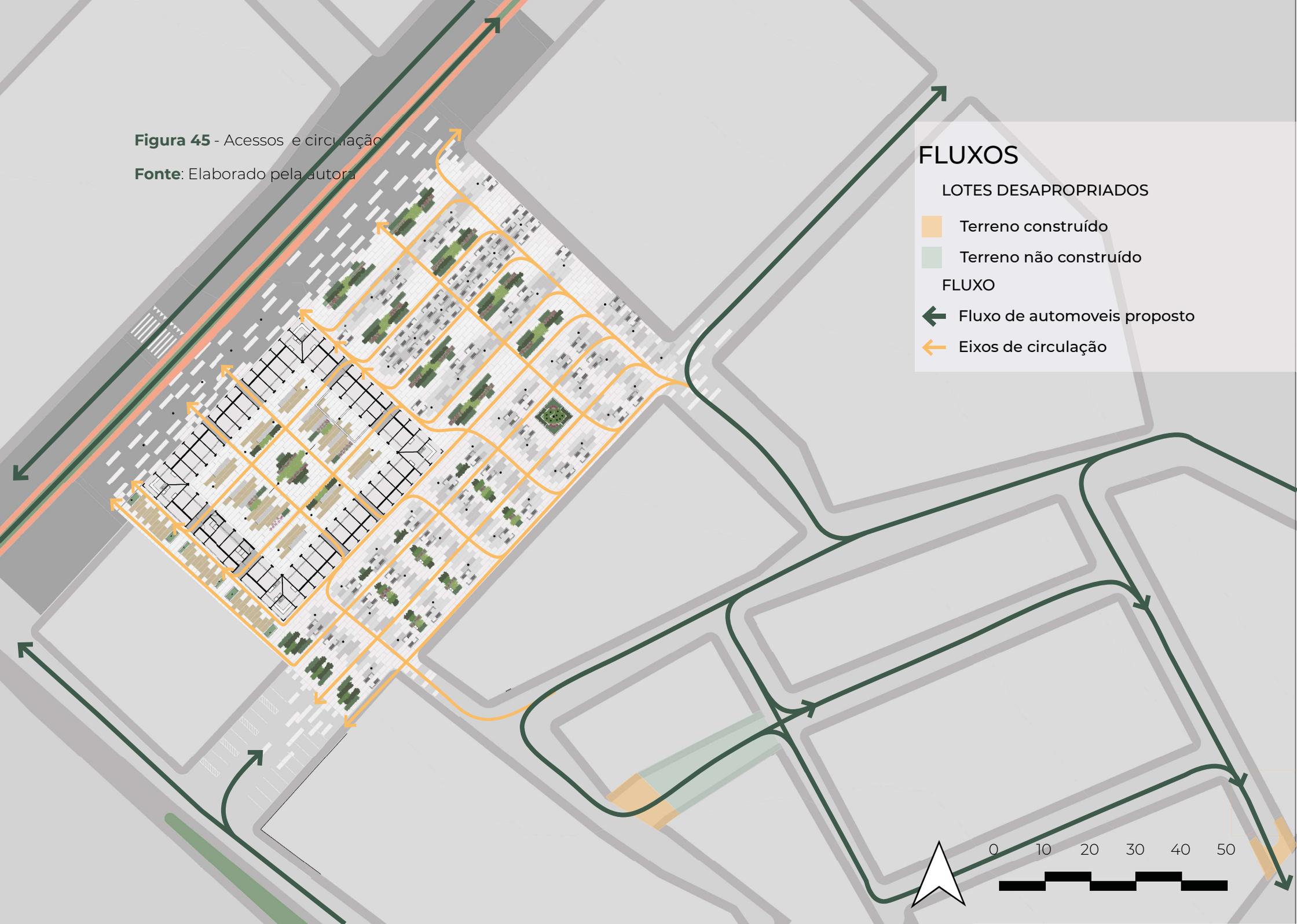
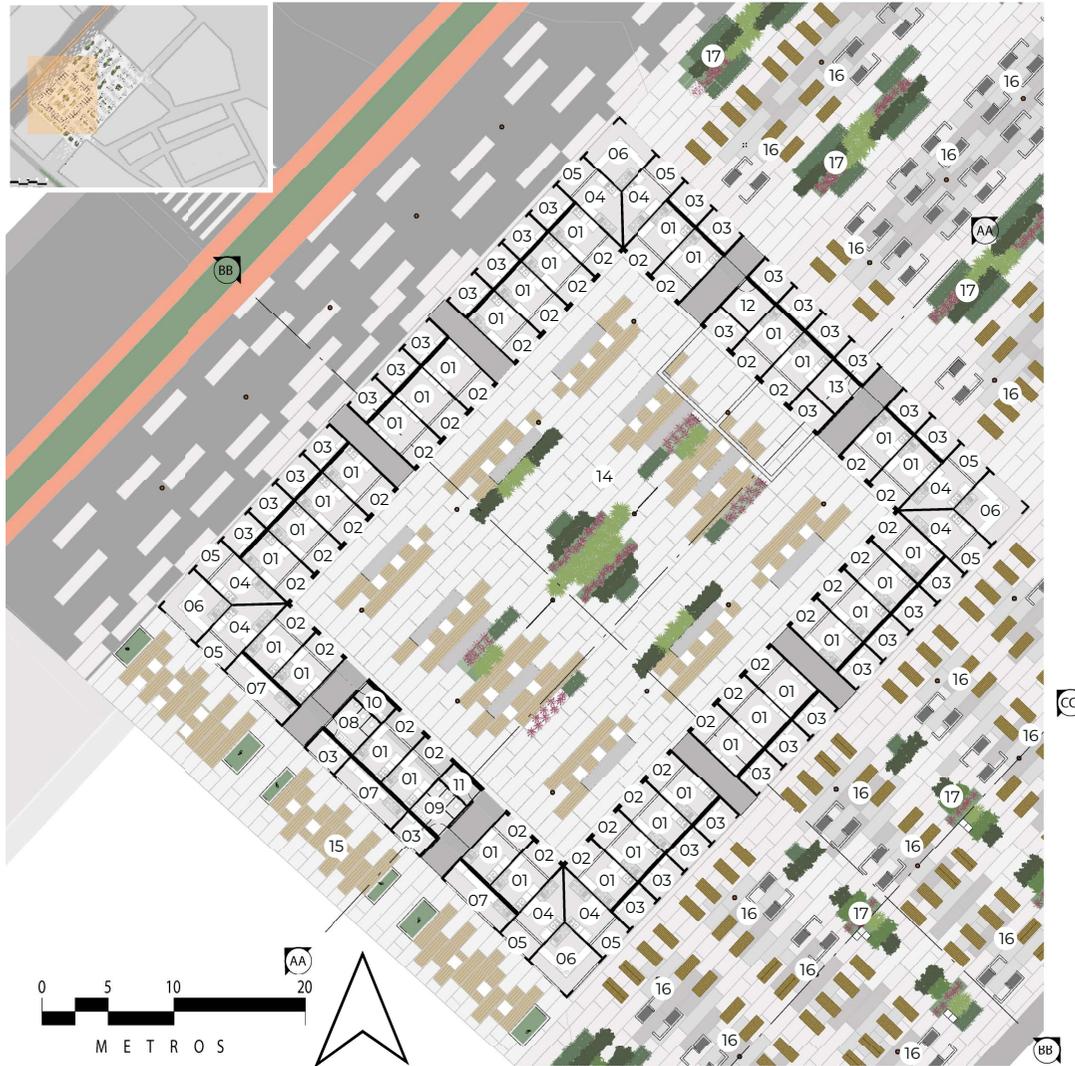


Figura 46 - Planta baixa do mercado público



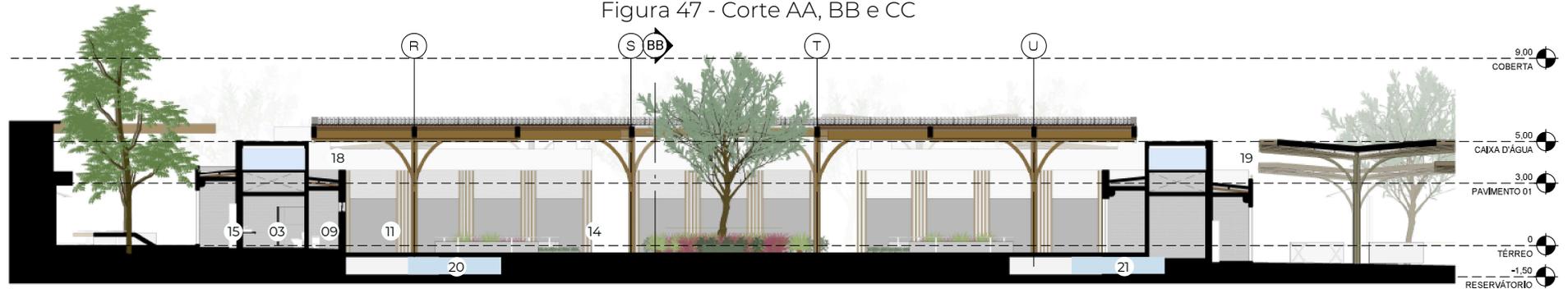
LEGENDA

- 01 - Loja tipo 01
- 02 - Recepção da loja tipo 01
- 03 - Loja tipo 02
- 04 - Loja tipo 03
- 05 - Recepção da loja tipo 03
- 06 - Loja tipo 04
- 07 - Loja tipo 05
- 08 - Banheiro masculino
- 09 - Banheiro feminino
- 10 - Banheiro masculino PCD
- 11 - Banheiro feminino PCD
- 12 - Depósito
- 13 - Administração
- 14 - Praça de alimentação interna
- 15 - Praça de alimentação externa
- 16 - Conjunto de barracas
- 17 - Jardim de chuva
- 18 - Reservatório superior 01
- 19 - Reservatório superior 02
- 20 - Reservatório inferior 01
- 21 - Reservatório inferior 02

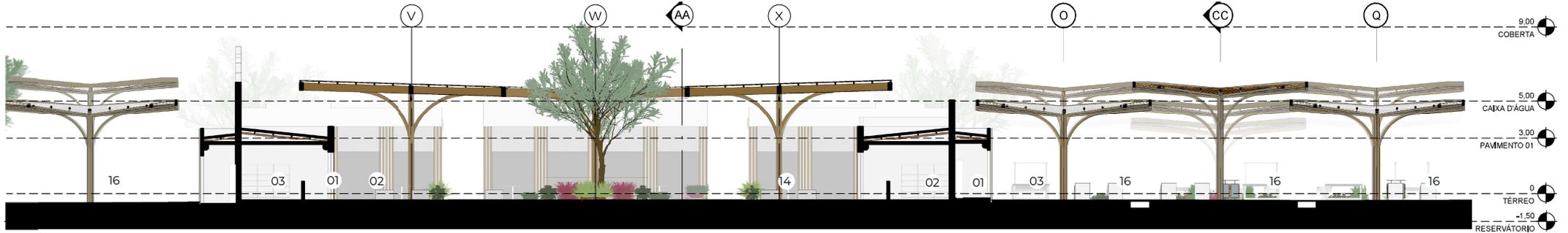


Fonte: Elaborado pela autora.

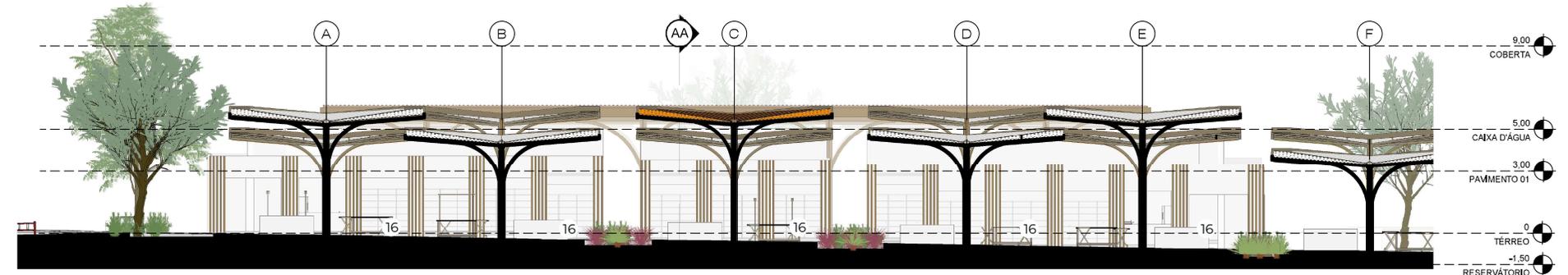
Figura 47 - Corte AA, BB e CC



1 CORTE AA
ESCALA 1 : 300



2 CORTE BB
ESCALA 1 : 300



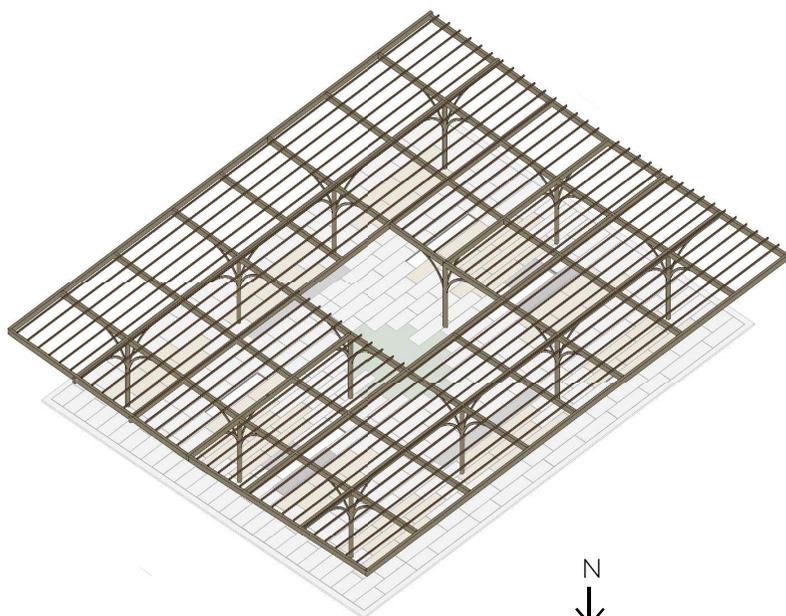
3 Corte CC
ESCALA 1 : 300

Fonte: Elaborado pela autora.

6.5 ESTRUTURA

A estrutura do mercado público foi criada a partir de um grid de 5x5m apresentando variações pontuais em razão da circulação. Para cobrir vãos de 10 metros foram empregadas vigas de 45cm de alma e pilares com 30cm de diâmetro para o pé direito, que varia entre 5 e 5,60m de altura.

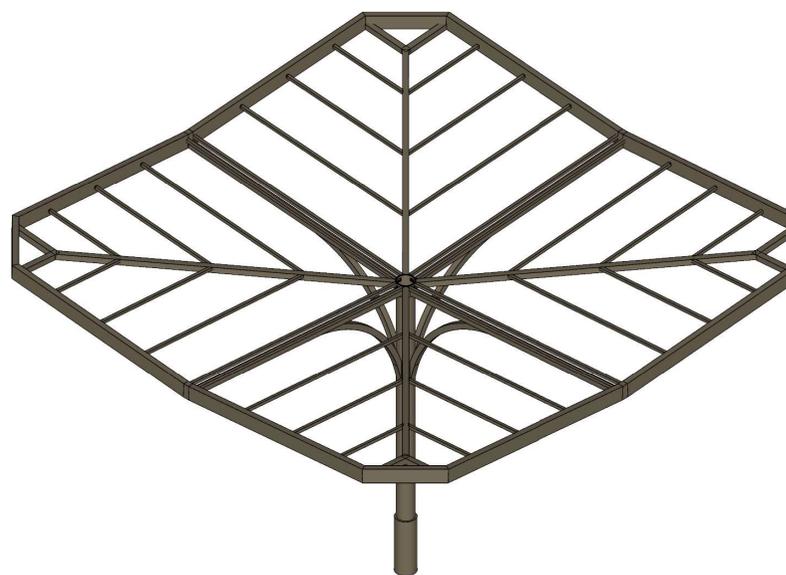
Figura 48 - Estrutura mercado público



Fonte: Elaborado pela autora.

Para apoiar as pergotelhas, foram inseridos perfis tubulares de 10cm de altura por 5cm de largura com espaçamento de 1 metro entre elas. Na estrutura utilizada na feira livre, foram empregadas vigas tubulares de 10x10cm e um pilar central de 30cm de diâmetro, além de perfis tubulares de 5x5cm com espaçamento de 1 metro para apoio as pergotelhas.

Figura 49 - Perspectiva estrutura da cobertura da feira livre



Fonte: Elaborado pela autora.

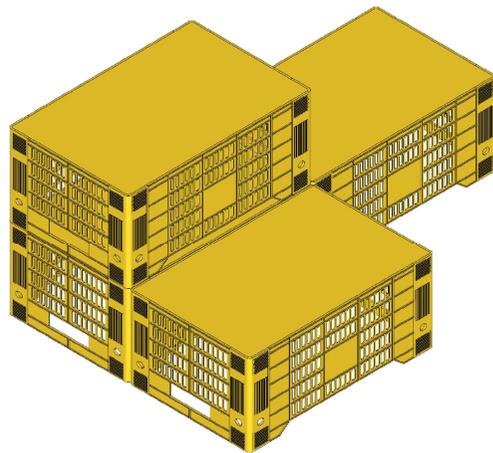
6.6 MOBILIÁRIO E TARIMBAS

Nas áreas de apoio aos consumidores, foi pensada a inserção de caixas plásticas agrícolas, muito utilizadas pelos feirantes locais. Modelos com 30 de altura e 56cm de largura podem ser empilhados e utilizados por pessoas de diferentes alturas, sempre se adaptando às necessidades dos consumidores.

As bancas de madeira focaram na flexibilidade e na versatilidade, de modo que pudessem ser desmontadas,

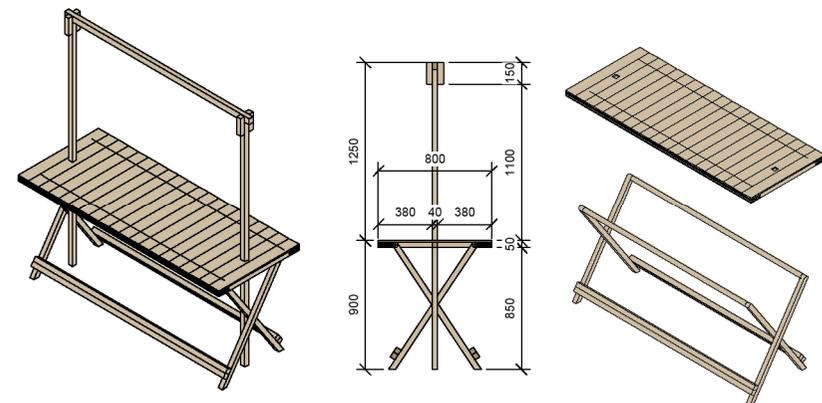
ocupando menos espaço no local em que são guardadas. No modelo proposto, a barraca se divide em duas partes, a mesa e os pés, como é apresentado na figura 51, ficando à parte a opção de utilizar ripas adicionais no intuito de elevar as suas mercadorias. Foram utilizados apenas pallets e ripas de madeira de modo a tornar a construção das barracas mais viável financeiramente para os comerciantes tanto em relação aos materiais quanto à mão de obra.

Figura 50 - Caixas hortifrutis como mobiliário



Fonte: Elaborado pela autora.

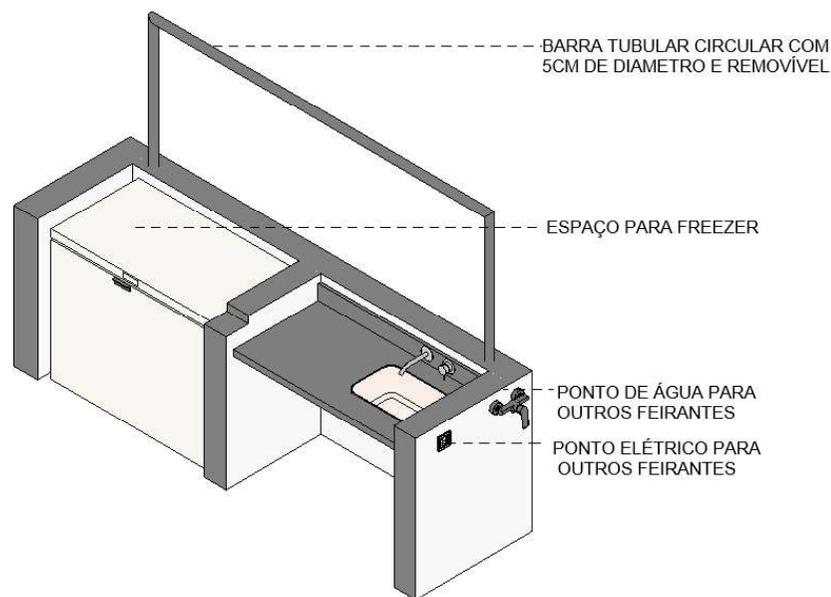
Figura 51 - Bancas de madeira



Fonte: Elaborado pela autora.

Todas as tarimbas, que comercializam carnes, existentes dentro do mercado público foram inseridas na parte externa, de modo a trazer pontos elétricos e hidrossanitários para os comerciantes da feira livre, como é apresentado na figura 52. Na figura é apresentada um modelo, com espaço para limpeza e armazenamento, que poderia ser adaptado conforme as necessidades do comerciante.

Figura 52 - Tarimbas



Fonte: Elaborado pela autora.

As tarimbas foram inseridas no espaço de modo que, ao findar da feira livre, posteriormente ao desmonte das barracas, o local pudesse ser utilizado por outras pessoas, para realização de eventos, como reuniões, feira de livros, ou ainda como extensão da praça de alimentação interna, dentre outros usos. A figura 53 mostra um recorte da feira livre com o espaço desocupado pelas barracas.

Figura 53 - Recorte do térreo, tarimbas

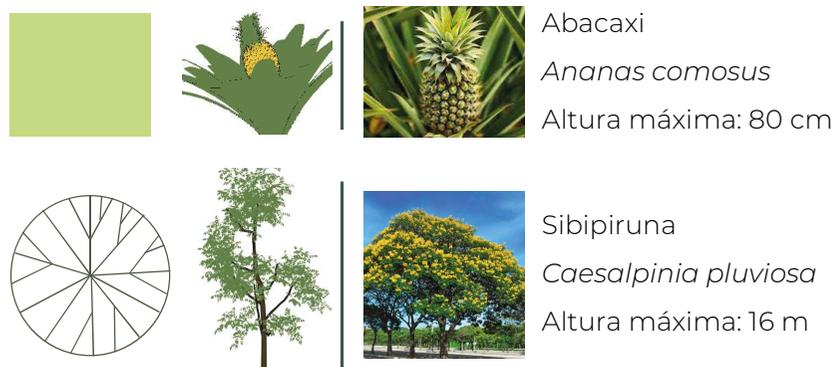


Fonte: Elaborado pela autora.

6.7 VEGETAÇÃO

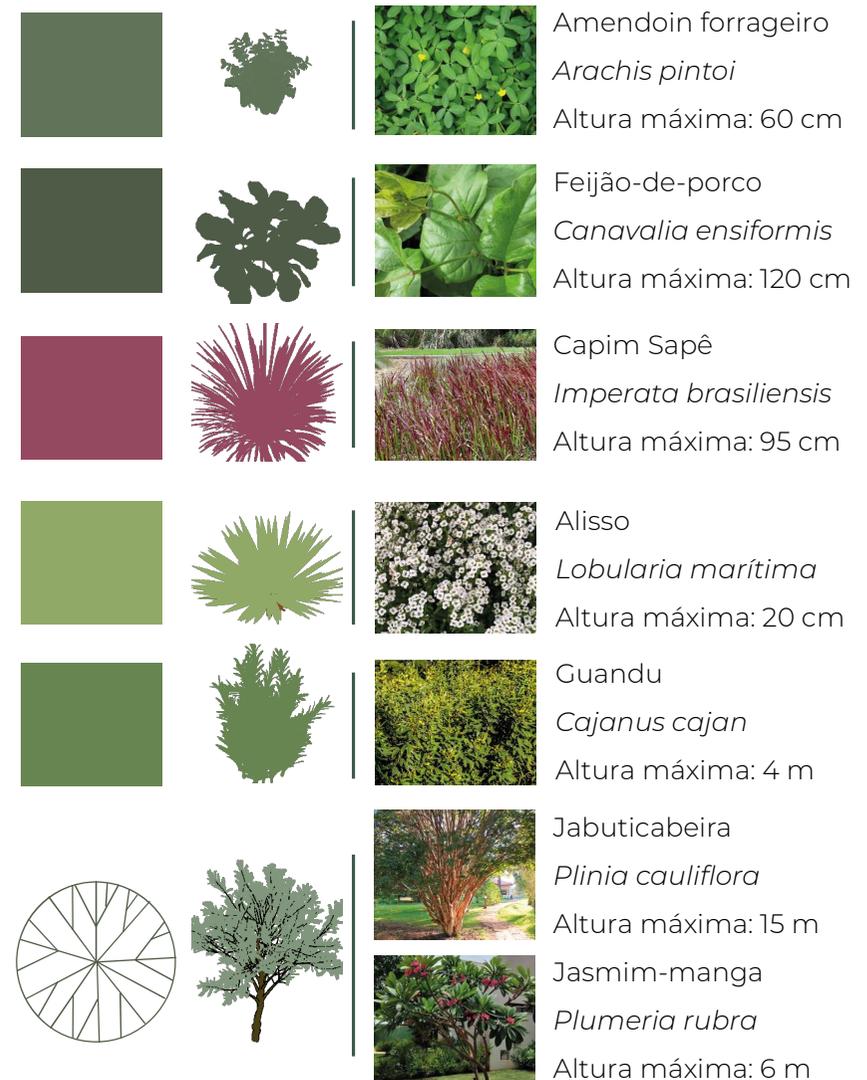
Para compor a vegetação utilizada nos jardins de chuva, foram escolhidas 3 espécies que realizassem fitorremediação, as espécies *Canavalia ensiformis* e *Cajanus cajan* para rizodegradação e a *Lobularia marítima* para fitoextração. Ademais, também foram considerados o capim sapê, que deu origem ao nome da cidade, o abacaxi, pela representação que a cidade teve na sua exportação, o que marcou o município por muito tempo como Terra do Abacaxi, além 2 espécies arbóreas a *Plinia cauliflora* e a *Plumeria rubra*.

Figura 54 - Vegetação representação em projeto parte 1



Fonte: Google imagens alterados pela autora.

Figura 55 - Vegetação representação em projeto parte 2



Fonte: Google imagens alterados pela autora.

6.8 MATERIALIDADE

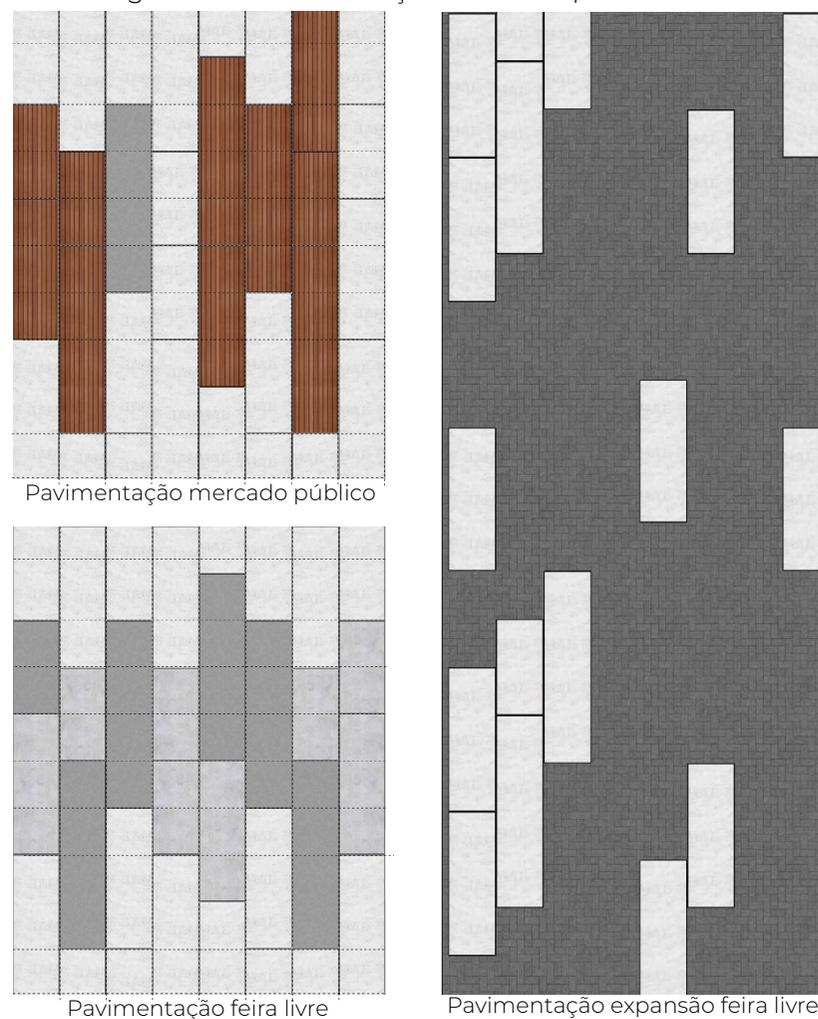
Em razão da grande área trabalhada e do desnível total de 1,70m, foi inserido um tipo de pavimentação que exigisse menor movimentação de terra e permitisse transmitir o pulsar da feira livre. Desse modo, foram utilizadas pranchas de concreto organizadas em um grid de 1x1m com largura máxima de 0,98m e comprimento máximo de 3,98m.

Foram escolhidos 3 tons de cinza para demarcar o piso, de forma que o concreto branco representa as áreas de circulação enquanto o concreto natural e grafite representam as áreas ocupadas pelas bancas. A mesma paginação foi aplicada no pátio do mercado público com a diferença da troca do concreto grafite pela madeira plastificada no intuito de trazer maior conforto.

Ademais, a madeira plastificada demanda menos manutenção do que a madeira normal além de suportar melhor o alto tráfego de pessoas. Para a zona de expansão, a paginação aplicada representou o pulsar da feira livre, com pranchas de concreto branco que se dispersa-

vam conforme o limite da feira livre se aproximava. Pavimentos de concreto grafite contrastam com as pranchas de

Figura 56 - Pavimentação mercado público e feira livre

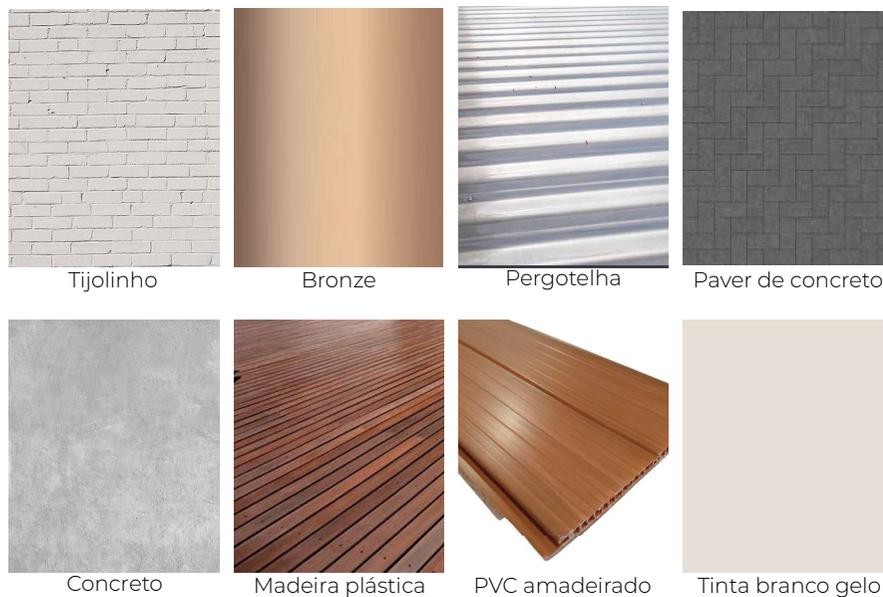


Fonte: Elaborado pela autora.

concreto branco e facilitam a drenagem da água pluvial nas ruas.

Para a fachada do mercado público, foram aplicados tijolinhos brancos para a nova alvenaria e pintura Branco-gelo para a arquitetura atual. Além do emprego da estrutura metálica, com pintura em bronze ou ouro velho, no telhado do pátio e das coberturas da feira livre, foi aplicada a pergotelha, a qual segundo o fabricante bloqueia 99% dos raios ultravioletas ao mesmo tempo que

Figura 57 - Materialidade

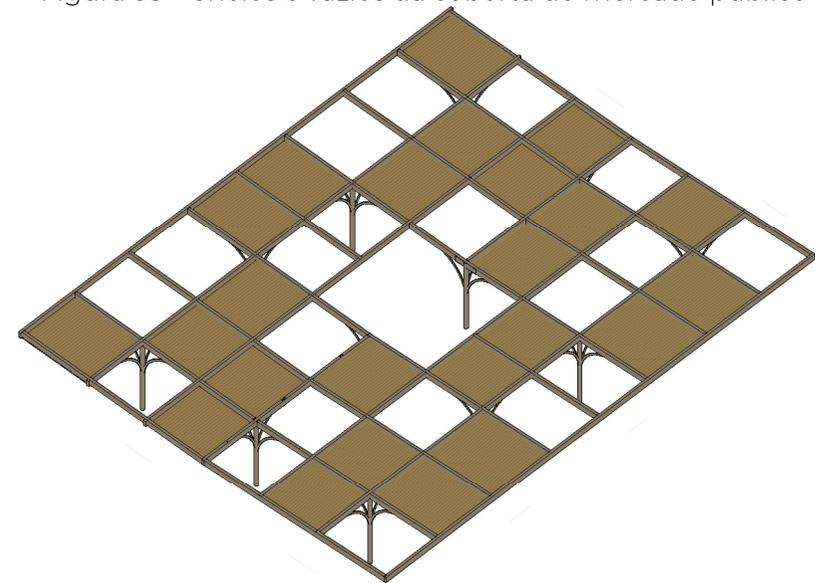


Fonte: Google imagens e Cobrire.

permite a passagem da iluminação natural.

Para trabalhar os cheios e vazios no pátio do mercado público, foram aplicadas pranchas de PVC amadeirado, escolhido pela sua leveza e fácil manutenção. A figura 58 apresenta esse trabalho exibindo as áreas da cobertura que foram preenchidas ou não com o forro PVC amadeirado, trazendo a conexão com a pavimentação empregada no mercado público.

Figura 58 - Cheios e vazios da cobertura do mercado público



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 59 - Planta com pontos de inserção de lixeiras



LEGENDA

- LIXEIRAS PARA COMPOSTAGEM
- LIXEIRAS PARA RECICLAGEM

Como é possível observar na figura 59, foram inseridas majoritariamente lixeiras para compostagem, considerando a presença predominante de resíduos orgânicos encontrados no findar da feira livre durante as visitas. Os pontos de coleta de lixo, destinados aos consumidores, foram inseridos nas área de apoio, visto que são locais onde possariam mais tempo.

6.9 ESPACIALIDADE

Figura 60 - Perspectiva entrada da feira livre



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 61 - Perspectiva centro da área laranja na feira livre



CENTRO DA ÁREA LARANJA
VEGETAÇÃO MARCANDO A ENTRADA DO MERCADO PÚBLICO
COBERTA LARANJA MARCANDO O CENTRO DA ÁREA

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 62 - Perspectiva entrada do mercado público



ENTRADA DO MERCADO PÚBLICO COM VISTA PARA FEIRA LIVRE
VEGETAÇÃO MARCANDO A ENTRADA DO MERCADO PÚBLICO
TIJOLINHO BRANCO MARCANDO A NOVA ALVENARIA

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 63 - Perspectiva interna do mercado público



VISTA DO CENTRO DO MERCADO PÚBLICO
VEGETAÇÃO DISTRIBUÍDA PELO MERCADO E JABUTICABEIRA AO CENTRO
RIPAS DE MADEIRA MARCANDO A DIVISÃO ENTRE LANCHONETES

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 64 - Centro da área amarela



VISTA DO CENTRO DA ÁREA AMARELA
VEGETAÇÃO NO ENTORNO DA COBERTA AMARELA
ABACAXI EM PONTO DE DESTAQUE

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 65- Perspectiva entrada avenida Rio Branco



VISTA DA ENTRADA PELA ÁREA AZUL
ÁREA DE APOIO EXTERNA ENTRE A ÁREA VERDE E A ÁREA AZUL
OMBRELONES COM MARCAÇÃO DA ÁREA EM SUA BASE

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 66 - Área de apoio interna



ÁREA DE APOIO INTERNA
CAIXAS DE HORTIFRÚTIS EM DIFERENTES ARRANJOS
SIBIPIRUNA INSERIDA PELA ALTURA E TRONCO MAIS ESBELTO

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 67 - Praça de alimentação externa



VISTA DA ENTRADA DA PRAÇA EXTERNA AO MERCADO PÚBLICO
BANCOS QUE PARECEM SAIR DO CHÃO
VEGETAÇÃO ARBÓREA SOMBREANDO E TRAZENDO FRESCOR

Fonte: Elaborado pela autora.



7. CONSIDERAÇÕES

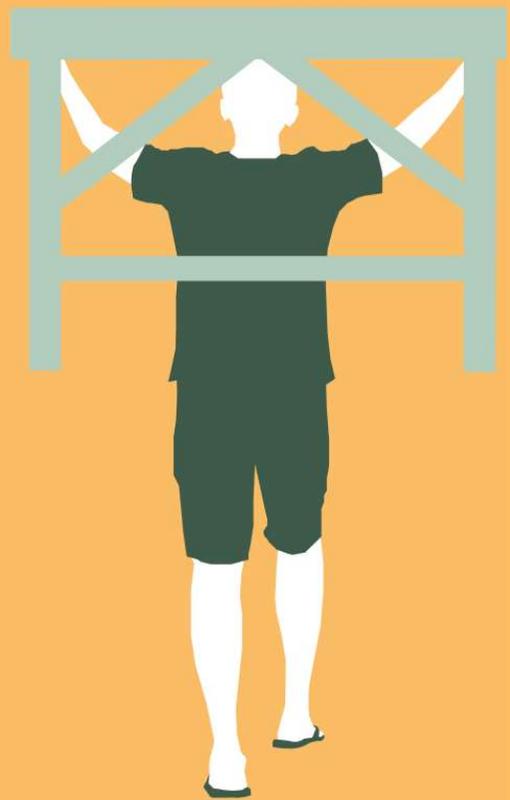
FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a importância das vivências e dinâmicas da feira livre, investigando suas características e propondo soluções para organizar de forma mais eficiente o grupo de feirantes e comerciantes atuantes nesse espaço, localizado no município de Sapé-PB. Para alcançar tais objetivos, foi realizada uma recapitulação da história da feira livre e do mercado público, bem como uma análise das atividades desenvolvidas, dos perfis das pessoas envolvidas e da influência e organização dos produtos nesse ambiente.

Considerando a extensa quantidade de feirantes atuantes na região, a proposta apresentada conseguiu preservar as características essenciais da feira livre e do mercado público, ao mesmo tempo em que trouxe perspectivas de melhorias no local de trabalho. É importante ressaltar que, apesar da constante evolução dos sistemas de vendas, as feiras livres e os mercados públicos permanecem parte do cotidiano de muitos brasileiros, o que evidencia sua resiliência e a relevância de estudar e preservar esses ambientes.

Nesse sentido, este trabalho contribui para a compreensão e para a valorização das feiras livres, ressaltando sua importância como espaços de comércio, convívio social e preservação da cultura local. Ao identificar as características específicas desse ambiente e propor soluções para sua organização, espera-se estimular a melhoria das condições de trabalho dos feirantes do município de Sapé-PB, assim como fortalecer a relação entre os consumidores e os produtos comercializados naqueles ambientes.

Por fim, é fundamental destacar a importância contínua da pesquisa e da preservação das feiras livres e dos mercados públicos, de modo a garantir sua continuidade e contribuição para a economia local e o bem-estar da comunidade. A valorização desses espaços tradicionais se faz necessária, assim como a busca por alternativas que promovam sua sustentabilidade e sua atualização, sem perder de vista suas raízes históricas e culturais.



8. REFERENCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lidiane Aparecida; RIBEIRO FILHO, Vitor. **Os mercados públicos e a cidade: as transformações do Mercado Municipal de Uberlândia (MG)**. Caminhos de geografia, v. 12, n. 39, p. 209-225, 2011.

ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha**. Revista brasileira de planejamento e desenvolvimento, v. 7, n. 2, p. 300-327, 2018.

BRITO, L. Miguel. **Compostagem para a agricultura biológica**. Manual de Agricultura Biológica-Terras de Bouro. Escola Superior Agrária de Ponte de Lima./IPVC, p. 1-21, 2006.

CATRACA LIVRE,2022. **Autoatendimento é tendência que deve crescer no varejo brasileiro**. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/criatividade/autoatendimento-e-tendencia-que-deve-crescer-no-varejo-brasileiro/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAVEDON, Neusa Rolita. " **Pode chegar, freguês**": a cultura organizacional do mercado público de Porto Alegre. Organizações & Sociedade, v. 11, p. 173-189, 2004.

FERREIRA, L. S. **Conhecendo a feira: cultura popular na feira livre de Sapé - PB**. 2015. 16f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

FIRMINO, Paul Clívilan Santos. **OS ALICERCES DA FORMAÇÃO ECONÔMICA NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA SUB-REGIÃO AGRESTE**. [TESTE] Revista Contexto Geográfico, v. 4, n. 7, p. 42-53, 2019.

FREITAS, Kenyth A. **Mobilidade urbana e hábitos de compra, efeitos na distribuição e na logística para o varejo**. Orientador: Ricardo Silveira Martins. 2015. Dissertação (Mestrado) - curso de Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FREITAS, Maria C.S.; FONTES, Gardênia A.V.; OLIVEIRA, Nilce; orgs. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**[online]. Scielo books,Salvador. EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0543-0. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/9q/pdf/freitas-9788523209148.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GRUPO QUALITY, 2022. **Jardim de Chuva: o canteiro drenante que absorve água da chuva e evita enchentes**.

Disponível em: <<https://grupoqualityambiental.com.br/2022/07/04/jardim-de-chuva-o-canteiro-drenante-que-ab-sorve-agua-da-chuva-e-evita-enchentes/>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 1981.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam CS. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Ateliê Geográfico, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

MATOS, Benedito Erivaldo de Sousa. **O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal**. 2012. x, 33 f., il. Monografia (Licenciatura em Geografia)—Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Vanildo de et al. **Fluxograma do processo de planejamento arquitetônico aplicado a mercados públicos**. 2006.

PEREGRINO, Lucas Neiva; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **A feira central de Campina Grande (PB) e o campo do patrimônio: disputas por espaço e legitimidade**. 2019.

PINHEIRO, Maitê Bueno. **Plantas para infraestrutura verde e o papel da vegetação no tratamento das águas urbanas de São Paulo: identificação de critérios para seleção de espécies**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PROCÓPIO, S. de O. et al. **Fitorremediação de solos com resíduos de herbicidas**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2009.

REIS, Fernanda; VIEIRA, SMF. **Tudo Junto: pessoas, relações e peculiaridades na feira livre de Viçosa**. XVIII Prêmio Expocom, 2011.

PROENÇA, L. C.; RODRIGUES, CA de O.; LANA, M. M. **Hortaliça não é só salada: compostagem**. 2021.

SANTOS, Clenio Ricardo Fonseca; NONATO, Eunice Maria Nazareth. **DOS MERCADOS MEDIEVAIS AOS SHO-**

PPING CENTERS: UM ESTUDO SOBRE AS DINÂMICAS TERRITORIAIS DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO. História e Cultura, v. 10, n. 1, p. 458-486, 2021.

SECRETÁRIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO, 2022. **Prefeitura de São Paulo ultrapassa a marca de 200 jardins de chuva na cidade.** Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-de-sao-paulo-ultrapassa-a-marca-de-200-jardins-de-chuva-na-cidade>. Acesso em: 29 mar 2023.

SILVEIRA, Vítor Cardoso et al. **Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na cidade de Nova Andradina-MS.** Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), v. 1, n. 1, 2017.

SOUZA, Carolina. **As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação.** Revista Trabalho Necessário, v. 13, n. 22, 2015.

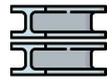
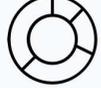
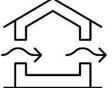
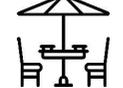
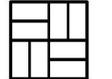
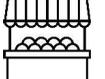
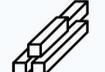
SYDLE, 2022. **O que é autoatendimento? Quais as vantagens? Veja exemplos.** Disponível em: <https://www.sydle.com/br/blog/o-que-e-autoatendimento-608844084b136c41e073a054>. Acesso em: 01 fev. 2023.

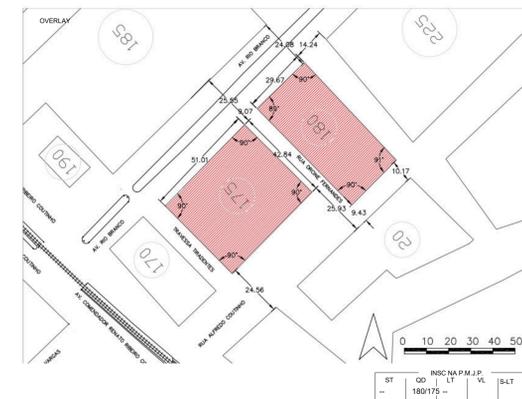
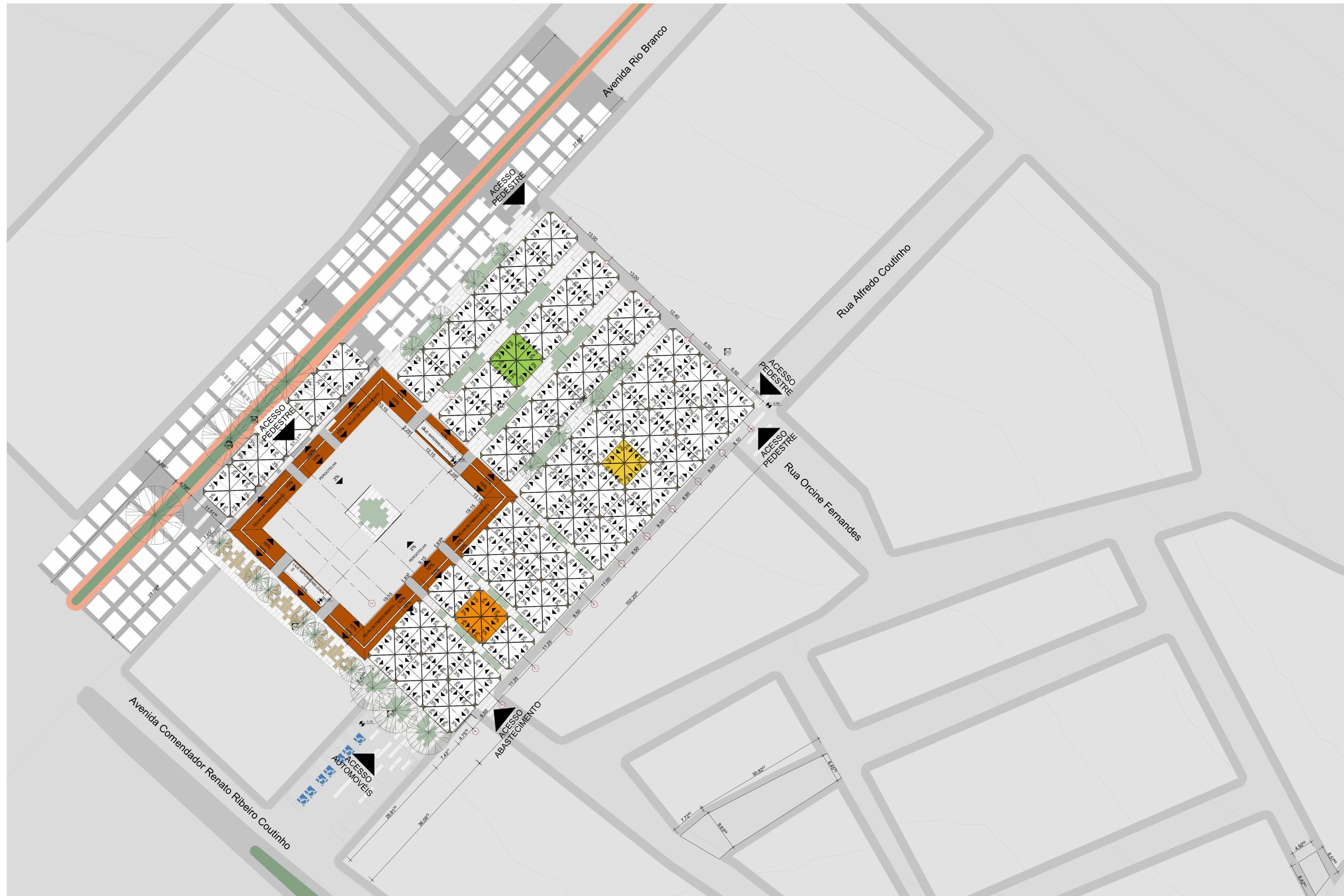
VARA PRASAD, Majeti Narasimha; DE OLIVEIRA FREITAS, Helena Maria. **Metal hyperaccumulation in plants: biodiversity prospecting for phytoremediation technology.** Electronic journal of biotechnology, v. 6, n. 3, p. 285-321, 2003.

VEDANA, Viviane. **"Fazer a Feira": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre.** 2004.

Memorial do escritório meia dois nove. Disponível em: http://www.meiadoisnove.com.br/memorial_feiradacidade.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

AUTORES DOS ÍCONES DO SITE FLATICON

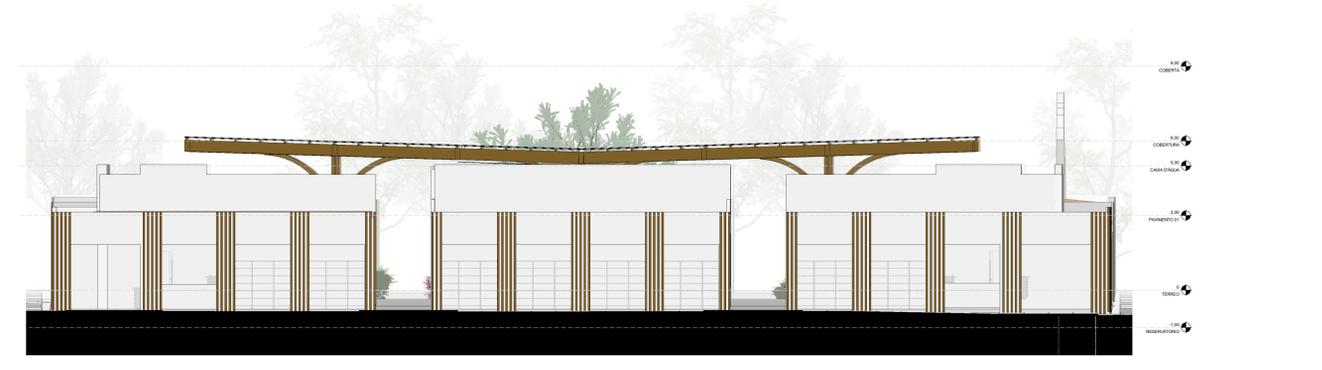
ICONE	AUTOR	ICONE	AUTOR	ICONE	AUTOR	ICONE	AUTOR
	Freepik		Freepik		Andrean Prabowo		Talha Dogar
	BSD		Freepik		Freepik		Vector Squad
	Freepik		Gregor Cresnar		Freepik		Icongeek26
	Good ware		Made by made premium		Freepik		imaginationlol
	Berkahicon		Freepik		Anatoly		Galih Tri Anggoro
	Tulpahn		Freepik		Freepik		ultimatearm
	Vitaly Gorbachev		Juicy Fish		manshagraphics		Smashicons
	Freepik		Surang		Good ware		muhammad atho
	Freepik		Winnievinzence		Freepik		Icon Hubs



PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ			
PROJETO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA			
CONSTRUÇÃO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA			
FOLHA 1 /07	PROJETO: INTERVENÇÃO URBANA NO MERCADO PÚBLICO E NA FEIRA LIVRE DE SAPÉ		
	PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ		
LOCAL: AV. RIO BRANCO - TR. TIRADENTES - R. ALFREDO COUTINHO - R. ORSINE FERNANDES			
DESENHO	RESPONSÁVEL	INSC NA P.M.J.P.	RUBRICA
CÓPIA	VIVIAN SOUZA		
VISTO	VIVIAN SOUZA		
ESCALAS	DESENHO(S)		ÁREA DO TERRENO: 12411,040 m ²
	PLANTA DE COBERTA		ÁREA PROJEÇÃO: 7334,24m ²
			ÁREA DA CONST.: 7334,240 m ²
			TX DE OCUPAÇÃO: 59%
			ÁREA PERMEÁVEL: 607,14m ²
			ÍNDICE DE APROV.: 0
INSC NA P.M.J.P.			
		INSC NA P.M.J.P.	INSC NA P.M.J.P.



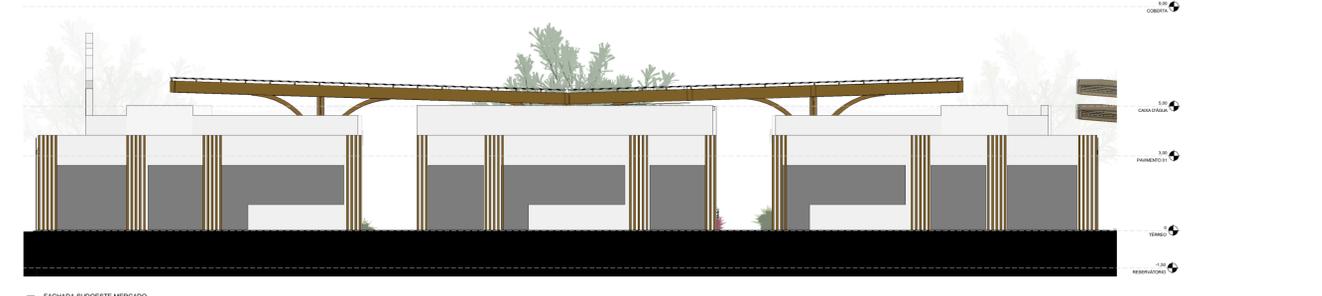
1 TERREJO APROXIMADO
ESCALA 1:200



2 FACHADA NORDESTE MERCADO
ESCALA 1:100

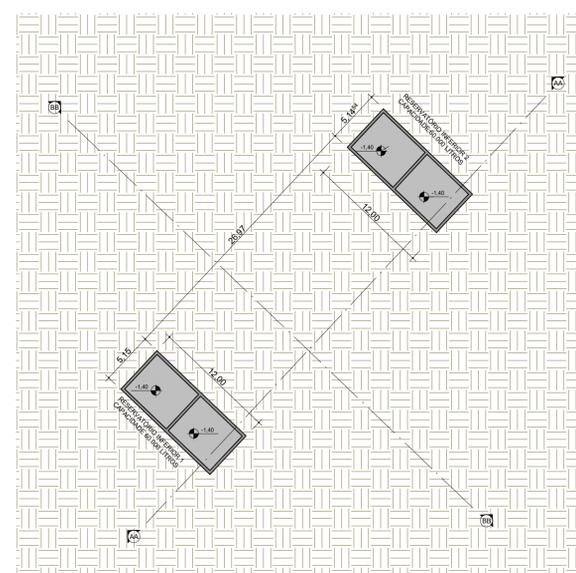
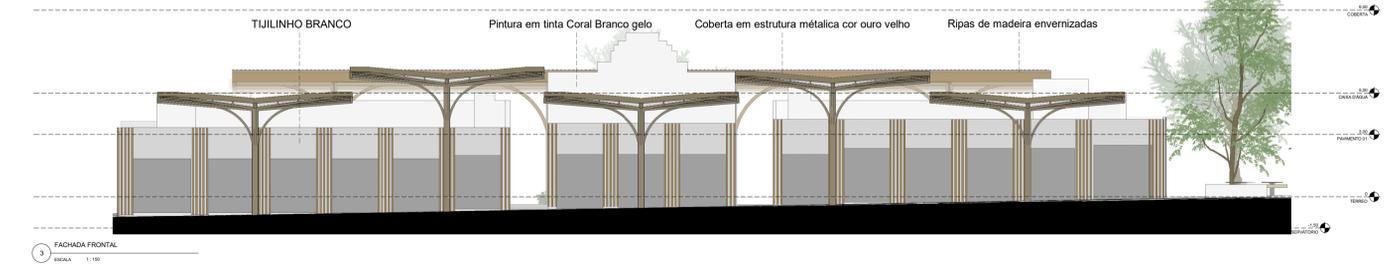
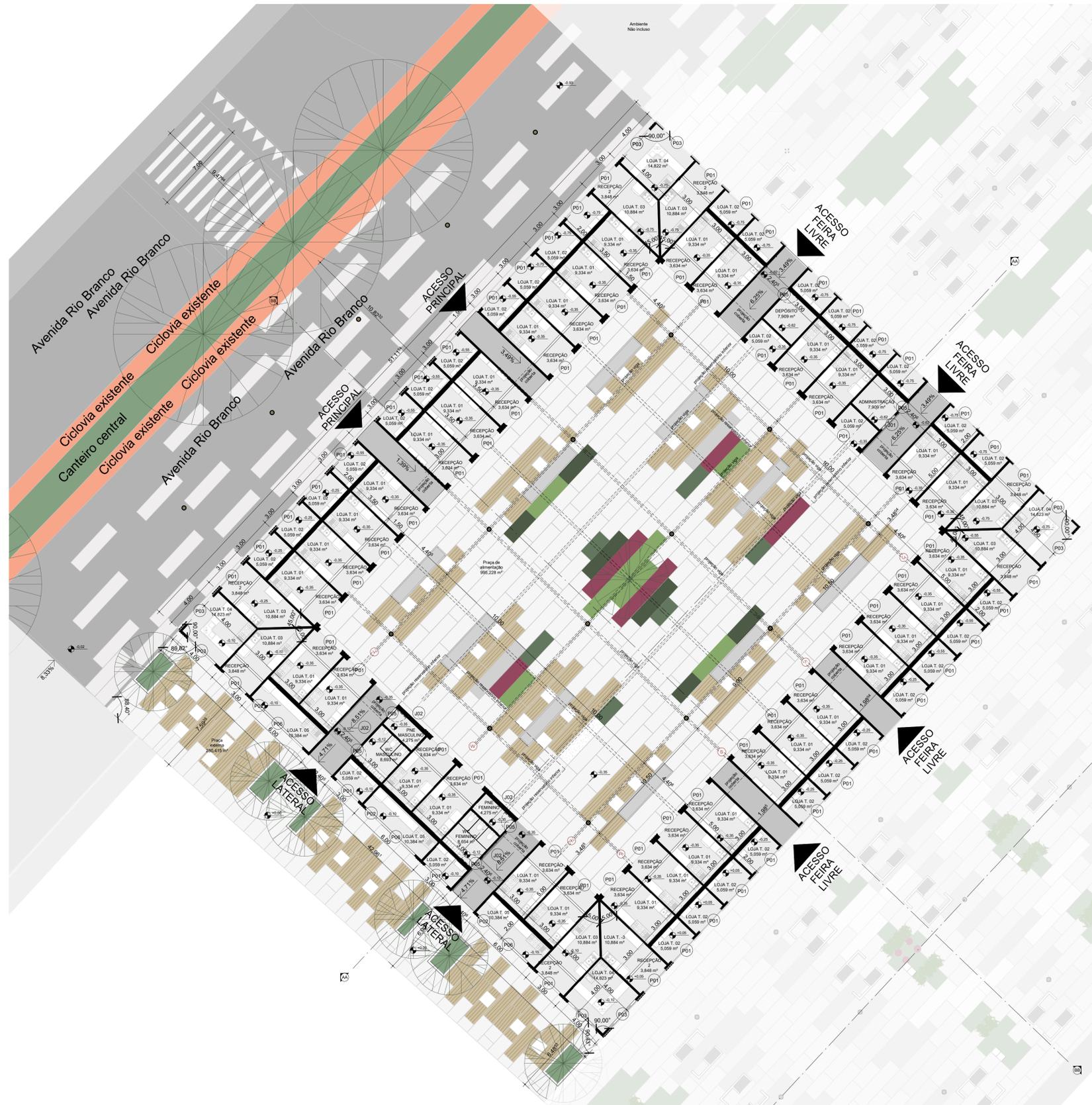


3 FACHADA SUDESTE MERCADO
ESCALA 1:100



4 FACHADA SUDESTE MERCADO
ESCALA 1:100

PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ PROJETO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA CONSTRUÇÃO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA		ST 180/175 -	INSC NA P.M.J.P. VL S/LT
FOLHA 2 /07	PROJETO: INTERVENÇÃO URBANA NO MERCADO PÚBLICO E NA FEIRA LIVRE DE SAPÉ PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ LOCAL: AV. RIO BRANCO - TR. TIRADENTES - R. ALFREDO COUTINHO - R. ORCINE FERNANDES		
DESENHO CÓPIA VISTO	RESPONSÁVEL Autor	INSC NA P.M.J.P. Autor	RUBRICA
ESCALAS	DESENHO(S) TERREJO APROXIMADO	ÁREA DO TERREJO: 12411,040 m ² ÁREA PROJEÇÃO: 7334,24m ² ÁREA DA CONST.: 7334,240 m ² ÁREA PERMEÁVEL: 607,14m ² TR DE OCUPAÇÃO: 50% ÍNDICE DE APROV.: 0	
INSC NA P.M.J.P.			
INSC NA P.M.J.P.		INSC NA P.M.J.P.	



QUADRO DE ÁREAS INTERNAS

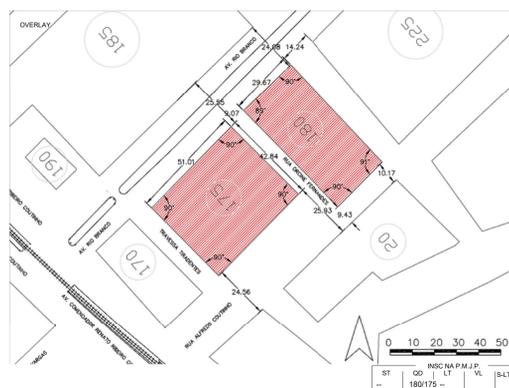
Contagem	NOME	NÍVEL	ÁREA	PERÍMETRO
1	ADMINISTRAÇÃO	TERREO	7.909 m²	11.250
1	DEPÓSITO	TERREO	7.909 m²	11.250
34	LOJA T. 01	TERREO	9.334 m²	9.334
34	LOJA T. 02	TERREO	9.334 m²	9.334
7	LOJA T. 03	TERREO	9.334 m²	14.516
4	LOJA T. 04	TERREO	14.823 m²	15.400
3	LOJA T. 05	TERREO	10.384 m²	15.250
1	LOJA T. 06	TERREO	10.884 m²	14.514
1	PIE FEMININO	TERREO	4.275 m²	6.700
1	PIE MASCULINO	TERREO	4.275 m²	6.700
1	Placa de alimentação	TERREO	866.225 m²	136.976
1	Placa de energia	TERREO	280.415 m²	109.913
35	RECEPÇÃO	TERREO	3.834 m²	8.400
7	RECEPÇÃO 2	TERREO	3.834 m²	8.400
1	WC FEMININO	TERREO	6.854 m²	14.400
1	WC MASCULINO	TERREO	6.854 m²	14.400

ESPECIFICAÇÃO ESQUADRIAS - JANELAS E ELEMENTO...

CÓD.	QT.	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	TIPO
J01	1	1.5000	1.0000	1.1000	Veneziana 1.50 x 1.00
J02	2	1.2000	0.5000	1.5000	Box-de-tubo 1.20 x 0.50
J03	2	1.2000	0.5000	1.6000	Box-de-tubo 1.20 x 0.50

ESPECIFICAÇÃO ESQUADRIAS - PORTAS E PORTÕES

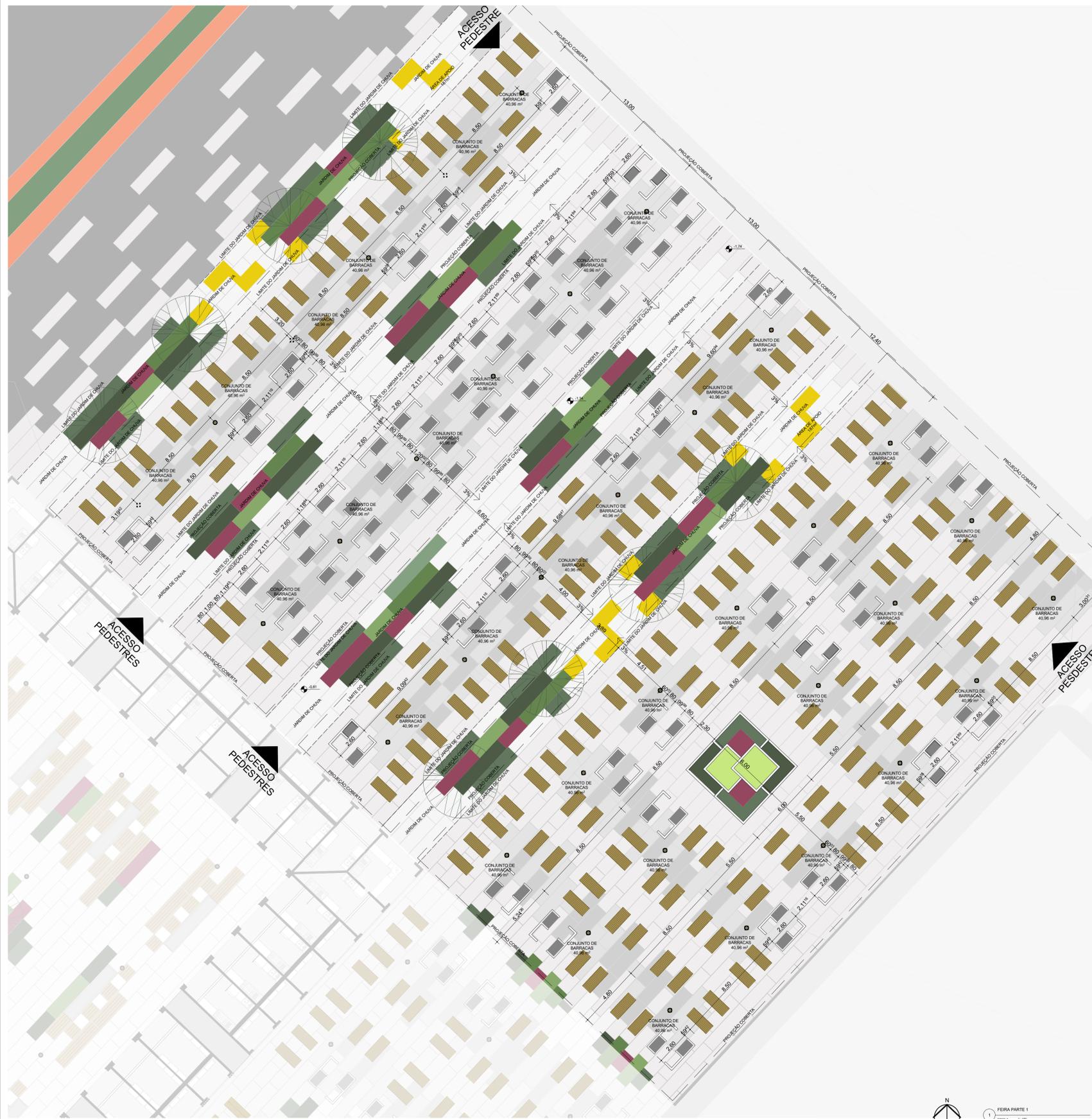
CÓD.	QT.	LARGURA	ALTURA	TIPO
P01	76	2.2500	2.8000	PORTA DE ROLO
P02	3	1.1000	2.8000	PORTA DE ROLO 4
P03	3	2.2000	2.8000	PORTA DE ROLO 2
P05	6	0.9000	2.1300	PORTA DE ABRIH MADEIRA
P06	3	3.8000	1.6000	PORTA DE ROLO 5



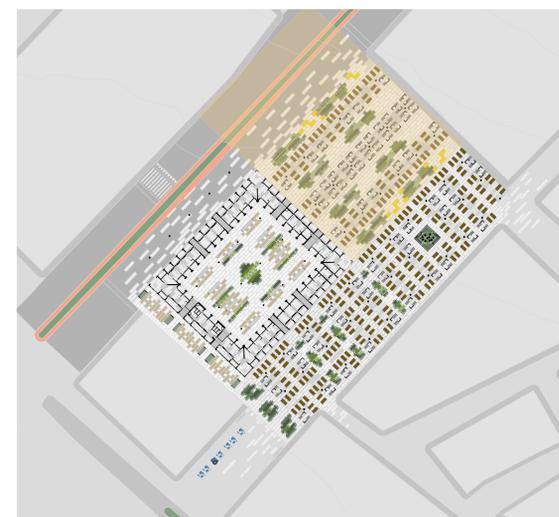
PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ
 PROJETO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA
 CONSTRUÇÃO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA

FOLHA 3 /07	PROJETO: INTERVENÇÃO URBANA NO MERCADO PÚBLICO E NA FEIRA LIVRE DE SAPÉ	PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ
	LOCAL: AV. RIO BRANCO - TR. TIRADENTES - R. ALFREDO COUTINHO - R. ORCINE FERNANDES	RESPONSÁVEL: INSC NA P.M.J.P.
DESENHO: VIVIAN SOUZA		
CÓPIA: VIVIAN SOUZA		
VISTO: VIVIAN SOUZA		
ESCALAS	DESENHO(S) PLANTA MERCADO, PLANTA RESERVATÓRIO, FACHADA MERCADO	ÁREA DO TERRENO: 12411,040 m² ÁREA DA CONST.: 7334,240 m² TR DE OCUPAÇÃO: 59% ÍNDICE DE APROV.: 0
		INSC NA P.M.J.P. INSC NA P.M.J.P.

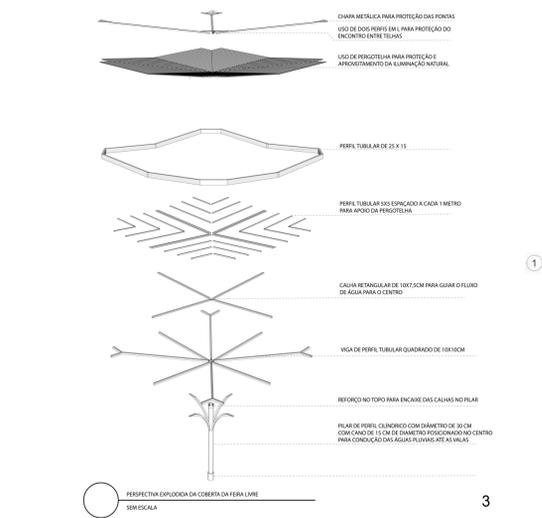




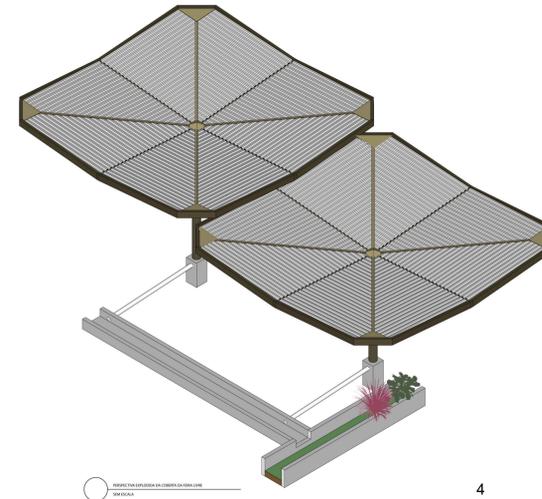
1 FEIRA PARTE 1
ESCALA 1:100



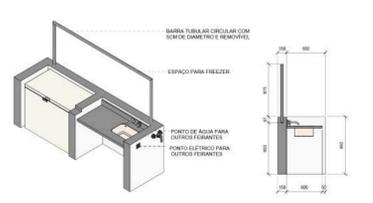
2 FEIRA localização 2
ESCALA 1:1000



3 PERSPECTIVA ELEVADA DA COBERTURA EM FERRO LIVRE
SEM ESCALA

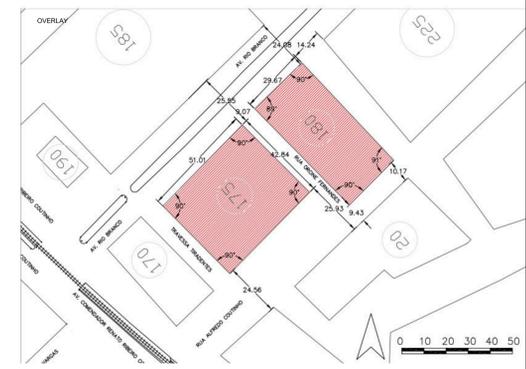


4 PERSPECTIVA EM PLANO DA COBERTURA EM FERRO LIVRE
SEM ESCALA

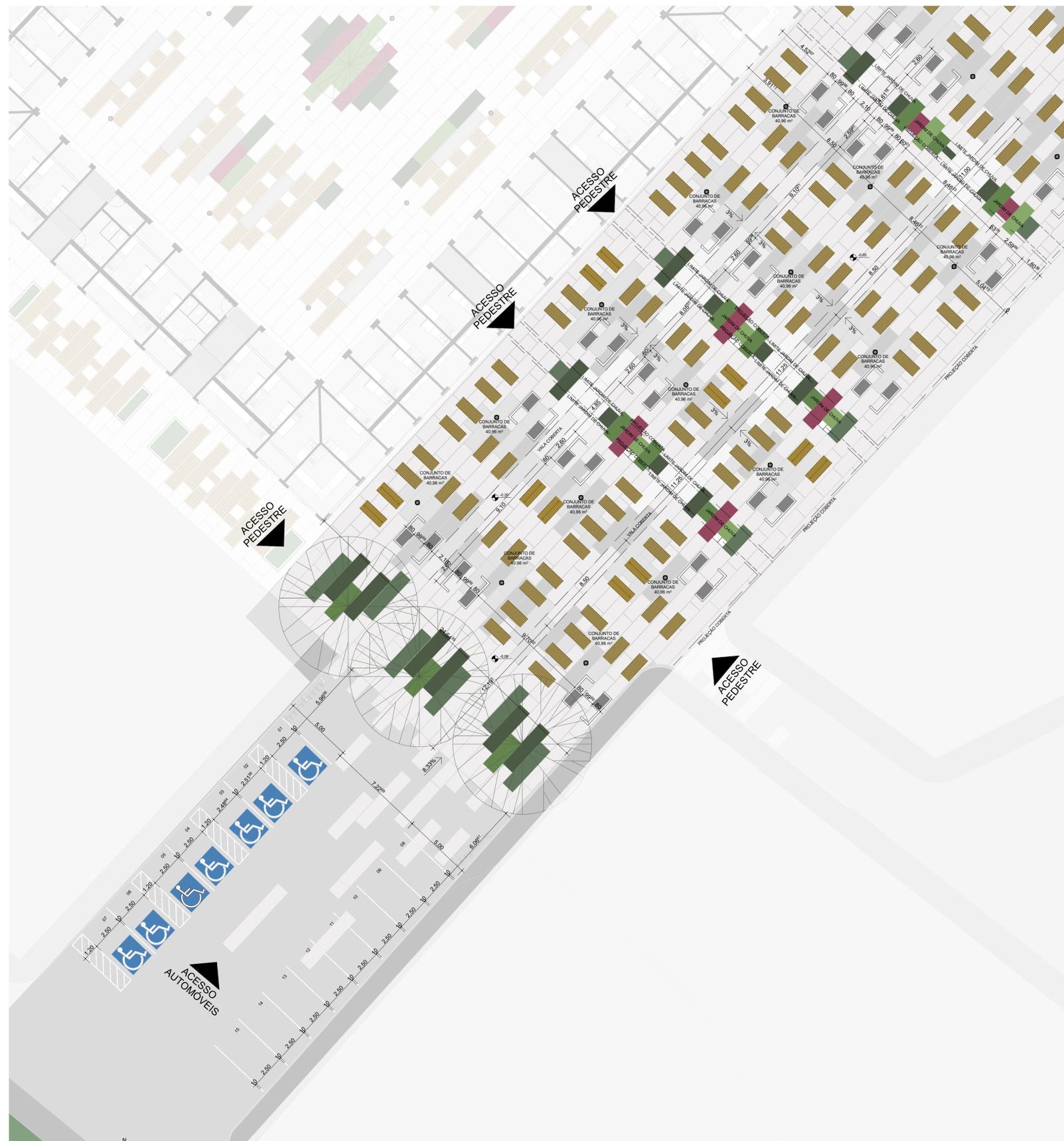


1 PERSPECTIVA BANCADA
SEM ESCALA

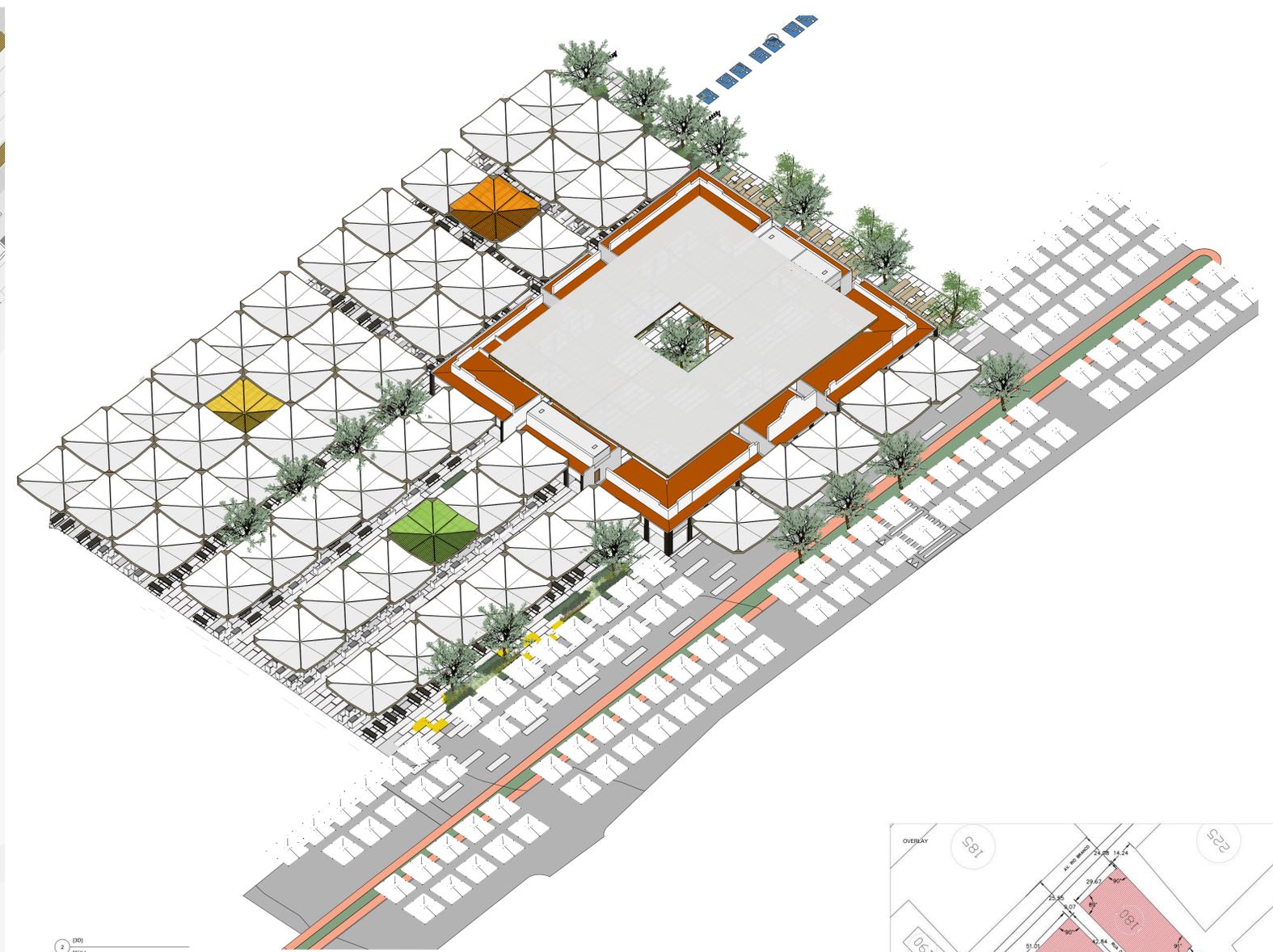
2 Corte bancada de carne
SEM ESCALA



PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ			
PROJETO:			
CONSTRUÇÃO:			
FOLHA 6 /07	PROJETO: INTERVENÇÃO URBANA NO MERCADO PÚBLICO E NA FEIRA LIVRE DE SAPÉ	INSC NA P.M.J.P.	
	PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ	VL	
	LOCAL: AV. RIO BRANCO - TR. TIRADENTES - R. ALFREDO COUTINHO - R. ORCINE FERNANDES	BLT	
DESENHO CÓPIA VISTO	RESPONSÁVEL	INSC NA P.M.J.P.	RUBRICA
ESCALAS	DESENHO(S) PLANTA ZONA 1	ÁREA DO TERRENO: 12411,040 m²	ÁREA PROJEÇÃO: 7334,24m²
		ÁREA DA CONST.: 7334,240 m²	ÁREA PERMITEÍVEL: 907,14m²
		TX DE OCUPAÇÃO: 50%	ÍNDICE DE APROV.: 0
		INSC NA P.M.J.P.	
		INSC NA P.M.J.P.	INSC NA P.M.J.P.



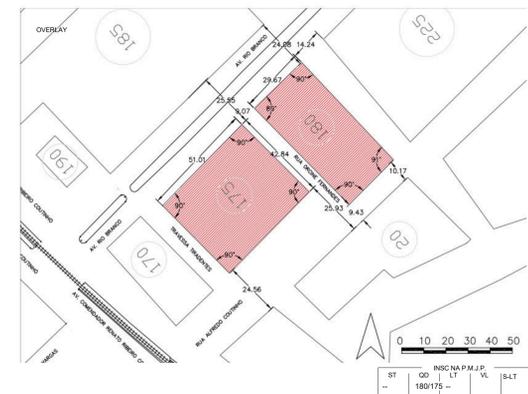
1 FEIRA PARTE 2
ESCALA 1:100



2 (30) VISÃO



3 TERRELO localização 3
ESCALA 1:1000



PROPRIETÁRIO: PREFEREIRA MUNICIPAL DE SAPE	
PROJETO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA	
CONSTRUÇÃO: VIVIAN FIGUEIREDO DE SOUZA	
FOLHA 7 /07	PROJETO: INTERVENÇÃO URBANA NO MERCADO PÚBLICO E NA FEIRA LIVRE DE SAPE PROPRIETÁRIO: PREFEREIRA MUNICIPAL DE SAPE LOCAL: AV. RIO BRANCO - TR. TIRADENTES - R. ALFREDO COUTINHO - R. ORCINE FERNANDES
DESENHO CÓPIA VISTO	RESPONSÁVEL INSC NA P.M.J.P. RUBRICA Autor Autor Autor
ESCALAS	DESENHO(S) PLANTA FEIRA PARTE 2, PERSPECTIVA GERAL
	ÁREA DO TERRENO: 12411,040 m² ÁREA DA CONST.: 7334,240 m² TX DE OCUPAÇÃO: 59% ÍNDICE DE APROV.: 0
	INSC NA P.M.J.P. INSC NA P.M.J.P.